



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
INSTITUTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E GESTÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E
SOCIEDADE

LUCAS INÁCIO RODRIGUES

**DESENVOLVIMENTO, CULTURA E TERRITÓRIO: O DOCE PÉ DE
MOLEQUE EM PIRANGUINHO/MG - ENTRE OS SABERES E O
ARTEFATO**

Itajubá – MG

2021



LUCAS INÁCIO RODRIGUES

**DESENVOLVIMENTO, CULTURA E TERRITÓRIO: O DOCE PÉ DE
MOLEQUE EM PIRANGUINHO/MG - ENTRE OS SABERES E O
ARTEFATO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

Área de Concentração: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta
Coorientador: Prof. Dr. Adilson da Silva Mello

Itajubá – MG

2021



LUCAS INÁCIO RODRIGUES

**DESENVOLVIMENTO, CULTURA E TERRITÓRIO: O DOCE PÉ DE
MOLEQUE EM PIRANGUINHO/MG – ENTRE OS SABERES E O
ARTEFATO**

Texto de dissertação apresentado à banca de defesa para obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá.

Itajubá, 23 de Julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Carvalho de Andrade
IFSULDEMINAS – Campus Poços de Caldas
Universidade Federal de Alfenas (Unifal) – PPGE0

Prof. Dr. Rosinei Batista Ribeiro
Unifatea - PPG-DTI
Universidade Federal de Itajubá (Unifei) – PPG – DTecS

Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta
Orientador
Universidade Federal de Itajubá (Unifei) – PPG – DTecS

Prof. Dr. Adilson da Silva Mello
Coorientador
Universidade Federal de Itajubá (Unifei) – PPG – DTecS

*Dedico este trabalho ao meu pai,
Benedito Cândido Rodrigues (Goiaba),
que nos deixou fisicamente
nesta fase final de dissertação.
Te amo.*

*“A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do caminho.”
Santo Agostinho*

Joaquim Mota de Almeida (In memoriam)

*“A função do historiador [memorialista] é ser o guardião da
memória dos acontecimentos públicos.”
(BURKE, 2000, p. 69)*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus e à minha família; Benedito (*In memoriam*) e Inez, meus amados pais, que sempre me apoiaram nas minhas decisões profissionais e pessoais; às minhas irmãs, Edina e Fernanda, que também sempre me apoiaram e me ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje; aos meus sobrinhos Christyan, Thiago, Alice e Alana, que sempre alegraram minha vida; e em especial à Mayara, que sem sua companhia eu não iria conseguir ir adiante durante os problemas da caminhada, sua amizade e amor são muito importantes em minha vida.

Um agradecimento especial ao meu amigo Cleyton Antônio da Costa, meu orientador na graduação e que me influenciou no início de minha caminhada nas pesquisas acadêmicas, instigando-me a olhar a cultura de uma forma diferenciada e de perceber as influências deste campo na organização histórica e social. Juntamente ao professor Cleyton, eu gostaria de agradecer a todos os professores que compartilharam comigo a sabedoria no período de graduação em História e da especialização em História, Educação e Sociedade na Universidade do Vale do Sapucaí.

Agradeço aos meus companheiros de trabalho na Escola Municipal Professora Laís Peralta Carneiro em Maria da Fé/MG. Obrigado pelo apoio incondicional de todos, mas em especial da diretora Brígida, sempre atenciosa e incentivadora. Aproveito e agradeço a todos os meus alunos que me fazem cada vez mais ir atrás de conhecimento para partilhar com eles e proporcionar aulas mais dinâmicas e críticas.

Agradeço aos envolvidos diretamente na construção deste trabalho. Todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional, um muito obrigado. Aos funcionários da Universidade Federal de Itajubá que fazem do seu trabalho um acalanto a todos nós que utilizamos dos espaços físicos e digitais da instituição, um muito obrigado. Aos meus orientadores, Carlos Alberto Máximo Pimenta e Adilson da Silva Mello, obrigado pela paciência, pelos conselhos e também pelas “puxadas de orelha” para meu crescimento como pesquisador. Vocês foram fundamentais para que este trabalho fosse “concluído”, ou melhor, para que este trabalho tenha aberto novas possibilidades dentro dos campos de pesquisa.

Ao colega e amigo Thiago Raymundo, que me auxiliou durante a realização das entrevistas e nos conselhos durante esta fase de minha vida, muito obrigado. Agradeço a todos os sujeitos que entrevistamos para o recolhimento de informações que serviram como fonte, sem vocês, nosso trabalho não poderia ser desenvolvido da maneira que propomos.

Agradecimento especial ao professor Ralf Ricardo que teve grande contribuição para a realização e aprovação na prova de proficiência em inglês e à Michelen C. P. de Falco Ayres, pelo zelo e atenção no processo de correções ortográficas.

Agradeço aos amigos que o DTecS (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) me deu: Fabiano e Tamyres, que mesmo sendo de áreas do conhecimento distintas, fizeram-me refletir constantemente sobre meu trabalho durante nossas conversas durante o nosso processo no mestrado. Ao grupo de estudos NEID (Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Desenvolvimento), que além de contribuir com o conhecimento interdisciplinar, também foi um espaço de desabafo e troca de sentimentos, que fizeram deste processo um pouco mais leve. Aos colegas Elo, Sabrina, Lucas Peixoto, Natácia, Thabata, Éder, Marcelo e Caio.

Um agradecimento especial aos professores que fizeram parte de minha banca de qualificação e de defesa, ao professor Alexandre Carvalho de Andrade, docente do Instituto Federal do Sul de Minas, *campus* Poços de Caldas e ao professor Rosinei Batista Ribeiro, docente do Centro Universitário Teresa D'Ávila e do PPG – DTecS da Universidade Federal de Itajubá, a contribuição de vocês para o desenvolvimento de nosso trabalho foi essencial.

Agradeço aos meus amigos Caíque, Natanael e Luís Eduardo, que durante este período de mestrado me auxiliaram com diálogos acadêmicos e sobre fatos contemporâneos, fazendo com que ampliasse a minha visão sobre o mundo. Agradeço aos meus amigos Giovane e Ivan, que também passaram pelo mesmo processo que eu, porém com experiências diferentes, Giovane no Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Ivan no Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O diálogo e a troca de conhecimentos com vocês durante este período foi muito importante para a continuidade desta pesquisa e no desenvolvimento de novas perspectivas.

Em especial, agradeço ao senhor Joaquim Mota de Almeida, memorialista que também nos auxiliou com sua memória sobre a história, cultura e economia local, falecido em meados do ano de 2020. Sua memória se perpetuará.

Enfim, muito obrigado a todos que fazem parte de minha vida.

Ao assentar a lupa sobre o tecido resultado da costura entre memória e poder, o pesquisador coloca-se em condições de compreender a teia de forças que lhe confere sentido. Memória e poder exigem-se. Onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento.

Mario Chagas (2003, p. 141)

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização geográfica do município de Piranguinho/MG.....	20
Mapa 02: Trajeto do Rio Sapucaí.....	73
Mapa 03: Via Férrea <i>Sapucahy</i> em 1947.....	78
Mapa 04: Trajeto da Estrada de Ferro <i>Sapucahy</i> no ano de 1898.....	79
Mapa 05: Entroncamento de rodovias federais no estado de Minas Gerais.....	85
Mapa 06: Entroncamentos de rodovias federais nas regiões sul e sudeste de Minas Gerais..	86
Mapa 07: Rodovias que transpassam Piranguinho.....	87
Mapa 08: Mancha urbana de Itajubá.....	90
Mapa 09: Mancha urbana de Piranguinho.....	91
Mapa 10: Microrregiões do Sul de Minas Gerais.....	99
Mapa 11: Microrregião de Itajubá.....	102

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: <i>Web Site</i> oficial da Prefeitura Municipal de Piranguinho/MG.....	55
Imagem 02: Monumento “O menino”.....	56
Imagem 03: Letreiro no trevo do município.....	56
Imagem 04: Portais de boas vindas.....	58
Imagem 05: Confeção do doce pé de moleque durante a festa.....	63
Imagem 06: Rio Sapucaí. Divisa entre Piranguinho e São José do Alegre.....	72
Imagem 07: Bandeira do município de Piranguinho.....	74
Imagem 08: Estação do Piranguinho.....	82
Imagem 09: Marcas dos trilhos.....	82
Imagem 10: Atual estrutura da antiga estação ferroviária de Piranguinho.....	83
Imagem 11: Barracas de doce.....	106
Imagem 12: Guia gastronômico do Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira.....	108
Imagem 13: Imagens presentes no Guia gastronômico.....	113
Imagem 14: Layout para a CC.....	129
Imagem 15: Saberes e fazeres.....	131
Imagem 16: Barras de rapadura com coloração distintas.....	135
Imagem 17: Sacas com amendoim organizado no estoque.....	137
Imagem 18: Processo de produção do doce pé de moleque.....	139
Imagem 19: Sistema de relações “Homem-Máquina-Ambiente”.....	141
Imagem 20: Torrador – Fábrica AZ. de pé de moleque.....	143
Imagem 21: Máquina de embalar – Fábrica AZ. de pé de moleque.....	144
Imagem 22: Fogão industrial – Fábrica V. de pé de moleque.....	145
Imagem 23: Fogão industrial – Fábrica A. de pé de moleque.....	146
Imagem 24: Processo de derretimento – Fábrica A. de pé de moleque.....	147
Imagem 25: Torrador – Fábrica A. de pé de moleque.....	148
Imagem 26: Despeliculador, ou máquina de limpar – Fábrica A. de pé de moleque.....	149
Imagem 27: Antes e depois do amendoim – Despeliculador.....	150
Imagem 28: A Festa do Pé de Moleque e seu início histórico.....	152
Imagem 29: Atrações da 1ª Festa do Pé de moleque.....	153
Imagem 30: A Festa do pé de moleque, organização e manutenção.....	155

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Quadro 01: Percurso metodológico.....	26
Quadro 02: Tipo de turismo a partir de motivações pessoais.....	110
Quadro 03: Organização dos livros do Tombo.....	118
Tabela 01: Lista de entrevistados.....	35
Tabela 02: IDHM e seus componentes em Piranguinho.....	95
Tabela 03: Renda, pobreza e desigualdade em Piranguinho.....	96
Tabela 04: Estrutura etária da população piranguinhense.....	97
Tabela 05: Levantamento populacional dos municípios da Microrregião de Itajubá.....	101
Gráfico 01: Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal.....	93
Gráfico 02: Taxa de oscilação do IDHM de Piranguinho.....	94
Gráfico 03: IDHM de Piranguinho em 1991, 2000 e 2010.....	96
Gráfico 04: Leis relacionadas aos patrimônios em Piranguinho.....	116
Gráfico 05: Leis sobre os patrimônios materiais e imateriais.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS

Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO)
Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (ADHB)
Cartografias das Controvérsias (CC)
Circuito Turístico Caminhos da Fé (CTCF)
Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira (CTCM)
Circuito Turístico Estrada Real (CTER)
Circuito Turístico Serras Verdes do Sul de Minas (CTSV)
Fundação João Pinheiro (FJP)
Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS)
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)
Instituto de Engenharia de Produção e Gestão (IEPG)
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG)
Movimentos de Controvérsias (MC)
Movimentos de Cristalização (MCr)
Movimentos Intermediários (MI)
Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID)
Núcleo de Estudos e Pesquisa Histórica (NEPHIS)
Organização das Nações Unidas (ONU)
Plano Rodoviário Nacional (PRN)
Programa Alimento Seguro (PAS)
Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG – DTecS)
Renda Nacional Bruta (RNB)
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)
Teoria Ator-Rede (TAR)
Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS)
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

RODRIGUES, Lucas Inácio. *Desenvolvimento, cultura e território: o doce pé de moleque em Piranguinho/MG - entre os saberes e o artefato*. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), Itajubá. 2021.

RESUMO

O estudo se constitui sobre o tema desenvolvimento e cultura, ao qual assume a busca pela compreensão da organização do processo produtivo da confecção e venda do doce Pé de moleque no município de Piranguinho-MG e suas influências no desenvolvimento e na construção da identidade local. A justificativa da pesquisa consiste na possibilidade de ampliar as produções acadêmicas sobre a microrregião de Itajubá, em especial as pesquisas voltadas ao município em questão. Buscamos também questionar os sentidos e conceitos voltados à questão do desenvolvimento, ampliando as definições para além da matriz meramente econômica, utilizando da cultura como possibilidade para alavancar o desenvolvimento local. Objetiva-se, por meio das ações dos gestores públicos e dos processos organizativos de políticas culturais sobre geração de renda, identificar as concepções de desenvolvimento e de sustentabilidade que norteiam os traçados de organização socioculturais e político-econômicos entre o público e o privado. Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de entrevistas, visitas de observação, registro fotográfico e de imagens, levantamento de documentos oficiais e públicos, leis e jornais, os quais permitem a identificação estabelecida no objetivo apontado a partir da organização das cartografias de controvérsias, das redes de relações presentes sobre as práticas culturais relacionadas ao doce pé de moleque. Espera-se, além do entendimento sobre as tendências do desenvolvimento local, a organização de informações que possam auxiliar o rumo dos produtores locais e do poder público no que diz respeito à geração de renda e os modos de organizações em prol da sustentabilidade social local, por conta disso este trabalho se torna relevante como uma pesquisa de impacto social ao analisar o processo de produção e seus reflexos no desenvolvimento local.

Palavras-Chave: Desenvolvimento local; Saberes/Fazeres locais; Cultura e Desenvolvimento; Pé de moleque de Piranguinho, MG; Território e Desenvolvimento.

RODRIGUES, Lucas Inácio. *Development, culture and territory: the sweet peanut brittle in Piranguinho/MG - between knowledge and artifact*. 2021. Dissertation (Master in Development, Technology and Society) - Federal University of Itajubá, Itajubá. 2021.

ABSTRACT

The study is based on the theme of development and culture, which seeks to understand the organization of the production process of making and selling Pé de Moleque (peanut brittle) sweets in the city of Piranguinho/MG and its influences on the development and construction of local identity. The justification for the research is the possibility of expanding academic production on the micro-region of Itajubá, especially research aimed at the municipality in question. We also seek to question the meanings and concepts related to the issue of development, expanding the definitions beyond the merely economic matrix, using culture as a possibility to leverage local development. The objective is, through the actions of public managers and organizational processes of cultural policies on income generation, to identify the concepts of development and sustainability that guide the outlines of sociocultural and political-economic organization between public and private. From a methodological point of view, a field research was carried out through interviews, observation visits, photographic and image recording, survey of official and public documents, laws and newspapers, which allow the identification established in the objective indicated from the organization of cartographies of controversies, networks of relationships present on cultural practices related to the sweet peanut tree. It is expected, in addition to understanding local development trends, the organization of information that can help the direction of local producers and public authorities with regard to income generation and ways of organizing in favor of local social sustainability, because of this, this work becomes relevant as a social impact research by analyzing the production process and its effects on local development.

Keywords: Local development; Knowledge/Doings; Culture and Development; Peanut brittle (Pé de moleque) from Piranguinho, MG; Territory and Development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
ANTECEDÊNCIA DA PESQUISA.....	18
APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	19
OBJETO E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA.....	22
PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
O ESTADO DA ARTE.....	27
HISTÓRIA ORAL: CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURAS.....	31
FOTOGRAFIAS: MEMÓRIAS VISUAIS.....	38
CADERNO DE CAMPO: ORGANIZAÇÃO DOS PASSOS DE UMA PESQUISA.....	40
ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	41
CAPÍTULO I.....	43
DESENVOLVIMENTO E CULTURA: DISCUSSÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS.....	43
1. 1. A INTERDICISPLINARIDADE NA PESQUISA.....	43
1. 2. O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO.....	48
1. 3. O IMÁGINÁRIO SOCIAL.....	53
CAPÍTULO II.....	70
RELAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO E TERRITÓRIO: O LOCAL E O MICRORREGIONAL.....	70
2. 1. PIRANGUINHO: O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA.....	70
2. 2. OS TRILHOS DA HISTÓRIA: O TREM E A ORIGEM DE PIRANGUINHO.....	75
2. 3. ROTA - 459: DOS TRILHOS AO ASFALTO.....	84
2. 4. POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	92
CAPÍTULO III.....	98
ECONOMIA DA CULTURA, SABERES/FAZERES E DESENVOLVIMENTO: POSSIBILIDADES DO TURISMO LOCAL.....	98
3. 1. PIRANGUINHO/MG E A MICRORREGIÃO DE ITAJUBÁ NO CONTEXTO REGIONAL.....	98
3. 2. POSSIBILIDADES DO TURISMO LOCAL.....	104
3. 3. LEGISLAÇÃO E PATRIMÔNIO.....	115
CAPÍTULO IV.....	122
ENTRE RELAÇÕES E CONTROVÉRSIAS: AÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS CULTURAIS	122
4. 1. TEORIA ATOR-REDE (TAR) E A CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS (CC): CONEXÕES SOCIAIS.....	122

4. 1. 1. MOVIMENTOS DE AGREGAÇÃO	127
4. 1. 2. A CONSTRUÇÃO DAS REDES	128
4. 1. 3. OS MAPAS OLIGÓPTICOS	129
4.2. PÉ DE MOLEQUE: O SABER/FAZER	131
4. 3. RELAÇÃO HOMEM/MÁQUINA	138
4. 4. ARTEFATO E PATRIMÔNIO: “A FESTA DO MAIOR PÉ DE MOLEQUE DO MUNDO”	151
4. 5. TRABALHOS FUTUROS	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
ANEXOS	177
01 – RECEITA DO DOCE PÉ DE MOLEQUE	177
ANEXOS	178
02 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	178
ANEXOS	180
03 – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO – BARRACAS – PRODUTORES	180
ANEXOS	181
05 – PARTICIPANTES DO CIRCUITO TURÍSTICO CAMINHOS DA MANTIQUEIRA (CTCM)	181
ANEXOS	182
06 – CIRCUITOS TURÍSTICOS - CAMINHOS DA FÉ (CTCF) E SERRAS VERDES DO SUL DE MINAS (CTSV)	182

INTRODUÇÃO

“É fundamental diminuir a distância
entre o que se diz e o que se faz,
de tal forma que, num dado momento,
a tua fala seja a tua prática.”

Paulo Freire

Este trabalho consiste na realização de uma pesquisa sobre o município de Piranguinho, localizado na região sul do estado de Minas Gerais, com o intuito de compreender como é organizada a prática da confecção e da venda do doce pé de moleque, relacionando essa atividade com o processo de desenvolvimento e a construção do imaginário e da identidade local. Neste capítulo introdutório, serão apresentados o tema de estudo, as principais referências e as metodologias utilizadas para cumprir com os objetivos propostos.

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG–DTecS), no Instituto de Engenharia de Produção e Gestão (IEPG) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), esta pesquisa compõe as discussões do Núcleo de Estudo Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID)¹, grupo de estudos que iniciou suas atividades no ano de 2016 com a pretensão de discutir o desenvolvimento e suas interfaces, em especial no campo cultural.

Relacionada à linha de pesquisa “Desenvolvimento e Sociedade”², esta pesquisa se propõe a compreender as relações presentes entre a prática cultural com o desenvolvimento local, considerando desenvolvimento não simplesmente atrelado às questões econômicas, mas relacionando o conceito com as mais diversas áreas, como as sociais, culturais, ambientais e econômicas, por meio de um foco no artefato constituído a partir dos saberes populares, o doce pé de moleque.

A partir das discussões para o desenvolvimento da pesquisa, compreende-se que a abordagem sobre os conceitos de desenvolvimento e de cultura são fundamentais para o entendimento das novas configurações do mundo contemporâneo, permitindo reflexões sobre

¹ Mais informações disponíveis em <https://nucleoneid.wixsite.com/neid>, acesso em 23 de setembro de 2020.

² Estuda o tema do Desenvolvimento a partir da concepção de que este não deve ser vinculado, exclusivamente, ao crescimento econômico, uma vez que o próprio processo de industrialização, agravado pelo avanço tecnológico e informacional, trouxe consigo consequências sociais e ambientais, visivelmente demarcadas pela institucionalização de determinado modelo de economia. Busca-se, com base nesse enunciado, refletir sobre o desenvolvimento em suas inúmeras facetas (econômicas, ambientais e sociais), levando-se em consideração o papel do Estado, do mercado, da sociedade civil, dos movimentos sociais. https://sigaa.unifei.edu.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&id=343, acessado em 03 de fevereiro de 2020.

o campo de estudos, contrapondo à questão econômica ou à ordem hegemônica de desenvolvimento.

Atualmente, o grupo NEID desenvolve o projeto: “*Observatório de Desenvolvimento e Cultura no Sul de Minas Gerais*”³, do qual esta pesquisa também é integrante. O projeto trata-se da organização de um banco de informações sobre os modos de saber/fazer, voltados para as experiências culturais nos municípios da região sul do estado, cuja pretensão é a de subsidiar pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS), bem como ações do Poder Público, ONG’s e Associações para intervenção em processos de geração de renda, artefatos e saberes, a partir de levantamentos de informações sobre as práticas de saberes/fazer populares.

O PPG – DTecS caracteriza-se pela realização de estudos que contribuem para a compreensão dos diversos problemas relacionados ao processo de desenvolvimento, com a finalidade de subsidiar políticas culturais e econômicas, públicas e privadas, voltadas para a realidade atual.

ANTECEDÊNCIA DA PESQUISA

As relações do autor com o objeto de estudo proposto surgiu durante sua formação social. Sendo natural de Piranguinho, a prática cultural se fez presente em seu cotidiano, o qual cresceu ao lado de uma fábrica que confecciona e vende, além de outros doces, o doce pé de moleque. Com esses contatos iniciais também começaram a surgir questionamentos, principalmente sobre o trabalho realizado nas fábricas.

As principais matérias-primas para se fazer o doce pé de moleque são: a rapadura e o amendoim.⁴ Por meio disso, o surgimento de dúvidas sobre o lugar de origem desses produtos era natural, pois no município não tinha conhecimento de nenhuma produção de amendoim e de nenhuma produção relacionada à cana de açúcar. Essa questão pode-se dizer, foi o pontapé inicial para aguçar a curiosidade no pesquisador.

Durante sua graduação em “História”, pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS) em Pouso Alegre/MG, o tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso foi voltado para a relação presente entre o município e a memória com o intuito de fazer um levantamento

³ Financiamento Processo FAPEMIG PPM-00548-16 - Programa Pesquisador Mineiro.

⁴ Existem outras receitas conhecidas como “pé de moleque” e que são feitas com base em outras matérias-primas. O saber/fazer presente na confecção do doce pé de moleque em Piranguinho/MG tem como base material apenas a rapadura de cana de açúcar e o amendoim.

sobre as transformações durante o processo de produção do doce pé de moleque e a história local, levando em consideração a oficialização do saber/fazer o doce como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Minas Gerais (RODRIGUES, 2016).

Durante a sua especialização em “História, Educação e Sociedade”, também pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), seu objeto de análise foi a “Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo”, na qual a festividade foi colocada como um campo de disputas de poder e de sociabilidade, uma forma de escape da rotina do cotidiano. O trabalho final da especialização foi publicado como capítulo de um livro organizado pela própria instituição (RODRIGUES, 2018).

Por meio de sua formação, o pesquisador dedica seus trabalhos para temáticas voltadas às questões locais/regionais, às transformações sociais, culturais, econômicas e às influências das relações cotidianas, o campo da memória como fonte de análise importante para o conhecimento de saberes populares e de possíveis conflitos.

Para melhor organização, a parte introdutória foi subdividida em três partes. Na primeira parte: “Apresentação do tema”, será apresentado ao leitor o que se trata o tema que é à base da reflexão do trabalho, de forma clara e objetiva; Na segunda parte: “Apresentação do objeto e problematização da pesquisa”, serão apresentados o objeto de análise e as diversas questões que irão pautar os caminhos construídos durante a pesquisa; Para encerrar, no terceiro tópico da parte introdutória: “Percurso metodológico”, serão demonstrados quais os métodos utilizados e de que forma foram feitas as análises das fontes recolhidas.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Durante sua história, o município de Piranguinho vivenciou várias transformações em diversos campos sociais. Entre essas transformações, as práticas voltadas à produção do doce pé de moleque se destacam como influenciadoras de mudanças e permanências e na mentalidade de seus moradores. Atualmente o município detém o *status* de ser a “Capital Nacional do Pé de Moleque”⁵ e anualmente realiza-se uma festa em “honra”⁶ ao doce, chamada de “Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo”, fazendo alusão ao tamanho que o artefato adquire durante os festejos.

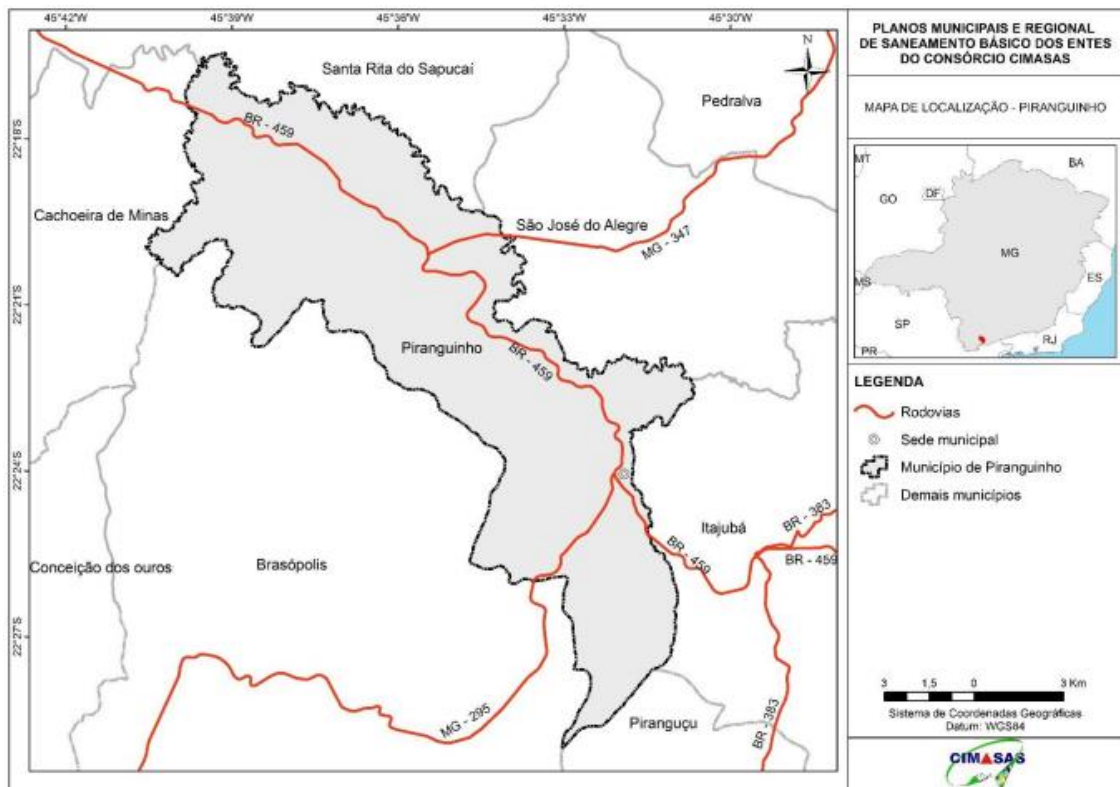
⁵ Esse “*Status*” será analisado e refletido no trabalho.

⁶ Ao relatarmos que a festa é em “honra” ao doce, demonstramos a importância simbólica que esse prato culinário detém na cidade de Piranguinho.

O município corresponde de uma área de 130,4 km² de território, com uma densidade demográfica de 61,47 hab./km². Faz parte da microrregião de Itajubá e da mesorregião do Sul de Minas Gerais.⁷ Com população calculada, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no censo de 2010, em 8.016 habitantes⁸. Piranguinho possui como principais setores econômicos o serviço lojista e a agropecuária. Os municípios limítrofes são: São José do Alegre, Itajubá, Piranguçu, Brazópolis, Cachoeira de Minas e Santa Rita do Sapucaí.

No mapa a seguir é possível observar a localização geográfica e a demarcação dos municípios que fazem limites territoriais com Piranguinho:

Mapa 01: Localização geográfica do município de Piranguinho/MG



Fonte: Consórcio Intermunicipal dos Municípios da Microrregião do Alto Sapucaí para Aterro Sanitário. CIMASAS. (SANTOS, 2014, p. 16)

A região encontra-se na Serra da Mantiqueira, transpassando por seu território a rodovia federal BR-459 e com proximidade das rodovias Fernão Dias e Presidente Dutra.⁹ Sofre influência do Vale do Paraíba paulista e do sul Fluminense. Piranguinho é também um dos treze

⁷ Dados extraídos do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, disponível em http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/piranguinho_mg, acessado em 15 de julho de 2019.

⁸ Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=315100>, acesso em 03 de maio de 2019.

⁹ A distância de Piranguinho até a rodovia Fernão Dias é de 57,8 km e a distância até a rodovia Presidente Dutra é de 82 km. Disponível em Google Maps, acesso em 01 de agosto de 2020.

municípios que compõem a microrregião¹⁰ de Itajubá, microrregião esta que é qualificada como importante polo de desenvolvimento tecnológico no sul de Minas Gerais, por conta do Campus da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), que tem como um foco o ensino das engenharias, e pela localização de empresas de importância regional e nacional, como a fábrica multinacional de peças automotivas, Mahle Metal Leves S.A., e a construtora de helicópteros Helibras.

Para a organização das microrregiões, são estabelecidos os seguintes critérios segundo o IBGE (1990, p. 13):

- Aporte tradicional – denominação do município mais tradicional ou antigo e que tenha tido expressão na articulação do espaço;
- Aporte de hierarquia urbana – denominação de um centro urbano que influencie outras cidades;
- Aporte de contingente populacional urbano.

Todo espaço dividido em microrregiões deve compreender essas três características. Inicialmente, deve haver uma ligação histórica entre as cidades do entorno, como forma de identificação sociocultural entre os atores sociais. A questão da hierarquia urbana é colocada como um aporte entre o “centro” e as “periferias”, a partir da ideia de dependência econômica e de serviços (ARRIGHI, 1997). O terceiro critério a ser considerado para nomear uma microrregião está na densidade populacional da cidade sede.

A microrregião de Itajubá está composta dos seguintes municípios: Brazópolis, Consolação, Cristina, Delfim Moreira, Dom Viçoso, Itajubá, Maria da Fé, Marmelópolis, Paraisópolis, Piranguçu, Piranguinho, Virgínia e Wenceslau Braz. Em relação à população, Itajubá representa a maior quantidade de moradores, com 90.658 habitantes no censo de 2010, já Piranguinho representa um total de 8.016 habitantes no censo do mesmo ano.

Piranguinho, sendo um município de pequeno porte na questão populacional, depende da cidade de Itajubá como uma importante fonte de empregos formais. Em depoimentos sobre a relação entre os dois municípios, alguns entrevistados relataram que Piranguinho, mesmo tendo importância na produção agrária, em geral é um modelo de “cidade-dormitório”, em que trabalhadores das fábricas de Itajubá utilizavam para moradia, por conter um custo de vida mais baixo.

¹⁰ A pesquisa foi realizada entre os anos de 2019 e 2021. A partir do ano de 2017 as definições de mesorregiões e microrregiões Geográficas (1989), passaram a compor uma nova divisão regional no Brasil, as chamadas Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (2017). “A região torna-se, por meio dessa opção, uma construção do conhecimento geográfico, delineada pela dinâmica dos processos de transformação ocorridos recentemente e operacionalizada a partir de elementos concretos (rede urbana, classificação hierárquica dos centros urbanos, detecção dos fluxos de gestão, entre outros), capazes de distinguir espaços regionais em escalas adequadas.” (IBGE, 2017, p. 19)

Cidades-dormitório são aquelas que possuem importantes contingentes de sua população economicamente ativa trabalhando fora do município. É possível identificar as cidades que poderiam ser consideradas como dormitório a partir de um critério elementar que caracterizaria uma situação típica: uma elevada proporção de pessoas que não trabalham no município onde residem. Uma das maneiras de captar empiricamente a dinâmica populacional que configura as chamadas cidades-dormitório é através do Censo Demográfico em que é possível identificar o volume de pessoas que possuem local de residência e de trabalho localizados em municípios diferentes do de origem e, além disso, o seu perfil socioeconômico (OJIMA; MARANDOLA; PEREIRA; 2010).

Sobre os aspectos internos da formação cultural e econômica de Piranguinho, voltadas à produção e comercialização do doce pé de moleque, ocorreram questionamentos sobre o período em que se iniciou essa prática e as transformações no decorrer do tempo, da produção artesanal com principal característica a utilização do fogão de lenha, até os maquinários industriais que atualmente são utilizados pelas fábricas, como necessidade devido ao aumento da demanda do mercado.

A reflexão sobre o desenvolvimento do município, tomando como base as relações entre cultura e desenvolvimento, trazidos como artefatos, artesanatos, festas, manifestações populares, expressões artísticas, estilos de vidas e produção culinária, se circunscreve ao âmbito das dimensões culturais.

OBJETO E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Como base nos aspectos culturais do município, em especial as atividades voltadas para as práticas relacionadas ao doce pé de moleque, a pergunta que norteia esta pesquisa é a seguinte: “As relações entre desenvolvimento, cultura e território, a partir dos processos de produção do doce pé de moleque no município de Piranguinho, influenciam no processo de desenvolvimento local?”

Esta pergunta problema promove outras perguntas que se relacionam entre si: Sobre os modos de fazer o doce; de que local são originárias as matérias-primas para a confecção do pé de moleque? Como são organizadas as fábricas responsáveis por essa atividade? Existem relações entre a produção fabril com a vida social local? Quantas pessoas têm o trabalho relacionado, direta ou indiretamente com a produção do doce? A produção do doce pé de moleque é realmente um “motor” para a economia local? Qual a percepção sobre

desenvolvimento pelos moradores? As perguntas para organizar a pesquisa foram constituídas e amadurecidas com o processo de leitura e de análise dos dados.

As discussões teóricas ajudaram a organizar os caminhos para que fossem sanados esses questionamentos e formulados novos, sempre evidenciando a pluralidade que pode existir no objeto estudado. O próprio conceito de desenvolvimento em suas diversas definições é bastante amplo e plural e o conceito de cultura também corresponde a uma variedade de definições. Por meio disso, as escolhas foram tomadas e os conceitos definidos conforme o contexto que foi apresentado.

A análise inicial se deu por meio das fontes primárias, como dados do IBGE voltados ao município, documentos históricos, entrevistas dialogais, imagens e fotografias. Além da utilização de reportagens feitas por emissoras de televisão e por meio de propagandas que são viabilizadas pelas redes sociais, como o *Youtube*, o *Facebook* e o *Instagram*, que serviram como fonte de reflexão e análise.

Com a organização da problematização, alguns objetivos foram traçados para o desenvolvimento da dissertação. O *objetivo geral* foi o de compreender as concepções de desenvolvimento associadas às dimensões do local e da sustentabilidade que norteiam as formas organizativas socioculturais e político-econômicas no município de Piranguinho e suas influências na construção da identidade local, levando em conta os saberes presentes para o desenvolvimento do artefato “pé de moleque”.

Especificamente, os objetivos traçados são:

1. Identificar as ações direcionadas pelo poder público local e os agentes privados para o desenvolvimento de Piranguinho. Neste ponto, foi proposta a análise de como o poder público local e os agentes privados, que são, no caso os empresários donos dos empreendimentos, visualizam suas atitudes para geração de desenvolvimento.
2. Apreender como se dá o processo de construção do imaginário social dos moradores sobre o território. Aqui, se pretende promover uma reflexão sobre o sentimento de pertencimento e identificar quais as perspectivas sobre o local.
3. Apreender a construção do campo denominado “Economia da Cultura”, a partir da análise dos saberes e fazeres presentes no processo de produção do doce e com isso construir redes de relações presentes em todo o processo, por meio das Cartografias de Controvérsias.

A *priori*, o pensamento sobre o conceito de desenvolvimento era, e em muitas ocasiões ainda o é, basicamente, voltado para as atividades econômicas, o lucro e o “progresso”

financeiro que os investimentos provocariam. Nota-se, claramente, esta perspectiva nos depoimentos e nos textos oficiais encontrados no site da prefeitura municipal.

No diálogo informal com os moradores foi possível perceber que, colocada em pauta a questão do desenvolvimento, para alguns moradores, o conceito tem a base no viés econômico do lucro e quando questionados sobre como esse desenvolvimento poderia afetar o município, a resposta é quase unânime: que o local só se desenvolverá quando trouxer fábricas e empresas, gerando empregos nesse formato.

O conceito de desenvolvimento adotado na pesquisa vai além das questões meramente econômicas, um desenvolvimento sustentável (SACHS, 2002), que englobe as questões humanas acima das questões de lucro que o Sistema Capitalista emprega. Para Sachs (2002), um desenvolvimento sustentável seria a plena representação de todos os seguintes pilares: políticos, sociais, econômicos, ambientais, ecológicos, culturais e territoriais. Em contrapartida a visão econômica restrita impede o pleno desenvolvimento humano.

A plena representação do desenvolvimento sustentável tem que compreender um desenvolvimento político, no que diz respeito a ações políticas realizadas pelo bem comum; o desenvolvimento social implica na questão da vida em sociedade em que todas as pessoas vivam de maneira digna; o desenvolvimento econômico não está fora do que Sachs prega, mas não é considerado o único com importância; o desenvolvimento ambiental compreende na valorização do meio ambiente em que a sociedade se desenvolve; o desenvolvimento cultural é o trabalho realizado de valorização às atividades culturais de uma determinada sociedade; e o desenvolvimento territorial nos faz compreender a importância do local onde todas as ações sociais são realizadas. A junção dos pilares forma o que Sachs apresenta como desenvolvimento sustentável.

Em Piranguinho, as atividades socioculturais relacionadas ao doce pé de moleque são organizadas pela própria administração pública com o apoio das fábricas produtoras. Eventos como a “Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo” passaram a ser um grande atrativo para moradores e turistas das regiões próximas, e nesse período o município se transforma para se adaptar aos eventos festivos.

Nas atividades econômicas do cotidiano, as fábricas são autônomas, não possuindo nenhum tipo de organização de apoio aos produtores por parte do poder público, como um sindicato ou associação. Existe um coletivo conhecido como “Núcleo de produtores de pés de moleque”, porém, segundo relatos, esse coletivo é meramente ilustrativo, com reuniões periódicas, principalmente, nos meses que antecedem a “Festa do pé de moleque”. A identidade que o doce pé de moleque emprega nos moradores pode ser percebida, além da comercialização

e da festividade, por meio de alguns monumentos, que serão retratados durante a dissertação e que fazem alusão a essa prática.

A compreensão dos traços do Desenvolvimento e seus prováveis impactos locais, analisando os fatores que originaram a “Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo”, as influências econômicas e as propagandas usadas para difundir a identidade local também foram levantadas e analisadas. A festividade, a propaganda, a aliança entre o público e o privado, as relações de contradições presentes no campo da festa e as formas de sociabilidade, tudo isso nos faz refletir a complexidade do tema de pesquisa.

As justificativas da pesquisa consistem na possibilidade de ampliar as produções acadêmicas sobre a microrregião de Itajubá, em especial, as pesquisas voltadas ao município de Piranguinho, pela qual possa trazer subsídios para quem faz o doce e para os gestores locais criarem políticas mais correntes, na qual a prática cultural possa ser mais valorizada, buscando a construção das redes de relações que existem nessa prática. Questionamentos sobre os sentidos e conceitos voltados à questão do desenvolvimento, utilizando da cultura como forma de alavancar o desenvolvimento local, também foi um tópico importante para análise.

Outra importante questão que justifica o trabalho exercido nesta pesquisa consiste na aprovação de leis, como a Lei nº 18.057 de 2009 em âmbito estadual que “declara patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais o processo artesanal de fabricação do doce denominado Pé de Moleque produzido no município de Piranguinho”.¹¹ É fundamental a compreensão sobre as consequências da aprovação dessas leis para o desenvolvimento local no que diz respeito ao poder público e ao poder privado.

As leis voltadas aos patrimônios são denotadas de um forte sentido político, pois demonstra a importância que se aplica a memória e a práticas culturais históricas, que com o apoio de algumas autoridades políticas e civis, vieram a se oficializar. Políticos e empresários do ramo se beneficiaram com a oficialização dessa lei, pois ganharam prestígio e a produção aumentou, devido à maior visibilidade empregada por meio de anúncios publicitários.

PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho é orientado pelo percurso metodológico em construção pelo NEID. Assim, as orientações periódicas foram direcionadas pelas disciplinas do programa e pelos encontros

¹¹ <http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=18057&ano>, acesso em 18 de maio de 2019.

do grupo de estudos que foi se formando juntamente com os alunos orientados dos professores: Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta e Dr. Adilson da Silva Mello. Os pressupostos teóricos compõem a dimensão da epistemologia, coleta e análise de dados que foram construídos teoricamente, dentro da discussão sobre desenvolvimento e cultura, práticas de geração de renda e os saberes e fazeres.

Observe o quadro a seguir sobre os principais pontos metodológicos que foram trabalhados na pesquisa:

Quadro 01: Percurso metodológico



Fonte: Organizado pelos autores (2020).

Como fator *sinequa non*¹² da pesquisa, inicialmente buscou-se conhecer trabalhos com abordagens que tratam de assuntos semelhantes ao assunto aqui proposto, para isso, foram realizados levantamentos de artigos, dissertações e teses, em sites de busca acadêmicos, os quais foram encontrados devido a orientações das palavras-chave: “Economia da cultura; Desenvolvimento Local; Saberes e fazeres; Cartografia das Controvérsias; Cultura e território”.

Os principais sites de busca foram: *Sistema de Información Científica Redalyc*, *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal* (Redalyc);

¹² Sinequa non é uma locução adjetiva, do latim, que significa “sem a qual não”. É uma expressão frequentemente usada no nosso vocabulário e faz referência a uma ação ou condição que é indispensável, que é imprescindível ou que é essencial. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/sinequanon>, acesso em 3 de janeiro de 2020.

ScientificElectronic Library Online (SciELO); *World Wide Science*; Periódico Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); Google Acadêmico;

Com base nesse levantamento de dados, foram selecionados inúmeros textos que se aproximassem da temática pesquisada. Desses textos, foram feitos *downloads* e posteriormente estudados. Inicialmente, foram lidos os resumos e depois os artigos completos para a organização de uma fundamentação teórica aprofundada. A construção do percurso metodológico se pautou a partir dos usos e análises de algumas metodologias específicas que serão relatadas a seguir.

O ESTADO DA ARTE

O Estado da arte pode ser caracterizado pelas buscas “[...] de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado” (FERREIRA, 2002, p. 258).

Consiste em um levantamento dos principais trabalhos que já foram realizados sobre determinada área do conhecimento ou sobre algum assunto específico. Necessariamente, em trabalhos científicos, a prática de fazer esses levantamentos é essencial para pautar a perspectiva que se irá adotar.

Segundo Marques (2004, p. 17)

O Estado da Arte é uma das partes mais importantes de todo trabalho científico, uma vez que faz referência ao que já se tem descoberto sobre o assunto pesquisado, evitando que se perca tempo com investigações desnecessárias. Além disso, auxilia na melhoria e desenvolvimento de novos postulados, conceitos e paradigmas.

O Estado da Arte, como recurso metodológico vem auxiliar os pesquisadores, principalmente os iniciantes, que estão no processo de levantamento bibliográfico para suas pesquisas. Por conta disso, a necessidade de utilização do método de busca e levantamento de trabalhos realizados detém tanta importância. Os principais textos que colaboraram com a escrita deste trabalho estão distribuídos, quando pertinentes suas argumentações, no percorrer do texto, ou por forma indireta ao relatarmos algum conceito ou definirmos algum fato.

As principais teses e dissertações, que analisamos para um maior aprofundamento teórico, foram às seguintes:

A obra “O artesanato de Novo Airão: sustentabilidade e identidade cultural na economia criativa”, de autoria de Auzier (2017). A autora buscou fazer a análise do processo do saber/fazer do artesanato na cidade de Novo Airão, município localizado na região metropolitana de Manaus, buscando a construção da identidade cultural a partir da sustentabilidade e da economia criativa, com um foco no artesanato como artefato.

A obra “A feira livre na cidade de Nova Cruz/RN: aspectos culturais e econômicos”, de autoria de Bernardino (2015), busca a análise da organização da feira livre, os produtos comercializados, os aspectos de cunho cultural presentes na feira, além dos investimentos econômicos por parte do poder público local e dos empreendimentos privados, trazendo a feira livre como um espaço não só de trocas econômicas, como também de sociabilidade.

Costa (2016) na obra “Determinantes do investimento e produção de cultura nos municípios brasileiros”, buscou realizar uma reflexão econômica macro sobre os investimentos no campo da cultura. Sendo uma pesquisa no campo econômico, nos auxiliou na compreensão dos valores fornecidos pelo poder público para os trabalhos culturais a partir da quantidade populacional de cada município.

“Inovação, cultura e sustentabilidade: um estudo sobre a economia criativa” foi um estudo realizado por Dias (2014), na qual a autora buscou analisar o conceito de economia criativa, partindo do pressuposto de que este conceito econômico busca inovações culturais com o auxílio do desenvolvimento sustentável.

Na obra “Ensaio em economia da cultura e da educação”, Junior (2014) realiza uma pesquisa focalizando nos aspectos econômicos presentes da cultura e na educação. O conceito de Economia da cultura trabalhada pelo autor não é o mesmo trabalhado em nosso trabalho e por essa razão a leitura e reflexão dessa obra foi bastante importante para nossa formação teórica.

Rangel (2000) na obra “A contribuição do turismo para o desenvolvimento de pequenas localidades”, mostra-nos a importância da análise do turismo como um aspecto que influencia no desenvolvimento local e no desenvolvimento do campo da economia da cultura. Para a construção da interdisciplinaridade, essas obras foram essenciais. Rangel (2000) realizou uma pesquisa sobre turismo e desenvolvimento a partir da perspectiva da engenharia da produção.

Roriz (2010), na obra “O trabalho do artesão e suas interfaces culturais – econômicas”, realizado no campo da psicologia social, nos auxiliou na compreensão do trabalho, no caso da nossa pesquisa, o trabalho dos doceiros na preparação do pé de moleque.

A obra “Indústria cultural: a mercantilização da arte e da cultura” consiste em uma análise política e econômica realizada por Santos (2014). A arte e a cultura em geral são observadas a partir dos aspectos da indústria, buscando o lucro por meio de suas atividades.

Saraiva (2015), na obra “Gastronomia, cultura e desenvolvimento: um estudo do município de São Borja”, faz uma reflexão acerca da cultura gastronômica, buscando seus impactos no desenvolvimento local. Nesta obra, a autora faz um levantamento cultural semelhante ao realizado em nossa dissertação.

“Desenvolvimento territorial: inovação ou imposição? Um olhar sobre as abordagens territoriais do desenvolvimento rural na América Latina” nos leva a uma reflexão importante sobre os conceitos de desenvolvimento. Schiavinatto (2013) buscou, em sua obra, realizar abordagens sobre o que vem a ser desenvolvimento(s) no âmbito latino americano.

Silva (2017), na obra “Economia Solidária da cultura: estratégias de gestão para a sustentabilidade de grupos culturais”, buscou compreender como ocorre estratégias de administração e gestão de grupos culturais, assemelhando-se aos empreendimentos de doce localizados em Piranguinho.

“Alto e Médio Sapucaí: cenários para o planejamento ambiental”, de autoria de Faria (2007), foi indicada pelo professor Alexandre durante a banca de qualificação. O trabalho de Faria perfaz a região do Alto e Médio Sapucaí, mostrando a questão do planejamento ambiental e potencialidades sobre o turismo regional. Importante relatar que a tese foi apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Foram utilizadas, para o aprimoramento teórico, algumas dissertações realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), principalmente os trabalhos orientados pelos professores Carlos Alberto Máximo Pimenta e Adilson da Silva Mello.

Bernardes (2015), em sua dissertação, com o título “Desenvolvimento Local e sustentabilidade: o caso de Piranguinho/MG”, buscou analisar a questão dos processos de desenvolvimento local a partir do escopo da sustentabilidade. Mesmo não realizando um trabalho que focasse na produção do doce pé de moleque, esse trabalho auxiliou na análise das possibilidades presentes no campo da economia sustentável em Piranguinho.

Souza (2018) realizou um levantamento sobre as políticas culturais nos municípios da microrregião de Itajubá. Na dissertação “Desenvolvimento e cultura: Implicações das políticas culturais públicas na dimensão sócio produtiva da microrregião de Itajubá” a autora fez um apanhado geral a partir do Plano Nacional de Cultura, o que nos auxiliou nas análises sobre as ações dos representantes do poder público local.

Oliveira (2017), na sua dissertação chamada “Dimensões locais do desenvolvimento: elementos pra se pensar a cidade de Itajubá/MG”, realizou uma reflexão sobre a ligação entre a dimensão do local com o desenvolvimento, o que ajudou na compreensão dos aspectos para se pensar uma cidade de pequeno ou médio porte.

Lima (2016) foi fundamental na construção teórica e metodológica sobre a Cartografia das controvérsias. Sua obra “Entre atos, rastros e marcas: Cartografia das Controvérsias sobre design e artesanato”, conceitua os processos para as análises e organização da C. C. por meio do aporte teórico de Venturini (2010; 2012) e Latour (2012).

Veiga (2016), também realizou um trabalho que nos auxiliou na construção da C. C. e na compreensão da importância das redes em uma relação entre atores humanos e não humanos. Sua dissertação foi nomeada “Design, Teoria Ator-Rede e Artesanato: Estudo da inserção de designers em um contexto artesanal utilizando a Cartografia das Controvérsias”. Juntamente com a pesquisa de Lima, Veiga trabalhou com um foco temático na Associação de artesãos em Maria da Fé.

Santos (2020), em sua dissertação intitulada “Controle social sob a óptica constitucional e os sistemas de vigilância na prevenção e elucidações de delitos”, analisou os usos dos sistemas de vigilância e suas influências na organização social, principalmente na prevenção de delitos, na cidade de Pouso Alegre. Sua obra foi importante pois foi construída a partir do olhar da Teoria Ator-Rede (TAR), buscando as relações entre os atores e as influências no processo de segurança.

Após o levantamento dos textos acadêmicos foi iniciado o período de leitura, e releitura constante, para a formação do escopo teórico e para o aprimoramento metodológico. Além das teses e dissertações, também foram realizados os levantamentos de artigos publicados em revistas e periódicos. Dentro do período da pesquisa, foram realizadas as seguintes atividades: a) levantamento de documentos públicos e de dados estatísticos em fontes secundárias; b) entrevistas, utilizando um roteiro semiestruturado; c) observação de campo; d) realização de fotografias.

A pesquisa documental buscou o acesso às Leis, Decretos, matérias de propaganda sobre as ações do poder público local, pelos registros das municipalidades nos sites oficiais, com a intenção de fazer contato com o universo de informações normativas que orientam as concepções de desenvolvimento.

Os dados extraídos de fontes secundárias foram disponibilizados no site do IBGE (Censo demográfico; Renda da cidade; atividades econômicas); da Fundação João Pinheiro (FJP) e demais entidades que tratem da questão do desenvolvimento com base nos processos

populares, tais como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). A escolha do uso desses repositórios de dados se deu por se tratar de assuntos especificamente voltados para os dados socioeconômicos.

Da sistematização desse passo foi possível constituir algumas informações com a intenção de elaborar um conjunto de perguntas e questionamentos que foram necessários, como base para a realização das entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas foram realizadas no transcorrer do segundo semestre do ano de 2019, junto aos donos das fábricas de doce, membros do poder público atual e anteriores, alguns transeuntes que estavam de passagem pelo local e trabalhadores de diversos setores, com a intenção de perceber qual o conceito de desenvolvimento para eles.

HISTÓRIA ORAL: CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURAS ¹³

A história oral é uma metodologia de pesquisa, levantamento e constituição de fontes para estudos contemporâneos. Surgiu em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Consiste na realização de entrevistas com indivíduos que participaram, participam, testemunharam ou testemunham acontecimentos e conjunturas do passado ou do presente. Tais entrevistas são realizadas no contexto de um projeto para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre determinado assunto. É definida a quantidade de pessoas entrevistadas, o que será perguntado e como será perguntado (ALBERTI, 2015).

“O trabalho da história oral é considerado um trabalho de cunho interdisciplinar por excelência” (ALBERTI, 2015, p. 156), pois é utilizado como ferramenta de diferentes disciplinas das Ciências Sociais, como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia, a Psicologia, a Geografia, entre outros campos de pesquisa como a Educação, a Economia, as Engenharias, a Administração, a Medicina, o Serviço Social, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas vivenciadas por essas áreas do conhecimento.

Sobre a questão da história oral, Alberti (2015, p. 165) diz que:

As pesquisas que empregam a metodologia de História Oral são bastante dispendiosas. Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros. [...] o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos.

¹³ Todos os nomes dos entrevistados foram resguardados e ao nos referirmos a eles utilizamos as iniciais dos seus nomes verdadeiros. Quando utilizamos o nome de alguma empresa, popularmente conhecida como barraca de pé de moleque, iremos também utilizar a sua inicial na frente da expressão “barraca”.

Por essa razão, é bom ter claro que a opção pela História Oral responde apenas a determinadas questões e não é a solução para todos os problemas.

As entrevistas e as análises delas feitas são fontes importantes para uma pesquisa, mas não é a solução para todos os questionamentos. Deve-se também realizar o levantamento de dados por meio de outras fontes de pesquisa, pois em muitas ocasiões essas fontes já são de conhecimento, como dados primários e secundários extraídos de páginas de perfis geográficos, como a plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), por exemplo. Essas entrevistas e a coleta de outras fontes foram essenciais para o desenvolvimento dos processos para a construção das Cartografias das Controvérsias (CC).

Como toda fonte, a entrevista de História Oral deve ser vista como um “documento-monumento”. Segundo Jacques Le Goff (1984, p. 537-538):

É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro [...] determinada imagem de si próprias. [...] É preciso começar por desmontar, demolir essa montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

Como toda fonte de pesquisa, para a análise das entrevistas, o olhar do pesquisador deve ser apurado para que evite generalizações e relativismos. O dever principal do observador deve ser a crítica documental, seja qual foi o tipo de documento. Para que ocorra a análise do documento oral, deve ser considerado o documento como um todo, “é necessário saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer, tanto no que diz respeito às condições de sua produção, quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado”, (ALBERTI, 2015, p. 185). Além da importância que o relato em si emprega, as circunstâncias da realização da entrevista também podem nos relatar fatos cruciais em uma análise.

Tomar a entrevista como um todo significa ouvi-la ou lê-la do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o acontecimento. Por essa razão, a transcrição é realizada de forma integral, ou seja, o texto todo é ouvido e transcrito em seus detalhes, levando em consideração eventuais erros de pronúncia e vícios de linguagem, pois, esses detalhes são importantes para que possamos desenvolver uma análise plena de um depoimento.

A importância dessas entrevistas se deu para a percepção de como a figura do doce pé de moleque e as diversas definições de desenvolvimento e cultura são compreendidas por esses sujeitos sociais, cada um com sua especificidade, buscando também compreender como esse processo ocorre, analisando os saberes e fazeres dessa prática cultural e suas influências no processo de desenvolvimento local. Na percepção clara e subjetiva das entrevistas, podemos realizar as primeiras formas de relações entre atores sociais, os níveis de influência e as controvérsias presentes.

As entrevistas foram estruturadas em duas modalidades: 1) uso do roteiro semiestruturado, com perguntas referentes às concepções de desenvolvimento e a idealização dos rumos empreendidos ao município e das formas organizativas de geração de renda. 2) diálogo, sem um roteiro pré-estabelecido, com a pretensão de possibilitar ao entrevistado maior espontaneidade para falar sobre suas concepções.

Elas foram gravadas por meio de um gravador, que no caso foi o próprio celular dos pesquisadores, escolhido por dar um menor grau de estranhamento ao entrevistado, e o áudio dela foi transcrito de forma literal. Especificamente a gravação ocorreu por meio de dois aparelhos, como forma de segurança de um possível problema técnico.

Segundo Lima (2016, p.29):

A estratégia de uso de smartphones com aplicativos de gravação de áudio, imagens e vídeo, foi adotada para que não se colocasse um dispositivo estranho (gravador de voz e/ou câmera filmadora convencionais) ante os entrevistados durante a pesquisa. O smartphone e os aparelhos celulares, em geral, são dispositivos corriqueiros, convivem com seres humanos há bastante tempo, [...], ou seja, lhes são dispositivos familiares e costumeiros.

A gravação do diálogo é importante para que não se perca nenhum aspecto colocado pelos entrevistados. Mesmo com a timidez e o receio, pensamos nesse método entre as entrevistas com o uso do roteiro semiestruturado. É fundamental relatar a importância do trabalho em grupo para a realização das entrevistas. Durante sua realização contamos com o auxílio de Thiago de Oliveira Raymundo, que também é aluno do PPG – DTecS. O auxílio de Thiago foi essencial para novas percepções durante o processo da entrevista, demonstrando que somente conseguimos fazer um trabalho interdisciplinar com o uso de várias “mãos”.

Os diálogos registrados em um caderno de campo, no formato de relatório, em lugares e momentos distintos da conversa, foram realizados principalmente nos diálogos abertos, sem um roteiro de perguntas que devem ser seguidas.

Cada entrevista foi detalhada, contendo o dia, seu horário e a localidade onde foi realizada. Esse passo é importante para que possamos compreender as características de cada

entrevistado. A escolha sobre a localidade, data e horário para a realização da entrevista são detalhes que cabem ao entrevistado escolher, para que o local seja de total agrado por parte dele. Esse exercício de campo tem a finalidade de apreensão dos argumentos que sustentem a pesquisa, mas também permitir ao entrevistado ter mais segurança para externar suas posições institucionais e pessoais, quando for o caso, ou omitir alguma resposta.

Para iniciar os diálogos no dia 18 de julho de 2019 foi agendada uma reunião com C. M. C., ex-secretário municipal de cultura, esporte e juventude de Piranguinho, entre os anos de 2005 e 2016. A *priori*, a conversa ocorreu com um diálogo livre e aberto, na qual foram apresentados alguns aspectos de nossa pesquisa. O encontro foi agendado para as 14h30 minutos em seu escritório. C. M. C., atualmente, faz parte do grupo dos colaboradores da empresa “Participa: Consultoria, assessoria e projetos”¹⁴ e é professor de filosofia no município de Brazópolis. Por meio desse diálogo, C. M. C. nos passou algumas informações sobre os produtores do doce pé de moleque, pois trabalhou com eles no período em que esteve na gestão pública municipal.

Com o início do segundo semestre de 2019 o trabalho de campo começou a se intensificar cada vez mais. Com as orientações e a disciplina “DTS103 – Tecnologias: contextos e questões sociais” foram realizadas entrevistas guiadas a partir de um planejamento.

O recorte para as entrevistas se pautou em duas perspectivas: a questão do poder público e os representantes de instituições privadas. Não foram realizadas as entrevistas com todos os empresários do ramo de doces, por conta do impedimento de novos levantamentos em campo, devido à deflagração da pandemia ocasionada pela COVID-19.¹⁵ Dentro do planejamento iríamos a campo novamente, entrevistaríamos novas pessoas, acompanharíamos as reuniões para a organização da “Festa do maior Pé de Moleque do mundo”, porém todos os eventos festivos foram impedidos de acontecer no ano de 2020.

No dia 19 de setembro de 2019 foi realizada a primeira ação prática do planejamento. Às 14h, na Praça Coronel Braz, em Piranguinho, foi organizada uma lista com o nome das

¹⁴ Para mais informações acesse <https://www.facebook.com/participaassessoria/>.

¹⁵ “No fim de 2019, o Novo Coronavírus foi nomeado como SARS-CoV-2. Este Novo Coronavírus produz a doença classificada como COVID-19, sendo agente causador de uma série de casos de pneumonia na cidade de Wuhan (China). Ainda não há informações plenas sobre a história natural, nem medidas de efetividade inquestionáveis para manejo clínico dos casos de infecção humana pelo SARS-CoV-2, restando ainda muitos detalhes a serem esclarecidos. No entanto, sabe-se que o vírus tem alta transmissibilidade e provoca uma síndrome respiratória aguda que varia de casos leves – cerca de 80% – a casos muito graves com insuficiência respiratória –entre 5% e 10% dos casos. Sua letalidade varia, principalmente, conforme a faixa etária e condições clínicas associadas.” Disponível em <https://www.unasus.gov.br/especial/covid19/pdf/37>, acesso em 03 de setembro de 2020. Por conta das condições em que o mundo está vivendo, é inviável a realização de novas entrevistas e de novas idas a campo, principalmente devido à proteção da saúde do público de risco e para respeitar o isolamento social previsto pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

peças relevantes para a realização de possíveis entrevistas na busca de dados e informações de cunho inicial.

Como forma metodológica, foi organizada uma tabela com os dados das entrevistas realizadas com o intuito de melhor sintetizar o seu levantamento. É possível observar a seguir uma tabela organizada pelos pesquisadores:

Tabela 01: Lista de entrevistados

Data	Iniciais dos entrevistados	Horário	Tempo de duração	Local	Entrevistadores
24/09/2019	A. P. C.	14 h	45min26seg.	Barraca A. de pé de moleque	Lucas e Thiago
24/09/2019	J. M. A. e Z. M. R.	16 h	1h27min29seg.	Residência de J. M. A.	Lucas e Thiago
01/10/2019	C. M. C. ¹⁶	14 h	1h13min41seg.	Escritório de C. M. C.	Lucas
11/10/2019	A. M. R.	16 h	1h51min20seg.	Residência de A. M. R.	Lucas e Thiago
25/10/2019	A. C. S. G. C.	16 h	1h12min26seg.	Secretária de Educação, Cultura, Esporte e Juventude.	Lucas e Thiago
01/11/2019	S. T.	14 h	44min55seg.	Residência de S. T.	Lucas e Thiago
07/11/2019	J. C. S.	14 h	1h08min59seg.	Residência de J. C. S.	Lucas e Thiago

Fonte: Organizado pelos autores (2019).

A partir desse levantamento, surgiram os seguintes nomes com sua respectiva função ou empresas que representam:

¹⁶ A entrevista com C. M. C. foi a única nesta fase que não contou com o auxílio de Thiago, devido a um compromisso pessoal. Por conta disso, ela foi realizada somente por Lucas.

- Barraca AZ: J. C. S.
- Barraca A.: A. P. C.
- Barraca V: S. T.
- Ex-prefeito: A. M. R.
- Ex-secretário de cultura: C. M. C.
- Memorialista local: J. M. A.
- Professor de história: Z. M. R.
- Secretária responsável pela atual pasta de cultura: A. C. S. G. C.

A partir do levantamento dessas pessoas, organizaram-se dois roteiros semiestruturados com o objetivo de compreender as particularidades de cada experiência para com o artefato. Um roteiro para as entrevistas voltadas aos saberes e fazeres presentes nas fábricas e outro para ser realizado com os políticos e estudiosos locais. Foi entregue para os entrevistados um termo de consentimento livre e esclarecido que consiste em uma autorização do uso dos dados recolhidos nas entrevistas. Esses roteiros e termo estão como anexos no final deste trabalho.¹⁷

Com o roteiro organizado, agendaram-se as datas para as entrevistas. Por conta da proximidade física em que se encontravam, os pesquisadores iniciaram as visitas indo à casa de Z. M. R. Em meio a diálogos informais, explicando para ele a pesquisa a ser realizada, foi indicada uma conversa com J. M. A., memorialista local. Então, foi marcada esta entrevista para o dia 24 de setembro, às 16h, na qual seria realizado um diálogo juntamente com os dois entrevistados.

Após a visita à casa de J. M. A., os pesquisadores foram à casa de A. M. R., ex-prefeito municipal e irmão de Z. M. R. Entretanto, A. M. R. não se encontrava. Diante disso, foram à Prefeitura Municipal para tentar marcar uma reunião com a secretária de cultura, mas ela também não se encontrava. Seguindo o levantamento de entrevistas elaborado, foram à Barraca V., onde foram atendidos por uma funcionária que informou que S. T., empreendedora responsável por esta fábrica, se encontrava em Itajubá. Encerrando o dia 19 de setembro, foram à Barraca A., na qual foram atendidos por uma funcionária que os encaminhou até A. P. C., dona do empreendimento. No diálogo com A. P. C., foram explicadas as intencionalidades da pesquisa e foi marcada uma visita para o dia 24 de setembro às 14h.

O detalhamento dos passos iniciais é importante para que possamos compreender a complexidade de pesquisas que tenham por objetivos o trabalho com outras pessoas. Em muitas

¹⁷ O documento pode ser visto entre as páginas 179 e 181, respectivamente.

ocasiões, a persistência deve ser constante, pois várias são as barreiras que se formam durante o processo.

Inicialmente, no dia 24 de setembro, foram realizadas as primeiras entrevistas e a primeira visita técnica. Às 14h, os interessados foram à fábrica da Barraca A. de pé de moleque e encaminhados à cozinha onde é realizado o processo de confecção do doce e onde ocorreu a entrevista, com duração de 45min26seg. Na entrevista, foram abordados assuntos de interesse histórico e administrativo da barraca em questão, sua relação com a produção do doce e com o município. Em seguida, A. P. C. levou os pesquisadores para verem todo o processo de fabricação do doce pé de moleque. Foram feitos registros fotográficos e filmagens com a devida autorização da empresa.

No mesmo dia, 24 de setembro, às 16h, os pesquisadores foram à casa de J. M. A., juntamente com Z. M. R. A entrevista teve a duração de 1h27min29seg, na qual foram transmitidas memórias sobre as histórias do município e relacionadas à produção do doce.

Entrando novamente em contato com C. M. C., ex-secretário de cultura de Piranguinho/MG, foi agendada uma entrevista para ser realizada no dia 1º de outubro às 14h. A entrevista ocorreu no escritório em que ele trabalha e teve a duração de 1h13min41seg, porém, durante a conversa, ocorreu uma pausa para o café, na qual a gravação teve de ser pausada. Na entrevista, houve o diálogo sobre a relação do entrevistado com o município e com a cultura local, focada principalmente em um projeto desenvolvido pelo poder público, em que ele participou no período de seu trabalho na prefeitura, em parceria com o SEBRAE, o “Programa Alimento Seguro” (PAS). Também foi relatado como se deu o processo de oficialização do saber/fazer do doce pé de moleque como patrimônio cultural imaterial do Estado de Minas.

Os pesquisadores entraram em contato com A. M. R., ex-prefeito municipal, e marcaram uma entrevista para o dia 11 de outubro, às 16h. Chegando o dia marcado, encontraram-se em sua residência. A entrevista teve a duração de 1h51min20seg, divididos em 3 momentos, pois os pesquisadores interromperam a gravação para que o entrevistado atendesse um telefonema particular. Durante a entrevista, houve alguns problemas: o gravador de Lucas parou de funcionar aos 14min e felizmente o gravador de Thiago continuou a gravação normalmente; outro problema foi o excesso de barulho de marteladas ao longo da entrevista, devido a uma reforma que A. M. R. estava realizando em sua casa. Mesmo assim, a entrevista aconteceu sem grandes prejuízos. Ao longo da conversa, analisaram-se questões sobre a gestão pública de sua administração, com foco nas práticas culturais.

No dia 25 de outubro, realizou-se uma entrevista com A. C. S. G. C, atual secretária de educação, turismo, cultura, esporte e juventude. A entrevista foi marcada às 16h, na secretaria em que é responsável, na Praça Coronel Braz, no Centro do município. A conversa teve a duração de 1h12min26seg. Nesse depoimento, analisaram-se as relações particulares da secretária com o doce pé de moleque, pois ela é filha do fundador da Barraca A. Z., e as ações políticas que a atual gestão exerce.

No dia 1º de novembro, às 14h, foi realizada a entrevista com S. T., empreendedora e dona da Barraca V.. A conversa aconteceu em sua residência, ao lado da fábrica de doce, e teve a duração de 44min55seg. Após o término do diálogo, S.T. conduziu os pesquisadores para conhecerem a produção e, com sua devida autorização, realizaram-se registros fotográficos e filmagens. A conversa se ocupou da história da família responsável pela empresa, suas inovações na produção e dos problemas enfrentados atualmente com a matéria-prima utilizada na fabricação do doce.

No dia 07 de novembro, ocorreu a entrevista com J. C. S., “patriarca”¹⁸ da Barraca A. Z. A entrevista aconteceu às 14h, em sua residência. O diálogo teve a duração de 1h08min59seg. Com o término da conversa, J. C. S. conduziu os pesquisadores para uma visita à fábrica da Barraca A.Z., onde visualizou-se o processo de confecção do doce pé de moleque e de outros derivados que a empresa trabalha, focando principalmente nos maquinários utilizados por ela.

Durante os dias 09 e 10 de novembro, Lucas e Thiago se encontraram na UNIFEI para organizar e analisar os dados recolhidos e formalizar o relatório final para ser apresentado na disciplina “DTS103 – Tecnologias: contextos e questões sociais”, que auxiliou ativamente para as análises e escritas desta dissertação.

A compreensão para o desenvolvimento e construção da C. C. se deu a partir das relações entre esses entrevistados. Cada conversa, formal ou não formal, auxiliou a encontrar novas relações e novos atores, sejam eles humanos ou não humanos. A observação de campo foi fundamental como forma de captura das concepções de desenvolvimento fundamentada pelo local. Essas observações, acompanhadas de registros fotográficos, tem o objetivo de demonstrar os modos de organização das fábricas e das atividades correlatas.

FOTOGRAFIAS: MEMÓRIAS VISUAIS

¹⁸ Expressão utilizada por J. C. S. ao se referir a si mesmo durante a entrevista.

Como este trabalho não tem como enfoque temático a análise de fotografias, realizamos uma reflexão sobre a maneira que devemos ler as imagens com as quais nos deparamos durante a escrita. Os registros fotográficos são indispensáveis para demonstrar os modelos organizativos, a partir de elementos iconográficos que capturam suas expressões, as sensibilidades e os sentidos produzidos pelas pessoas, lugares e objetos.

As fotografias também capturam monumentos, equipamentos, momentos cotidianos, a festa do pé de moleque, a organização das fábricas, sempre com o intuito de compreender os sentidos expressos por elas.

As fotografias não são simplesmente objetos de ilustração, mas um componente a mais no conjunto de argumentos que justificam os resultados alcançados. Segundo Lissovsky (1983, p.117) “[...] a primeira coisa a mostrar em relação ao conteúdo da fotografia é o momento histórico que ela está retratando: fazer um movimento em direção ao contexto da imagem.”

Durante as entrevistas, foram realizados registros fotográficos, relatando o processo de saber/fazer do doce, as máquinas utilizadas nesse processo, às barracas utilizadas como lojas para a venda dos doces e no transcorrer da pesquisa também fizemos registros de outros momentos, como dos monumentos, da festa e do município como um todo.

O equipamento utilizado para os recolhimentos das fotografias foi o *smartphone* particular do pesquisador, um *Samsung Galaxy J7 Prime 2*. Dessa maneira, foi possível a captura do cotidiano em sua originalidade. A escolha do equipamento foi realizada pela facilidade e como uma forma de evitar intimidações por parte dos entrevistados, levando em consideração de que um equipamento fotográfico poderia ocasionar o estranhamento por parte dos entrevistados. O registro das fotografias foi realizado com a devida autorização dos entrevistados. Durante, e principalmente após o diálogo, foram realizados esses registros com a explicação dos entrevistados e de funcionários locais.

É importante relatar que durante o processo da dissertação foi realizado o mini curso “Fotografia e sociedade”, fornecido pela Universidade do Vale do Sapucaí (Univás) e pela Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM), ministrado pelos professores Rafael Lazzarotto Simioni, Patrícia do Prado Marques, Jair Pinto Assis Júnior e Camila Claudiano Quina Pereira, na qual foram retratadas as relações entre fotografia e sociedade, as questões técnicas sobre o trabalho de um fotógrafo e a utilização da Teoria Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour por meio das fotografias.

Os registros imagéticos utilizados podem ser chamados de fotografias documentais no sentido de se pensar e repensar o seu processo de construção, pois a imagem reflete as “[...] múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento;

tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (KOSSOY, 2002, p. 38).

Por meio desses elementos de construção presentes nas fotografias, a informação que o registro quer transmitir se embasa na subjetividade repleta de interpretações diversas, fazendo com que se torne um grande desafio para os pesquisadores. Durante o transcorrer da dissertação, em momentos em que o conteúdo textual pedir o auxílio das fotografias, há logo em seguida uma análise descritiva e conceitual sobre o conteúdo representado, buscando o momento histórico em que esta foi feita, as intencionalidades presentes e os sentidos socioculturais e político-econômicos.

Smit (1996, p. 29) aponta que

A proposição de uma metodologia de análise da fotografia supõe um entendimento da essência desta, daquilo que a caracteriza, das razões pelas quais e produzida e, sobretudo, das condições em que será utilizada. Em outras palavras, torna-se necessário compreender a imagem fotográfica, enquanto informação a ser tratada e recuperada.

Shatford (1986) representa os questionamentos que devem ser feitos quando se deparar com a análise de uma fotografia: Quem? (seres), onde? (espaço), quando? (tempo), como? (técnica) e o quê? (ação). Esses questionamentos podem auxiliar ao nos depararmos com uma fotografia ou uma pintura em um trabalho acadêmico. Em muitas ocasiões, essas imagens não são meras ilustrações e trazem informações importantes que contribuem no processo de reflexão sobre a temática desejada.

Foram utilizadas no corpo deste trabalho fotografias que dialogam com o texto, desde processos de produção, máquinas utilizadas e referências do cotidiano, como monumentos e a preparação para as festividades.

CADERNO DE CAMPO: ORGANIZAÇÃO DOS PASSOS DE UMA PESQUISA

Outro instrumento metodológico utilizado foi o caderno de campo. Instrumento para organizar os passos da pesquisa e descrever as observações feitas pelos pesquisadores durante todo o processo, principalmente no momento dos diálogos e entrevistas. Com as observações e os novos relatos, ocorreu a elaboração das análises dos dados obtidos relacionando-os com o referencial teórico, em que se busca evidenciar a visão de mundo e as sensibilidades presentes nas falas dos entrevistados, nas imagens capturadas e na sensibilidade do pesquisador quanto a sua inserção no campo de pesquisa.

O diário de campo consiste em uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do pesquisador. Pode ser utilizado para registros de atividades de pesquisas ou registro do processo de trabalho. A utilização do diário cria o hábito da observação com devida atenção, de descrever com precisão e de refletir sobre os acontecimentos em um processo de pesquisa ou de trabalho. Por conta disso, o diário deve ser usado diariamente como forma de sistematização e de possíveis detalhamentos de acontecimentos (FALKEMBAC, 1987).

Falkembac (1987) recomenda que sejam datadas as observações, o local e a hora, como forma de detalhe importante em um processo de análise, na qual é fundamental anotar o processo de produção, o processo de divisão de trabalho, o meio físico e social, a infraestrutura do local, as visões de mundo que perpassam o contexto, trazendo para a temática da pesquisa.

Durante as entrevistas, algumas particularidades sobre os diálogos foram registradas no caderno de campo. Como diz Latour (2016, p.10): “[...] se o assunto interessar, aconselho que faça como meus alunos e crie um *diário de bordo*, que você poderá preencher de acordo com sua vontade, na maior frequência possível, com o intuito de incluir nele dos documentos, juntamente com os acontecimentos que tenha encontrado [...]”. Por esse motivo, foi criado um diário de bordo, no formato de relatório, onde foi realizado anotações durante as entrevistas e posteriores a elas.

ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Para melhor articulação e organização da escrita, o trabalho foi dividido em quatro capítulos, cada qual com uma relação específica com a temática central, buscando responder aos questionamentos e provocando novos que a reflexão e que o campo interdisciplinar podem proporcionar.

O primeiro capítulo tem como título “Desenvolvimento e cultura: discussões teóricas e conceituais” e buscou fazer uma reflexão acerca dos conceitos trabalhados por esta dissertação. Nele, são abordadas as relações teóricas entre desenvolvimento e cultura, o conceito de economia da cultura, as relações entre o desenvolvimento, cultura e território e os argumentos dos principais teóricos utilizados para organizar o campo de pesquisa.

O segundo capítulo tem como título “Relações entre desenvolvimento e território: o local e o microrregional” e buscou fazer uma trajetória histórica no que diz respeito à questão socioeconômica, do início do século XX com a ascensão da linha férrea até a situação atual.

Foram escolhidos três períodos específicos para a compreensão da organização urbana local, esses períodos foram os anos 1991, 2000 e 2010. Esse recorte temporal foi feito como forma de buscar apresentar os dados socioeconômicos do lugar, a partir dos dados dos censos ocorridos pelo IBGE e a partir da análise do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (ADHB), organizado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pela FJP (Fundação João Pinheiro).

O terceiro capítulo tem como título “Economia da cultura, saberes/fazeres e desenvolvimento: possibilidades do turismo local”. Neste capítulo, o conceito de economia da cultura será posto em reflexão. A importância dos circuitos turísticos para o desenvolvimento local, as relações de Piranguinho com a microrregião de Itajubá/MG e as legislações vigentes sobre a prática cultural, também será refletido neste capítulo.

O quarto capítulo tem como título “Entre relações e controvérsias: ações sociais e práticas culturais”. Nele, serão relatadas as formas de divulgação cultural a partir da organização da “Festa do Maior Pé de Moleque do mundo” e os saberes e fazeres presentes nas práticas fabris. Serão demonstrados os aportes teóricos e o processo para a construção da cartografia das controvérsias.

Com a estrutura definida, foram realizadas as análises das fontes recolhidas, não com o intuito de abarcar toda a gama de possibilidades expressa sobre essa temática, mas como forma de conseguir abrir novos campos de visão sobre a importância das práticas culturais na busca de um desenvolvimento sustentável em que contemple o conjunto, não somente o indivíduo. O desenvolvimento das redes de relações será dado durante o progredir do texto, demonstrando os movimentos de afetação e de relações.

CAPÍTULO I

DESENVOLVIMENTO E CULTURA: DISCUSSÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

“A cultura não é unicamente
aquilo de que vivemos.
Ela também é, em grande medida,
aquilo para o que vivemos.”

Terry Eagleton

Antes de adentrar no cerne da discussão proposta, se faz necessária a análise teórica dos conceitos trabalhados, demonstrando quais as perspectivas serão abordadas durante a pesquisa. Para isso, serão discutidos¹⁹ os aspectos contemporâneos do conceito de desenvolvimento, pensando em suas possibilidades no campo da cultura, onde é possível compreender sua relação com os processos de geração de renda local.

A discussão proposta neste capítulo perpassa os conceitos teóricos e suas práticas sociais. Nele, pode-se compreender a definição de desenvolvimento utilizada durante todo o trabalho em contraste com outros formatos existentes, além de conceituar cultura e suas possibilidades no campo socioeconômico.

É necessário questionar o desenvolvimento sem separá-lo dos processos político-econômicos atrelados ao papel do Estado, do mercado, do social, da sobrevivência da espécie humana, do ambiental e da cultura. A fundamentação teórica, aqui proposta, compreende vários campos do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a economia, a administração e a história, áreas estas que auxiliam a realizar o objetivo de fazer uma pesquisa de cunho interdisciplinar.

Para melhor compreensão dos conceitos trabalhados, este capítulo está dividido em tópicos e em cada tópico serão realizadas reflexões sobre os conceitos.

1. 1. A INTERDICISPLINARIDADE NA PESQUISA

¹⁹ Reflexões atreladas ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Desenvolvimento (NEID), do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

Nas ciências, a especialização disciplinar é importante, mas não suficiente para suprir os anseios que os questionamentos sobre os objetos de análise formam em uma pesquisa. A necessidade da interdisciplinaridade na produção acadêmica fundamenta-se na relação do diálogo da realidade social e na natureza subjetiva da vida social. Segundo Frigotto (2008), o trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento não decorre de uma arbitrariedade racional e abstrata. Decorre da própria forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social.

O olhar interdisciplinar necessita de uma inovação metodológica, pois não é um trabalho simples. “Geralmente, os objetos de pesquisa a serem explorados são complexos e por isso exigem a junção de mais de um conhecimento para a sua compreensão” (OLIVEIRA, 2017, p.17).

Não basta simplesmente relacionar várias áreas do conhecimento em uma produção textual. Para se fazer interdisciplinaridade, o pesquisador deve sair do seu campo de conforto e questionar constantemente sobre as diversas nuances de sua pesquisa. Gusdorf (1990) diz que:

O conhecimento interdisciplinar, por muito tempo, condenado ao ostracismo em decorrência dos preconceitos positivistas, tem um campo vasto e complexo. Assim, um projeto, sob esta perspectiva, enfrenta várias dificuldades, não só do ponto de vista conceitual como também metodológico e ideológico.

Devido ao positivismo, que é uma corrente filosófica derivada do iluminismo²⁰, a interdisciplinaridade é observada com resistência por grande parte dos cientistas. O Positivismo tem como principal nome o pensador August Comte (1798-1857). Sua filosofia consiste na busca de uma explicação geral diante de um fenômeno derivado da industrialização: a especialização. Por meio desta linha de pensamento, as ciências deveriam se pautar em um campo de análise limitado, não devendo interferir em outras áreas do conhecimento.

Comte procurou fazer de sua filosofia um instrumento para manter plena a perspectiva do geral, da visão macro. “[...] o Positivismo é, [...] uma filosofia determinista que professa, de um lado, o experimentalismo sistemático e, de outro, considera anticientífico todo o estudo das causas finais [...]” (RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p. 15), pregando a especialização como o principal aspecto para se desenvolver em uma questão científica, negando, desse modo, a importância da interdisciplinaridade para uma pesquisa mais profunda, enriquecida e reflexiva.

²⁰ O positivismo trata-se de um movimento orientado para a exaltação dos fatos em oposição às ideias, das ciências experimentais em oposição às teóricas, e das leis físicas e biológicas em oposição às construções filosóficas. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/auguste-comte/>, acesso em 7 de fevereiro de 2019.

Para Fazenda (2013, p. 849) a interdisciplinaridade é compreendida recorrendo à história, na qual “nas décadas de 1960, 70 e 80, o número de pesquisas na temática da Interdisciplinaridade era reduzido e sua bibliografia pouco difundida, o que felizmente hoje não ocorre. Sua compreensão era bem limitada, o que não mudou muito até hoje.” A definição da Interdisciplinaridade é um conceito complexo e que até o momento não é trabalhado com clareza entre os mais diversos trabalhos científicos.

Bourdieu (1987) ressalta que o pesquisador na atualidade deve abandonar as velhas receitas metodológicas e evitar os procedimentos de pesquisa padronizados. A palavra “abandonar”, pode ser compreendida como adaptada, visto que as receitas metodológicas tradicionais também são importantes para a busca em uma pesquisa científica, mas com a complexidade da sociedade, a busca de novas metodologias deve ser constante para o pesquisador.

As tradicionais técnicas de pesquisa, por mais úteis que possam ser, “[...] lhes falta quase sempre o essencial [...] porque permanecem dominados pela velha fidelidade a velhos princípios metodológicos” (BOURDIEU, 1987, p. 693). A pesquisa interdisciplinar por si só não compreende de uma única base de dados ou de métodos, porém a interdisciplinaridade não ignora a importância da base epistemológica das disciplinas (PHILIPPI JR; SILVA NETO, 2011).

É necessário estabelecer pontos de intersecção que são abordados por diferentes áreas do conhecimento e que estão envolvidas com o objeto da pesquisa. Os diálogos que se propõe para a interdisciplinaridade circunscrevem a cultura, por conta disso, a contextualização histórica como forma de compreender os processos sociais e culturais que ocorrem na sociedade é essencial para uma maior reflexão sobre a temática em questão.

Sobre a História, autores dentro da historiografia, principalmente os que compreendem o grupo que fundou a Escola dos *Annales*²¹, que naquele momento se mostrou organizada em oposição à História Política tradicional (BURKE, 2010).

Segundo Barros (2005, p. 2):

Modalidade historiográfica rica de interdisciplinaridades com todas as Ciências Sociais, e igualmente rica na sua possibilidade de objetos de estudo, a História Social abre-se de fato a variadas possibilidades de definição e delimitação que certamente interferem nos vários trabalhos produzidos pelos historiadores que atuam neste campo interdisciplinar.

²¹ Movimento historiográfico criado na França, conhecido também como “A Revolução Francesa da historiografia”. Essa escola historiográfica consiste em uma total revisão na escrita da História até o momento, a “necessidade de fazer uma outra história” se fez bastante relevante para a ciência. Novas fontes começaram a ser utilizadas e a visão de uma história contada de baixo para cima começou a se popularizar no meio acadêmico.

O conceito e as possibilidades da História são utilizados por várias áreas do conhecimento com o intuito de contextualizar historicamente a sociedade. Refletir o conceito de história se torna uma tarefa árdua, pois “apesar de falarmos frequentemente em uma ‘História Econômica’, em uma ‘História Política’, em uma ‘História Cultural’, e assim por diante, a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais” (BARROS, 2005, p. 03).

A sociedade é uma rede de relações que influenciam diretamente em sua organização. Todas as dimensões da realidade social se interagem e não existem de maneira separada. As ações econômicas, culturais, sociais, políticas não são desmembradas, o que torna essas subdivisões complexas de serem analisadas.

Segundo Gruzinski (2001, p. 391):

[...] o historiador (*Ou qualquer pesquisador com mentalidade disciplinar* [grifo do autor]) tem o costume de arrumar os fatos em envelopes que se transformaram em entidades trans-históricas, em categorias temporais e universais: o social, o econômico, o político, o religioso, o cultural [...]. Depois de proceder a esta distribuição e a esta etiquetagem, [...] o historiador atém-se comumente a uma única ordem de fatos.

O pesquisador não deve utilizar a especialização em contextos fechados, mas deve utilizá-la sempre relacionando com as outras subáreas de pensamento. Ao refletir um processo cultural se devem compreender os seus impactos econômicos, sociais, políticos e a partir desse olhar ampliado, organizar a análise.

A História Social condiz em um ramo da História que examina a “dimensão social” de uma sociedade e que se relaciona ativamente com outras áreas de conhecimento de maneira a fomentar organizações teóricas. A história, como campo de conhecimento, é por si só, um campo interdisciplinar.

Outra área de atuação trabalhada para a busca da interdisciplinaridade foi a sociologia. Em sociologia, a questão do trabalho, da cultura e da experiência foi refletida, buscando nos pensamentos principalmente de Pierre Bourdieu (1989). Em sua obra “O poder simbólico”, o autor analisa toda a relação de poder exercida na sociedade com a questão do simbolismo.

Para Wacquant (2013, p. 87):

A reformulação da questão de classe empreendida por Pierre Bourdieu exemplifica os principais aspectos da sua sociologia in *globo*, de tal modo que uma leitura mais de perto de seus escritos-chave sobre o assunto oferece ao leitor uma passagem direta para o âmago de seu projeto científico.

A perspectiva que Bourdieu tem de classe incorpora sua concepção e a relacionando com a vida social. “[...] da mesma forma que para Marx e Durkheim, o estofado da realidade social — e, portanto, a base para a heterogeneidade e a desigualdade — consiste em relações” (WACQUANT, 2013, p. 88). O uso das visões tanto de Marx como de Durkheim faz com que Bourdieu utilize de novas formas de compreender o tecido da realidade social.

Segundo Bourdieu (1989), as relações sociais são formadas a partir de redes de laços materiais e simbólicos, o que se torna o objeto da análise social, que faz necessário refletir as relações de rede presentes entre humanos e não humanos. Essas relações se formam a partir de duas perspectivas:

[...] primeiramente, reificadas como conjuntos de posições objetivas que as pessoas ocupam (instituições ou “campos”) e que, externamente, determinam a percepção e a ação; e, em segundo lugar, depositadas dentro de corpos individuais, na forma de esquemas mentais de percepção e apreciação (cuja articulação, em camadas, compõe o “habitus”), através dos quais nós experimentamos internamente e construímos ativamente o mundo vivido. (WACQUANT, 2013, p. 88)

A sociedade existe sob duas formas que são inseparáveis, o lado das instituições, que podem ser simbólicas ou materiais, e o lado as disposições adquiridas, maneiras de ser ou de estar dentro do processo de socialização. O corpo socializado não é oposto ou algo à parte da sociedade, pelo contrário, o corpo socializado é uma das partes necessárias para a existência da sociedade.

Este trabalho perpassa o campo da cultura e do desenvolvimento, compreendendo essa similaridade entre o campo da natureza e o campo simbólico. Segundo Carvalho (2008, p. 18): “Natureza e cultura não constituem dualidades excludentes. São simultaneamente opostas e complementares.”

A complexidade trabalhada por Carvalho (2008, p. 18) deve ser levada em consideração ao analisarmos qualquer área de estudo em que o ser humano está como sujeito ativo nas tomadas de decisões. Para ele:

Treinados pela educação familiar e escolar a afastar delírios, sonhos e loucuras de nossa imaginação e recalca-los em nossa psique, temos que reaprender a conviver e dialogar com eles, escutá-los com atenção redobrada, introjetar em nossas mentes que somos sábios e loucos, unos e múltiplos, duplos, triplos, quádruplos, e que é exatamente esse componente dialógico, instável e incerto, que viabilizará, sem excessos e ressentimentos, processos civilizatórios solidários e procedimentos educativos religados.

Por conta dessa complexidade humana, o trabalho interdisciplinar, ou transdisciplinar deve ser incentivado. “A transdisciplinaridade não é método, mas estratégia, caminho errático

que atravessa os saberes. [...] A palavra assusta, porque mexe com certezas consolidadas e nichos de poder” (CARVALHO, 2008, p. 19-20).

1. 2. O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO

O conceito de desenvolvimento é um dos pilares trabalhados pelo PPG – DTecS. Para Pimenta (2014), os aspectos contemporâneos do desenvolvimento são trabalhados em tom de apontamento das tendências teóricas e práticas, para se pensar os rumos da organização social, da ciência, da sociedade, do meio ambiente, da economia e da condição humana.

O Desenvolvimento pode ser refletido a partir de várias vertentes. Pode-se relacionar desenvolvimento com a ideia de acumulação, com o objetivo de elevar a produtividade e é possível dizer que desenvolvimento pode se relacionar com a satisfação das necessidades humanas (FURTADO, 1974).

O desenvolvimento que é ratificado neste trabalho consiste em um desenvolvimento plural e que supere a lógica do crescimento tecnológico e econômico, os quais podem compreender por conta da abertura de novas fontes econômicas e de novas estruturas da produção que sejam mais comprometidas com os impactos sociais, contrapondo os entraves promovidos por sociedades competitivas e desiguais.

O sentido que a palavra desenvolvimento pode denotar para a sociedade é bastante amplo e com diversos significados, dependendo da perspectiva trabalhada pelo pesquisador. Consiste em um processo em constante transformação, que pode ser percebido por um olhar economicista ou por outras perspectivas que coloquem o social em destaque.

“Singer (1982), alerta que é preciso ter noção de que o termo pode ser visto de duas formas: uma como desenvolvimento econômico, que apresenta natureza quantitativa, e outra como desenvolvimento social, de caráter qualitativo” (SARAIVA, 2015, p.21). Por desenvolvimento econômico, o foco nas ações sociais seria claramente voltado à obtenção do lucro na forma de capital, já o desenvolvimento com perspectiva social, seriam fatores que afetariam a qualidade de vida das pessoas.

Segundo Siedenberg (2012, p. 79), todas as estratégias de desenvolvimento visam, por um lado, “a sobreviver e prosperar” e, por outro lado, “a caracterizar e dinamizar territórios por meio de iniciativas que atendam ou respondam aos anseios da sociedade por uma melhor qualidade de vida”, focados nas características locais de cada um desses territórios, o que pode ser chamado de desenvolvimento local (SARAIVA, 2015).

O desenvolvimento local pode ser considerado como um processo de organização no âmbito de ações locais em que a população em estudo, juntamente ao poder público, busca a melhoria das condições culturais, sociais, ambientais e econômicas das comunidades em questão (BRANDÃO, 2007). O desenvolvimento local ou regional é protagonizado pelos atores locais, instituições privadas e públicas, ou organizações não-governamentais que organizam e formulam políticas e estratégias para o benefício da comunidade em que estão inseridos (PERIN, 2004).

Segundo Sausen (2012, p. 254 -255):

[...] a busca de bem-estar social, econômico e de realização humana e cultural satisfatória. Significa ainda um meio para tentar remeter a sociedade a um nível de vida melhor, e para que isso ocorra faz-se necessário o uso razoável dos recursos da terra, preservando as espécies e o seu respectivo hábitat natural. Desenvolvimento exige uma concepção mais ampla, pois abrange um conjunto de processos sociais, ambientais e econômicos de um local ou região.

Relacionando a fala de Sausen é possível observar o posicionamento do atual líder da Igreja Católica, o Papa Francisco: “O novo caminho para o desenvolvimento econômico sustentável deve colocar a pessoa e o trabalho no centro do desenvolvimento, tentando integrar as problemáticas do trabalho com as ambientais.”²² O conceito passou por uma transição entre a concepção que o relacionava apenas com o crescimento econômico e a conquistas materiais, e a outra concepção que está menos associada com conquistas materiais e mais com atitudes humanas e sociais.

Schiavinatto (2013) buscou classificar as diferentes formas de teorias sobre desenvolvimento, sendo elas (A) Desenvolvimento como crescimento econômico; (B) Desenvolvimento institucional; (C) Desenvolvimento como mito; (D) Desenvolvimento como liberdade; (E) Desenvolvimento sustentável.

Por meio das diversas definições de desenvolvimento e das diversas perspectivas que os pesquisadores podem compreender, é necessário incorporar os aspectos ligados às questões ambientais e justiça social. Para essa discussão sobre desenvolvimento sustentável, os estudos de Sachs (1986, 2002, 2004) demonstram a importância em que o trabalho sustentável e a segurança alimentar, práticas solidárias e de geração de renda passariam a ser as preocupações das políticas públicas e conceitua desenvolvimento a partir de uma nova relação com o meio ambiente, o ecodesenvolvimento.

²² Trecho retirado do site <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-06/papa-francisco-trabalho-desenvolvimento.html>, que faz alusão a fala do atual Papa da Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa Francisco, em mensagem aos participantes da 108ª sessão da International Labour Conference, realizada de 10 a 21 de junho de 2019 em Genebra.

O conceito de ecodesenvolvimento foi introduzido por Maurice Strong em 1972 e difundido por Ignacy Sachs, a partir de 1974. Na definição dada por Sachs, o ecodesenvolvimento significa o "desenvolvimento endógeno e dependente de suas próprias forças, tendo por objetivo responder a problemática da harmonização dos objetivos sociais e econômicos do desenvolvimento com uma gestão ecologicamente prudente dos recursos e do meio" (FILHO, 1993, p. 132).

Para Sachs (2002), o desenvolvimento sustentável é formado em sua plenitude em oito dimensões – social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e internacional.

No que se referem às dimensões ecológicas e ambientais, os objetivos de sustentabilidade formam um tripé: a) preservação do potencial da natureza; b) limitação do uso de recursos não renováveis; c) respeito à capacidade dos ecossistemas naturais. Além do valor ético da solidariedade com as gerações atuais e futuras. (SCHIAVINATTO, 2013, p. 45):

Uma proposta viável, mas ainda com pouca compreensão, é a busca de um desenvolvimento endógeno que incorpore o social e o ambiental juntamente com o econômico. Nessa perspectiva, Bandeira (1999) salienta que os atores sociais são o destaque do processo de desenvolvimento, valorizados pela formação sociocultural de cada localidade. Para Petitinga (2006), compreender o desenvolvimento implica em levar em consideração os aspectos significativos de um determinado território. Já Milani (2005), defende que o desenvolvimento local emerge de fatores culturais, sociais e políticos, não regulamentados unicamente pelo sistema econômico.

O desenvolvimento ambiental não é um limitador do crescimento e do desenvolvimento das nações (SMITH, 1988). A natureza seria uma fonte inesgotável de matéria-prima, o que faria com que as nações mais avançadas tecnologicamente a explorasse de uma forma mais contundente e, como consequência, avançaria nas tecnologias, sedimentando o seu poderio econômico em relação às nações menos avançadas (CORSI, 2007).

O desenvolvimento como crescimento econômico continua sendo a principal maneira de se referir ao conceito. Até finais do século XX, essa associação era naturalizada, pois as nações consideradas “desenvolvidas” eram as que passaram por fortes processos de industrialização, com inovações mecanizadas e fábricas de grande porte. Já as nações que tiveram processos de industrialização tardia foram consideradas nações “subdesenvolvidas” ou

“em desenvolvimento”²³, onde o processo de industrialização era incipiente ou inexistente. Por meio disso, a questão do desenvolvimento econômico está intimamente ligada ao crescimento financeiro.

Quando surgem questionamentos para os sujeitos de municípios com pequeno porte populacional, eles, em sua maioria, definem desenvolvimento como um processo atrelado ao poderio econômico e o associa imediatamente com a construção de fábricas de alto nível que irão gerar empregos para a população. O desenvolvimento seria uma consequência do crescimento econômico em razão do "efeito cascata" (SACHS, 2004, p. 26).

É necessário superar a ideia de desenvolvimento atrelado ao sucesso industrial, com foco nos crescimentos pessoais voltados para o meio econômico, e que é possível medir por meio do PIB *per capita* ²⁴. Junto desse dado devem-se compreender outras intencionalidades que influenciam diretamente na vida das pessoas, como a política, a cultura e o território.

Para Schiavinatto (2013, p. 35):

O desenvolvimento institucional é uma abordagem que exerce um papel teórico importante ao apontar a necessidade de se compreender as mediações entre as estruturas sociais, os comportamentos individuais e a ação dos indivíduos e suas manifestações coletivas, que se dão a partir das instituições.

Entender as instituições em torno das quais se organizam as interações sociais locais é fundamental no que se refere à abordagem territorial (ABRAMOVAY, 2006). Por essa razão, a análise das influências das instituições no processo de desenvolvimento é muito importante, tanto as instituições públicas, como a prefeitura e a câmara dos vereadores, quanto às instituições privadas, no caso de Piranguinho com enfoque nas fábricas de pés de moleque.

O desenvolvimento como mito se formula a partir da ideia de que o desenvolvimento seria algo impossível de ser alcançado por todos os países, uma ilusão, um mito, algo que nunca será atingido. Arrighi (1997) diz que a questão central sobre o desenvolvimento é a pouca mobilidade ascendente dentro da economia capitalista, ou seja, o desenvolvimento é uma ilusão. Vários são os adeptos desta perspectiva, pois seria impossível que todos conseguissem acumular riqueza a ponto de ingressarem no núcleo dos países desenvolvidos, dentro do sistema capitalista contemporâneo.

²³ Os termos “países desenvolvidos”, “países subdesenvolvidos” ou “países em desenvolvimento”, são utilizados para designar os países com base no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede a riqueza de um país, o nível da educação e a expectativa de vida com dados numéricos.

²⁴ O PIB *per capita* é calculado a partir da divisão do PIB (Produto Interno Bruto) pelo número de habitantes da região e indica quanto cada habitante produziu em determinado período.

Para Celso Furtado (1974), o mito congrega uma série de hipóteses que não podem ser testadas. Assim, a ideia de desenvolvimento como algo a ser conquistado pelos países periféricos pode ser instrumento para justificar as formas de dependência. Por meio disso, o desenvolvimento poderia ser entendido como uma "armadilha ideológica construída para perpetuar as relações assimétricas entre as minorias dominadoras e as majorias dominadas" (SACHS, 2004, p.26).

Em sociedades de dominação, a dependência entre países é algo “normal” e até mesmo apoiada. Quando se fala em globalização se entra nesse campo, onde disputas de poder são formadas. “Não é possível generalizar os padrões de consumo dos mais ricos em escala global, em virtude da exclusão que o processo de desenvolvimento, tal como se tem verificado, tende a promover.” (SCHIAVINATTO, 2013, p. 38).

Acredita-se que os países em desenvolvimento se apresentam assim devido à inexistência de uma classe burguesa estabelecida, a qual demonstrou ser responsável pelos avanços técnicos e científicos dos países desenvolvidos, e pela explosão demográfica urbana (VEIGA, 2005). De acordo com Furtado (1974), o processo de acumulação de riqueza tende a ampliar o espaço entre o centro, em crescente homogeneização e as economias periféricas. No centro, há uma tendência aos padrões de consumo e na periferia, um aumento da desigualdade social.

O Desenvolvimento como liberdade demonstra uma visão social do conceito, ideia que vai além das matrizes puramente econômicas sobre o desenvolvimento. Para Sen (2000), o desenvolvimento deve ser muito mais do que acumulação de riqueza e crescimento do PIB. O autor não desconsidera a importância do crescimento econômico, mas a incorporação de outras dimensões como sendo fundamental para o entendimento sobre o que é desenvolvimento segundo suas perspectivas.

Essa liberdade que o desenvolvimento levaria às pessoas só seria possível se os direitos individuais fossem garantidos, em uma perspectiva liberal. “Dessa forma, em nenhum momento a liberdade estará restrita e tampouco será entendida como renda *per capita*, devendo abranger questões culturais, sociais, entre outras” (VEIGA, 2005, pp. 33-34).

Sen (2010, p. 18) complementa:

A despeito de aumentos sem precedentes na população global, o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas – talvez até mesmo a maioria. Às vezes a ausência de liberdades substantivas relaciona-se diretamente com a pobreza econômica, que rouba das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para doenças tratáveis, a oportunidade de vestir-se ou morar de modo apropriado, de ter

acesso à água tratada ou saneamento básico. Em outros casos a violação de liberdade resulta diretamente de uma negação de liberdades políticas e civis por regimes autoritários e de restrições impostas à liberdade de participar da vida social, política e econômica da comunidade.

O desenvolvimento como liberdade se respalda a partir da ideia de que para satisfazer os problemas sociais, tanto no campo econômico, como no campo cultural e até mesmo ambiental, é necessário obter primeiro o direito à liberdade de ações e opiniões. Se a liberdade é negada de algum modo, o pleno desenvolvimento da sociedade não será atingido. Sen (2010) exemplifica com a questão de regimes autoritários, nos quais é limitada a liberdade de participação nas decisões sociais, políticas e até mesmo econômicas.

O desenvolvimento consiste na eliminação de tudo que limita as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercerem sua condição de agente. Para tanto, requer que se acabe com as principais fontes de privação das liberdades que são a pobreza, a tirania, as carências econômicas e sociais, a falta de acesso a bens e serviços públicos e Estados repressores (SCHIAVINATTO, 2013).

Dentro das perspectivas de Sachs, o local passa a ser um espaço relevante para a efetivação desse aspecto de sustentabilidade. A economia não faz sentido se tiver desconectada de formas de trabalho decentes e de garantir o desenvolvimento distributivo e da coletividade. Esse desafio impõe novas metodologias de enfrentamento às questões sociais e propõe investigações não só em contrapartidas econômicas, mas, sobretudo à qualidade de vida da população e sua inserção no meio social. Essas inserções nem sempre efetivadas no campo das práticas sociais e políticas públicas.

A construção da categoria “desenvolvimento”, não deve ser limitada a questões relacionadas à saúde, à educação, ao rendimento, à criminalidade, ao desempenho econômico do sistema produtivo, mas tem como referência o envolvimento ativo de pessoas e grupos sociais em sua definição, na equidade e na sustentabilidade, buscando uma liberdade na condução das ações de suas vidas. Liberdade essa que pode ser definida como princípios éticos, direitos humanos, segurança alimentar, trabalho decente, distribuição de renda e dignidade humana (SACHS, 2004).

1. 3. O IMÁGINÁRIO SOCIAL

“Por trás dos imaginários, procuravam-se os agentes sociais, por assim dizer, no seu estado de nudez, despojados de suas máscaras, das suas roupagens, dos seus domínios e

representações etc.” (BACZKO, 1985, p. 297). É necessário relatar a importância de se relacionar o desenvolvimento com o imaginário social. Ao se referir por “agentes sociais” é possível considerar atores humanos que tenham relações diretas na construção deste imaginário, mas também atores não humanos, como leis, símbolos, monumentos etc.

Nesse sentido, os imaginários não são instituídos de forma autônoma, pelo contrário, são organizados por base de tensões. O imaginário social pode ser compreendido como um conjunto de representações coletivas associadas ao poder. Em tempos de crises políticas, esse argumento pode ganhar maior legitimação a partir da ação de grupos opositores que tentam, a qualquer custo, desestabilizar o poder vigente. Importante relatar que o imaginário só se faz a partir de símbolos, representações e signos coletivos.

A representação, elemento fundamental do imaginário social, que o transporta do universo simbólico para o mundo material, é analisada por Chartier (2002) como um conjunto de classificações, divisões e hierarquizações que definem a compreensão do mundo social a partir de orientações dos grupos ou classes, de acordo com a posição de cada um em determinados espaços da sociedade. Nesse contexto, as representações estão sempre articulando estratégias de poder e dominação.

As disputas pelas classificações e representações têm tanta importância quanto as lutas econômicas para se compreender a realidade do mundo e as formas de dominação nele presente, onde as representações estão inseridas em um espaço de luta, em que um grupo busca impor a outros sua concepção, legitimando-se através de sua capacidade de “fazer crer” (CHARTIER, 2002).

Os agentes sociais, na perspectiva de Baczko (1985) fazem o manejo do imaginário, assim como a publicidade faz com a propaganda em um exercício de fortalecer ou refutar elementos que o interessam. Podemos compreender a questão do imaginário social que a propaganda exerce sobre a mentalidade dos sujeitos locais.

Observe a *web site* oficial da Prefeitura Municipal de Piranguinho:

Imagem 01: Web Site oficial da Prefeitura Municipal de Piranguinho/MG



Fonte: piranguinho.mg.gov.br ²⁵

A representação acima se trata de um aviso de caráter preventivo/punitivo, feito pela prefeitura municipal, demonstrando a importância do uso de máscaras de proteção, devido à pandemia gerada pelo Coronavírus (COVID-19). Mesmo em se tratando de um assunto de importância da saúde pública mundial, a página traz ao fundo uma fotografia do monumento em alusão ao “Menino” do pé de moleque utilizando uma máscara, representando a identidade local, sobre o aspecto do doce, com um fato global, que é a proliferação da COVID-19.

O monumento em questão recebe o nome de “O pé de moleque e o povo”, mas é popularmente conhecido por “O menino”. Ele remete e, de certa forma faz uma homenagem ao início da produção de pé de moleque, onde os meninos vendiam os doces dentro dos vagões dos trens. O monumento foi idealizado por Carlos Henrique Costa Motta e esculpido por Avelino Donizetti Ramos em junho de 2012. Sua localização geográfica é de destaque, próximo ao trevo do município, onde passam durante os dias inúmeros automóveis.

Observe a seguir o monumento:

²⁵ Acesso em 04 de agosto de 2020.

Imagem 02: Monumento “O menino”



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.²⁶

A constituição do imaginário social está dentro de um conjunto de símbolos, regras e comportamentos estabelecidos, que conduzem a uma identidade coletiva de uma determinada sociedade, como no caso de Piranguinho, a relação social com a prática da confecção e venda do doce Pé de moleque. A fotografia acima possibilita a compreensão das práticas culturais relacionadas ao doce pé de moleque materializada em monumentos em locais de destaque.

Observe a seguir um letreiro que se encontra próximo ao monumento:

Imagem 03: Letreiro no trevo do município



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.²⁷

²⁶ Fotografia de 04 de novembro de 2020.

²⁷ Idem.

Além do monumento principal também é possível observar outras manifestações da construção da identidade, como pequenos monumentos em formato de pés e no formato do doce. Também foi colocado no trevo do município um letreiro com a seguinte expressão: “Eu amo Piranguinho: Capital Nacional do Pé de moleque”. A identidade foi construída com o auxílio da história e teve como articulador na questão do imaginário os meios de propaganda e publicidade.

Baczko (1985, p. 309) nos diz que:

Por um lado, trata-se da orientação da actividade imaginativa em direção ao social, isto é, a reprodução de representações da “ordem social”, dos actores sociais e das suas relações recíprocas (hierarquia, dominação, obediência, conflitos, etc), bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder.

Refere-se aos fenômenos que designam o coletivo em espaços de relação de poder. Atuam como elementos centrais na constituição e na legitimação de uma identidade coletiva, definem padrões de comportamento e posições socialmente aceitos. Mediante o imaginário coletivo o indivíduo exerce suas ações sociais.

A ideia de transformar uma prática cultural como uma identidade local é bastante aceita pelas cidades pequenas e médias. Na microrregião de Itajubá é possível encontrar identidades que elevam o nome da localidade por meio das propagandas e da publicidade. Piranguinho com o seu doce pé de moleque, Itajubá com o pastel de milho, Piranguçu com seus doces, Maria da Fé com o frio e também a produção de batata e azeite, Marmelópolis, Delfim Moreira e Wenceslau Brás com as receitas a base do marmelo, Brasópolis com a banana, cachaça e outros quitutes, enfim, essas práticas adquirem a essas localidades novas perspectivas.

Em Piranguinho, além dos monumentos e dos letreiros que foram colocados próximos ao trevo do município, também foi alocado à margem da BR-459 dois portais de entrada com os dizeres “Bem-Vindos, Piranguinho Capital Nacional do Pé de moleque”. Observe a seguir:

Imagem 04: Portais de boas vindas



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.²⁸

É possível observar a expressão “Capital Nacional do Pé de moleque” nas imagens acima, remetendo a construção histórica/cultural que o município detém e que influencia no imaginário social. O local em que foram colocados os portais são locais estratégicos e de fácil visualização, onde os carros que transitam pela BR-459 já relacionam o texto com a localidade, fazendo com que muitos parem seus carros em uma das barracas que comercializam o doce.

A partir das diversas formas que se pode conceituar o “imaginário social” e focado nos estudos da cultura e da política cultural, o conceito é definido pelo “Dicionário crítico de política cultural”, como:

Não se trata, portanto, de um conjunto de fantasias no sentido de irrealidades, mas de um substrato simbólico ou conjunto psicocultural (presente tanto no pensamento "primitivo" quanto no civilizado, no racional como no poético, no normal e no patológico), de ampla natureza, que se manifesta sob diferentes formas e cuja função específica é promover o equilíbrio psicossocial ameaçado pela consciência da morte. (COELHO, 1997, p. 212).

²⁸ Fotografias de 12 de fevereiro de 2021.

A questão do imaginário é trazida como um campo subjetivo que é dado como significado por um grupo. Baczkó (1985, p. 309) busca construir sua análise com base na relação entre o imaginário e o real, destacando que “cada geração traz consigo certa definição do homem, simultaneamente descritiva e normativa, ao mesmo tempo em que se dota, a partir dela, de uma determinada ideia da imaginação, daquilo que ela é ou daquilo que deveria ser.”

O imaginário é um dos pilares da vida social, de uma ação entre os diversos agentes sociais, construindo pontos de marcação nas redes simbólicas pelas quais o coletivo direciona regras, normas e objetivos. Sendo assim o imaginário é um dos instrumentos que organizam a vida coletiva, por meio de atividades simbólicas.

Segundo Botelho (2001, p.76) “[...] na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas.” Por meio disso, é necessário ter a clareza de relacionar a identidade e o imaginário social sempre a uma organização grupal, onde mesmo com as diferenças prevaleça a ligação com alguma prática em comum.

Para Botelho (2001, p.76):

Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade. (...) Os fatores que presidem a construção desse universo protegido podem ser determinados pelas origens regionais de cada um, em função de interesses profissionais ou econômicos, esportivos ou culturais, de sexo, de origens étnicas, de geração, etc. Na construção desses pequenos mundos, em que a interação entre os indivíduos é um dado fundamental, a sociabilidade é um dado básico.

Não há cultura sem a interação social. Para se fazer cultura, necessariamente a troca de experiências humanas deve ser sua base. A construção cultural é uma construção de interações sociais, nesse entremeio de relações são forjadas as identidades locais e organizadas as maneiras de se lidar com esses aspectos.

Para a definição do conceito de Imaginário utilizado no trabalho foi importante o auxílio do professor Rosinei Batista, membro avaliador da dissertação. Por meio de seu intermédio foi apresentado o Laboratório “O Imaginário”, integrado a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que tem como objetivo o atendimento de demandas relacionadas às produções artesanais e industriais, com a junção de professores, estudantes e especialistas em diversas áreas.²⁹

²⁹ Mais informações disponíveis em <https://www.oimaginario.com.br/>.

Ao conhecer a *web site* do laboratório foram compreendidas as relações presentes entre o *design* e o artesanato, por meio do uso de uma metodologia interdisciplinar, com base na sustentabilidade, qualidade do produto e parceria entre a comunidade artesã. Alguns trabalhos foram lidos e serviram como base para a construção conceitual do conceito de imaginário relacionando com a produção do doce pé de moleque, que em Piranguinho é registrado como patrimônio justamente por seu modo artesanal de produção.

1. 4. O CONCEITO DE CULTURA

Definir o que é cultura não é uma tarefa simples. A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras (CANEDO, 2009).

O termo cultura vem do latim *colere*, que remete a significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. Willians (1992, p.13) define cultura como sendo um sistema de significações como meio para estudar as relações sociais tidas como verdadeiras. “Uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada.” Esta concepção, baseada nos argumentos do autor, nos permite ver a cultura como um instrumento para análise e leitura da sociedade. Nesse caso, é possível refletir sobre a realidade local e emergir as tensões impostas pelo elemento da cultura da municipalidade estudada.

Embora sejam bastante presentes os debates sobre o conceito de cultura, não existe um consenso sobre sua definição e o assunto tem se mostrado inesgotável. Segundo Laraia (2009) a primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico pertence a Edward Tylor (1981) em seu livro *Primitive Culture*.

O autor procurou demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução (LARAIA, 2009).

Para Tylor (1871, p.1): “Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” Entretanto, Tylor defendia o princípio do evolucionismo e acreditava haver uma escala evolutiva de progresso cultural onde as sociedades primitivas deveriam percorrer até chegar ao nível das sociedades civilizadas (CANEDO, 2009).

Diferentemente de Tylor, Franz Boas foi um dos pesquisadores que influenciou o conceito contemporâneo de cultura. Realizou pesquisas de observação direta e concluiu que a diferença fundamental entre os grupos humanos era de ordem cultural. Por meio disso defendia que, ao estudar os costumes de uma determinada comunidade, o pesquisador deveria reconstruir historicamente sua origem para assim conseguir explicar o contexto cultural que se formou com o passar do tempo. Decorre dessa constatação o reconhecimento da existência de culturas, no plural, e não de uma cultura universal (CANEDO, 2009).

Canedo (2009), buscando compreender a multiplicidade de interpretações que o conceito de cultura pode gerar, utiliza de três concepções fundamentais sobre o seu entendimento:

1. Modos de vida que caracterizam uma coletividade;
2. Obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento;
3. Fator de desenvolvimento humano.

Toda maneira de se viver em sociedade é respaldada por perspectivas culturais. As pessoas não vivem, não comem, não moram, não vestem e não celebram seus deuses de maneira universal. A cultura caracteriza, portanto, as diversidades presentes nos modos de viver pelo mundo. As manifestações artísticas ou intelectuais também são necessárias para compreendermos o conceito. Essas manifestações ocorrem de maneira diferente por conta do meio em que elas se desenvolvem e por conta da coletividade que transmitem essas ações.

O papel da cultura é bastante importante e se torna fundamental a ampliação de seu conceito para além das matrizes econômicas, permitindo a compreensão da relação entre cultura e desenvolvimento sobre outras ordenações, visto que “cultura é, ordem e desordem, arbitrariedade e ressignificação” (CARVALHO, 2013, p. 49).

O conceito de cultura que Carvalho (2013) ajuda a organizar é definido como:

Conceito armadilha, a cultura é composta por padrões, regras, instituições. Por isso, é fábrica de ordem, reprodução do instituído. É também identificada à superestrutura, bifurcada em cultura científica e cultura das humanidades, cultura erudita e cultura popular. Na perspectiva do pensamento complexo, a cultura é um circuito que envolve ordem-desordem-interação-organização composto por códigos, padrões, modalidades de existência, saberes [...] (CARVALHO, 2013, p. 49).

As reflexões sobre desenvolvimento devem se caracterizar como um elemento constituído por meio de relações de saberes, técnicas, valores, crenças, dimensões simbólicas e ações resultantes do trabalho humano. A cultura é selecionada e validada em um determinado lugar como “crença”. Esta concepção nos possibilita pensar a cultura, e a sociedade, como uma

rede de significados socialmente estabelecidos, em que a cidade passa a ser o local de confluências desses significados (PESAVENTO, 1995).

Marilena Chauí (1995, p. 81) também chama a atenção para a necessidade de se observar o conceito de cultura de forma mais ampla, tomando-o no sentido de invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais”.

A construção desses significados consiste em construir uma leitura sobre o local no que diz respeito às representações que indicam suas concepções de desenvolvimento.

Segundo Lago; Rotta (2018, p. 357)

[...] não se trata apenas de pensar sobre como a cultura pode ser um fator de desenvolvimento, ou mesmo um entrave a ele, mas de refletir sobre como ela constitui o substrato socioeconômico, ético e político a partir do qual determinado modelo de desenvolvimento pode se dar.

O desenvolvimento pode ser representado como uma estrutura cultural dentro de uma matriz social e deve ser refletido ampliando seu conceito na busca de um desenvolvimento pleno, no que diz respeito à vida humana. Por trabalharmos com a prática cultural da confecção e venda do doce pé de moleque, iremos tratar com um forte instrumento de assimilação cultural, a culinária.

Luce Giard (1996, p. 250) diz com profundidade que: “comer não serve apenas para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo.”

A importância da culinária como aspecto social e cultural é claramente compreendida, a alimentação e a cultura são intimamente relacionadas, ressaltando a complexidade de se discutir aspectos alimentares. O fato que Piranguinho passou a ter com o crescimento da popularidade regional devido ao doce pé de moleque fez com que ocorresse também um aumento da publicidade em cima do produto e da localidade em geral.

Sobre a publicidade alimentar, Craveiro (2007, p. 58) diz que:

[...] promoção de produtos alimentares com vista à compra e consumo por parte do consumidor. A indústria alimentar, por utilizar um amplo leque de canais de difusão dos seus produtos (televisão, rádio, jornais, revistas, entre outros) é vista como um grande “cliente” publicitário.

A publicidade tem por principal objetivo a venda do produto, utilizando várias formas de transmitir as características do mesmo. Esse “cliente publicitário” explicitado acima são os

próprios donos ou representantes das empresas, no caso de Piranguinho, os donos das fábricas de doce, conseqüentemente, das barracas de Pés de moleque e a própria Prefeitura Municipal, que investe para a realização da “Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo.”

Observe a seguir uma fotografia que retrata um momento importante que ocorre durante a festa, que é o momento da medição do doce.

Imagem 05: Confeção do doce pé de moleque durante a festa



Fonte: Luciano Lopes (2019).³⁰

Na fotografia representada acima é possível observar o doce montado, os doceiros devidamente vestidos e comemorando a medição, membros da imprensa, políticos locais e regionais, além do público que acompanha na parte de fora da barraca montada na praça central. A festividade, além de um momento de divulgação cultural e de socialização, também é utilizada como estratégia de valorização empresarial, no caso das fábricas de doce envolvidas, e também de forma política partidária, independente do partido que está no poder.

Lago; Rotta nos diz que:

³⁰ Fotografia disponível em <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2019/06/13/festa-do-maior-pe-de-moleque-do-mundo-tera-doce-de-24-metros-em-piranguinho-mg.ghtml>, acesso em 04 de agosto de 2020.

Turismo, gastronomia, folclore, festividades, são exemplos de elementos culturais que são tomados em conta não como objeto de análise, mas como características com potencial para gerar desenvolvimento, especialmente aquele de dimensões regionais, ao serem transformados em produto comercial. (LAGO; ROTTA, 2018, p. 359)

Atividades culturais de uma determinada região podem se tornar objetos para o desenvolvimento econômico da localidade. Grupos de pessoas que trabalham com essas práticas culturais ganham notoriedade e crescem seus empreendimentos.

O município como um todo recebe influências significativas por meio dessas ações culturais. Piranguinho, além de organizar a festa ao doce pé de moleque, também realiza todos os anos outras atividades com viés turístico e religioso, que não deixam de ser atividades culturais, como a festa de Santa Isabel, que vem a ser a padroeira do município, eventos do circuito turístico como corridas de bicicleta e o enduro a pé, encontro de carros antigos na praça central, encontro de jipeiros, eventos esportivos regionais, como os campeonatos de futebol, a festa do Peão de Boiadeiro que ocorre no Centro Regional de Rodeios Paulo Max.

Segundo Lago; Rotta, (2018, p. 361) “O ‘local’ é tão marcado pelos conflitos de interesse e pelas disputas políticas quanto o ‘nacional’, e a caracterização de uma dada região a partir de elementos culturais não pode se render à tentação da homogeneização.” A questão do local deve ser analisada com profundidade, já que é nesse espaço que o desenvolvimento ocorre, com influências das questões culturais, sociais e econômicas de uma dita região, ou microrregião.

É necessário ter alguns cuidados ao se tratar do tema “cultura”. Segundo Lago; Rotta (2018, p.361)

[...] há que se ter todo o cuidado possível com os romantismos em relação à cultura e seus elementos constitutivos. A cultura de uma nação, de um grupo ou de um território, é um constructo histórico, em grande medida resultado e expressão de conflitos passados internos ao grupo em questão, e que manifesta, em boa medida, as visões de mundo e os valores dos grupos que, politicamente, foram predominantes.

O conceito de cultura é um conceito ambíguo e complexo de se analisar. Não se pode prender ao romantismo e nem no reducionismo. Sobre o romantismo voltado às questões culturais, muitas vezes, o pesquisador da cultura é utilizado mais como um propagador de tendências culturais sem a menor criticidade sobre a contextualização social, do que um pesquisador que utiliza do conceito de cultura como uma fonte de análise e de outros vieses, que ajudam na reflexão das transformações sociais e econômicas, vendo a cultura como um fator essencial e influenciador nessas transformações.

O reducionismo sobre o conceito de cultura pode ocorrer quando o pesquisador não transmite ao conceito a importância que ele merece ou requer. Muitas vezes, isso pode ocorrer quando ocorrem análises de determinado contexto social olhando simplesmente pela ótica econômica. Ao colocarmos as questões econômicas como o único motor que organiza a sociedade e a influência, deixamos de compreender que os aspectos culturais de dada região ou microrregião são tão influenciadores quanto a questão econômica, ou até mais, em determinados fatos.

Por meio desses aspectos, a cultura e o desenvolvimento são indissociáveis, uma vez que:

O verdadeiro impacto da cultura sobre o desenvolvimento será compreendido se a tomarmos como aquele substrato que organiza e orienta os modos de pensar, de agir e de viver das pessoas. A questão vai muito além de “vender” elementos culturais para gerar desenvolvimento. É preciso compreender e assumir que nada existe fora da cultura, que ela é a fonte das crenças e valores em função dos quais as pessoas organizam o que fazem e definem quem são. (LAGO; ROTTA, 2018, p. 361).

É possível dizer que a própria questão do desenvolvimento econômico é uma questão cultural. A cultura orienta as ações simbólicas e materiais das pessoas e das sociedades, por essa razão o mais correto, em relação a esse conceito, seria pluralizá-lo, ao invés de se escrever “cultura”, deve-se orientar a utilização de “culturas”, pois o conceito não busca a exatidão e muito menos a padronização.

Ortiz (2008, p. 123) diz que: “[...] a cultura é constitutiva da sociedade (ou se preferirem), não há sociedade sem cultura [...]”. A cultura tem sido definida como um conjunto complexo de códigos que asseguram a ação coletiva de um grupo. A noção de código, que veio marcar profundamente as teorias antropológicas atuais sobre a questão da cultura, procede da linguística, que apontou o caráter ao mesmo tempo social, inconsciente e sistemático da linguagem, domínio central da cultura.

Segundo Velho (1978, p. 5):

Estes códigos que vão constituir a Cultura consistem essencialmente em aparelhos simbólicos. A natureza simbólica da Cultura é outro aspecto importante desta noção em Antropologia. A Cultura pode ser concebida como um sistema de símbolos, organizados em diversos subsistemas. Neste sentido, o comportamento humano é percebido como apresentando, para além dos aspectos puramente técnicos ou pragmáticos, um componente simbólico e expressivo.

A noção de cultura como código, ou seja, conjunto de regras de interpretação da realidade, que permitem a atribuição de sentido ao mundo natural e social, auxilia a

compreensão da cultura como ações humanas que remetem a ações individuais, mas principalmente a ações coletivas.

Ortiz (2008, p. 123) define cultura relacionando-a com os símbolos.

A esfera da cultura é um domínio dos símbolos, e sabemos, o símbolo tem a capacidade de apreender e relacionar as coisas. Neste sentido, o homem é um animal simbólico, e a linguagem uma das ferramentas imprescindíveis que define sua humanidade. Não existe, portanto, sociedade sem cultura, da mesma maneira que linguagem e sociedade são interdependentes.

A cultura trata de transformações e permanências humanas durante um período histórico e em um lugar específico. Desta maneira, o simbolismo é utilizado pelos seres humanos como forma de explicar ações ou dar valor a tradições, postas ou inventadas (HOBSBAWM, 2014).

Santaella (2003, p. 30) diz que “há consensos sobre o fato de que cultura é apreendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais.” Para a autora, o conceito de cultura pode ser dividido em duas perspectivas, a “tradição” e a “civilização”.

A cultura seria aquilo que no meio ambiente é feito pelo próprio homem, e onde as relações com o ambiente social se estabelecem. Por conta disso, Certeau (1995) utiliza o termo “culturas no plural”, chamando a atenção para as características particulares dos diferentes grupos, nações e períodos históricos.

Thompson (1995, p. 176) salienta que:

Cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos se comunicam entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças.

Como ação transformadora das atividades humanas, a cultura é correspondida por elementos simbólicos e materiais. A oralidade e a comunicação são formas de propagar aspectos culturais, por meio de experiências vividas e por meio do imaginário social produzido por essa experiência.

Segundo Eagleton (2005, p. 184):

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio.

As ações humanas definem as relações culturais. A maneira de viver de determinada sociedade é compreendida por meio da cultura que ela expressa. A cultura está contida no agir humano e principalmente sobre as intencionalidades que levam a essa atitude. Não é simplesmente o que as pessoas vivem, mas podemos interpretá-la por um viés mais complexo, sendo os motivos que fazem as sociedades viverem ou agirem de maneira a permanecer ou transformar seu ambiente social. Segundo Geertz (1989), cultura, a partir do olhar semiótico, é onde o homem estaria sempre amarrado as teias de significações tecidas por ele mesmo.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal suspenso em teias de significações que ele mesmo teceu, entendo a cultura sendo essas teias, e sua análise, portanto, como sendo não uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significados. (GEERTZ, 1989, p.15).

A cultura, o imaginário e a busca por significações estão entrelaçadas como uma teia que juntas buscam o sentido. A partir desta reflexão, é proposta a formulação da concepção simbólica de cultura, ou seja, cultura como sendo a assimilação de símbolos com significados para a sociedade que a interpreta. Segundo Canedo (2009): “A Economia da Cultura estuda a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas”, envolvidas entre símbolos e práticas sociais.

Segundo Souza (2018, p.49):

De maneira perversa, a cultura é trazida pela perspectiva da competição entre as indústrias culturais, os quais precisam desenvolver estratégias para se manterem no mercado. É o caso da prestação de serviços como gravação, edição e mixagem de som, criação e interpretação musical, atuação, produção e direção de espetáculos teatrais e de dança; gastronomia; e produções culturais.

A autora relata uma das perspectivas em que a cultura é tratada a partir de um viés economicista, na qual a competição sobressai aos sentidos culturais presentes nas representações. As estratégias trabalhadas para se manter no mercado de competição que o sistema Capitalista impõe se constroem a partir das estruturas de *marketing* e não leva em conta a prática cultural em sua essência histórica e simbólica.

O que distingue a economia da cultura com a economia convencional é a forma com que o viés produtivo é empregado, podendo assumir um caráter hegemônico ou estabelecer plataformas de comercialização de bens e serviços culturais fora da ideia de competição, concorrência e disputas. “Vista sob esse ângulo, a cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento econômico.” (REIS, 2009, p. 01).

A definição de “economia da cultura” começa a ganhar relevância dentro do Sistema Nacional de Cultura no Brasil (SNI) e das Diretrizes de desenvolvimento difundidas pela ONU (Organização das Nações Unidas). A cultura, a partir de 1980, passa a ser “reconhecida como fator indispensável para o aprimoramento humano, a coesão social e a diminuição das desigualdades.” (CARVALHO; NÓBREGA, 2012, p. 129).

Dentro das intenções do Plano Nacional de Cultura (PNC), a proposta de associar a cultura com a economia traz as potencialidades dos modelos sustentáveis, de economia solidária, de economia criativa e de cadeias produtivas com força de desenvolvimento de base local, no que tange a sócio produtividade e as tecnologias sociais. O Laboratório “O Imaginário”, junto a UFPE emprega esta perspectiva relacionando o *design* com o artesanato sem deixar de preocupar com os fatores ambientais e socioculturais.

Ressalta-se que as construções dessas propostas citadas surgem no PNC como forma de caracterizar o que se busca ao fomentar a estruturação da “economia da cultura”. Portanto, as orientações da “economia solidária”, dos “modelos sustentáveis” e das “cadeias produtivas” surgem como necessárias para a configuração dos fundamentos ao que se entende por “economia da cultura”.

A palavra “sustentabilidade” nos é posta como princípio norteador quando refletimos o conceito de economia da cultura. Os “modelos sustentáveis” são utilizados no PNC de maneira que orientam as definições. Espera-se nas práticas direcionadas ao desenvolvimento local que assumam as caracterizações do sustentável valorizando e respeitando das dinâmicas plurais do social, cultural, ambiental, ecológico, territorial, econômico e político, seguindo a ótica produzida por Sachs (2002), o qual sugere que a economia só faz sentido se promover o trabalho decente e a sustentabilidade.

Para Reis (2009, p. 25):

[...] a economia da cultura oferece todo o aprendizado e o instrumental da lógica e das relações econômicas – da visão de fluxos e trocas; das relações entre criação, produção, distribuição e demanda; das diferenças entre valor e preço; do reconhecimento do capital humano; dos mecanismos mais variados de incentivos, subsídios, fomento, intervenção e regulação; e de muito mais – em favor da política pública não só de cultura, como de desenvolvimento.

“Na economia da cultura, a questão econômica está vinculada ao simbólico e a produção material resultante das diversas formas de expressão, saberes e fazeres.” (SOUZA, 2018, p. 49). Na trilha desse entendimento, as trocas materiais acabam desenvolvendo significados imateriais por reforçar o simbólico e, ao mesmo tempo, gerar possibilidades para o desenvolvimento humano e local.

Sobre a economia da cultura pode-se compreender que o conceito está vinculado ao movimento de rede de serviços e de relações. Podem auxiliar na organização de cooperativas culturais e de ações do poder público, com o objetivo de potencializar esforços e valorizar os saberes e fazeres presentes nas atividades culturais, influenciando no processo de transformação local voltado ao desenvolvimento em suas perspectivas sustentáveis, além de auxiliar nos processos de geração de renda.

CAPÍTULO II

RELAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO E TERRITÓRIO: O LOCAL E O MICRORREGIONAL

“A cidade não conta seu passado,
ela o contém como as linhas das mãos.”

Ítalo Calvino

Este capítulo pretende organizar um histórico sobre as questões socioeconômicas que Piranguinho deteve durante alguns períodos específicos de sua história, relacionando com o desenvolvimento da microrregião de Itajubá.

Inicialmente, serão contextualizadas a origem e as atividades socioculturais e econômicas que eram exercidas no município. Posteriormente, serão demonstrados os índices e dados oficiais em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que sendo um dado numérico, é importante para que ocorra o diálogo com as fontes levantadas a partir das entrevistas.

2. 1. PIRANGUINHO: O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA

A palavra “Piranguinho” tem origem do tronco linguístico Tupi, na qual *Piranguim* significa “rio vermelho, o pequeno” (*Piranga*: vermelho + *y*: rio + *im* [mirim]: pequeno), segundo a interpretação do toponimista Benedito Prezida. (ALMEIDA, 2008).

O conceito de toponímia, segundo Dick (1990, p. 119), abrange a etimologia do “próprio vocábulo (do grego, *topos*, “lugar” e *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.)” (HEBERLE; MACHADO, 2018, p. 71). Por meio disso, toponimista é o cientista que estuda a origem dos nomes dos lugares.

O significado do nome do município foi algo contraditório ao longo da história, pois durante muito tempo e para muitas pessoas a palavra Piranguinho significava, e ainda significa “peixe pequeno”, explicação oriunda de histórias locais. Atualmente, ainda se ouve esta explicação ao dialogar com os moradores locais. Devido a vasta quantidade de peixes pequenos

que se extraía do Rio Sapucaí, principal rio da região e que transpassa praticamente toda a extensão do município, essa história é popularizada e propagada.

O Rio Sapucaí é um fator fundamental para compreender o desenvolvimento histórico de toda microrregião de Itajubá. Segundo o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Sapucaí (CBH Sapucaí)³¹:

Sapucaí quer dizer rio das sapucaias, isto é, rio que canta, rio que grita. O nome foi dado pelos índios em alusão às lecitidáceas que, quando fustigadas pelos ventos, frequentes no vale, produziam silvos semelhantes a gemidos. E como essas existiam em abundância em quase todo vale, margens e barrancas de rio, onde eram mais aglomeradas.

O Rio Sapucaí tem como nascente na Serra da Mantiqueira, no município de Campos do Jordão/SP, a uma altitude de 1650 metros, e percorre alguns municípios do sul de Minas como Itajubá, Santa Rita do Sapucaí, Pouso Alegre e Paraguaçu, desaguando no Lago de Furnas a 780 metros de altitude, atravessando, aproximadamente, 343 km, sendo 34 km dentro do estado de São Paulo e 309 km em Minas Gerais (FARIA, 2007).

O Rio Sapucaí é a artéria principal do corpo de 46 cidades, 43 no estado de Minas Gerais e 3 no estado de São Paulo. Em sua Bacia, vivem mais de meio milhões de pessoas (FARIA, 2007, p. 76 Apud BERALDO, 1996).

Ainda sobre a questão geográfica:

A Bacia hidrográfica do Sapucaí é uma sub-bacia do Rio Grande que, por sua vez pertence à Bacia do Prata, que após margear a Argentina deságua no Oceano Atlântico. [...] Antes da construção da hidrelétrica de Furnas, no começo da década de 1960, o Rio Sapucaí desaguava diretamente no Rio Grande, nas proximidades de Alpinópolis/MG, e sua extensão era de 405 quilômetros. (FARIA, 2007, p. 76 Apud BERALDO, 1996)

A partir de sua nascente, o Sapucaí recebe os afluentes do Itererê, Bicas e Santo Antônio, chegando até Itajubá. De Itajubá até o distrito de Olegário Maciel, que pertence a Piranguinho, o Sapucaí recebe os afluentes do Piranguçu, Piranguinho, Lourenço Velho e Rio Alegre (FARIA, 2007).

Observe a imagem a seguir:

³¹ Disponível em <http://www.cbhsapucaí.org.br>. Acesso em 21 de outubro de 2020.

Imagem 06: Rio Sapucaí. Divisa entre Piranguinho e São José do Alegre



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.³²

A fotografia acima retrata a atual composição do Rio Sapucaí no trecho entre os municípios de Piranguinho e São José do Alegre. O Rio Sapucaí, que durante a história foi bastante utilizado para escoamento de produção e para trocas comerciais, atualmente, se reserva ao trabalho de alguns pescadores. A maior atividade exercida por meio do Médio Sapucaí, na região onde Piranguinho faz parte, é a extração de areia por meio de dragas para esta função.

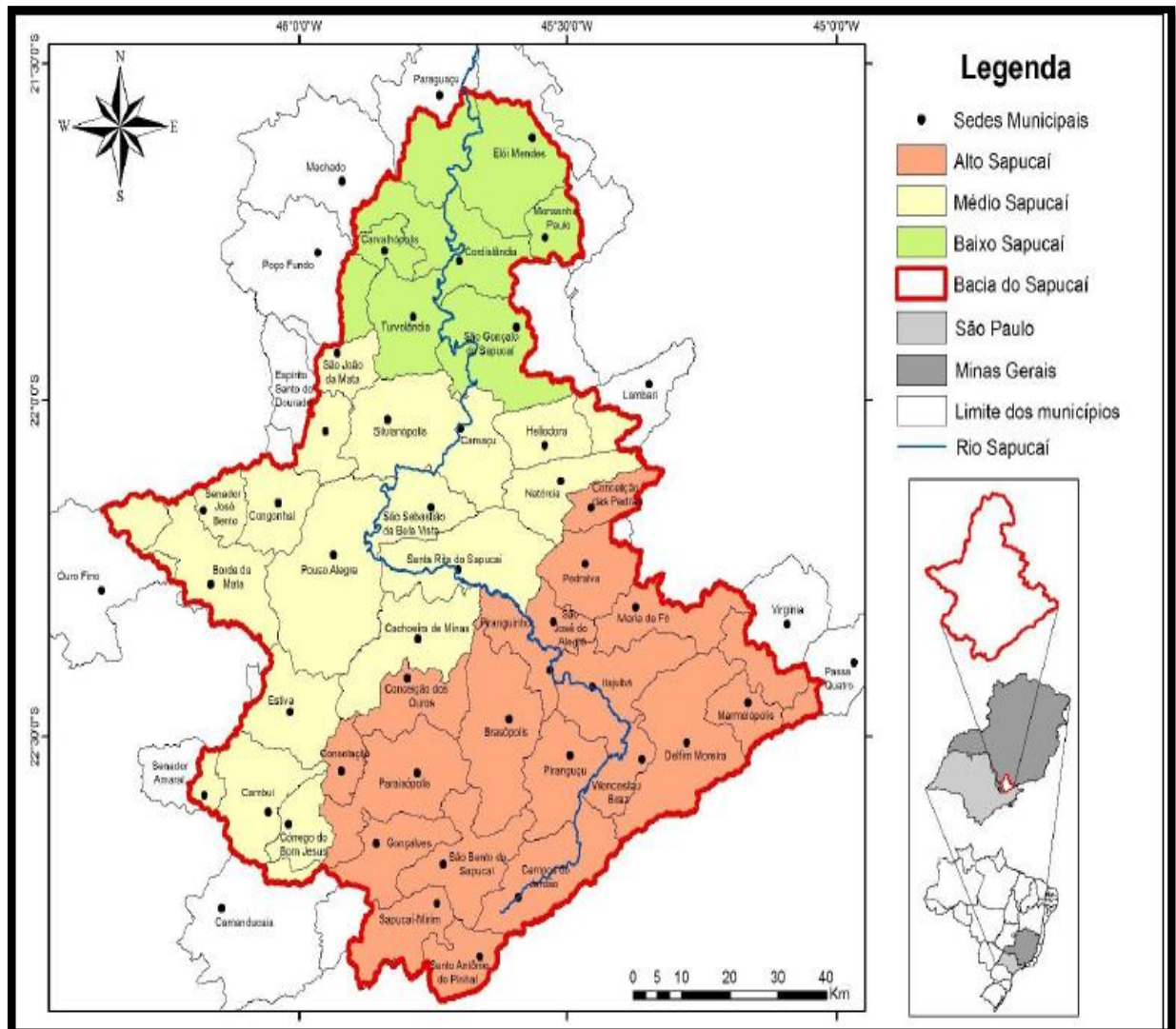
Segundo Faria (2007, p. 92 Apud BERALDO, 1996):

No século XIX a região do Rio Sapucaí e grande parte da Região Sul Mineira era navegável, inicialmente com embarcações movidas a varejão (balsas impelidas por varas grandes). Por volta de 1892 surgem barcos à vapor. [...] Em 1919 surge a navegação fluvial do Sapucahy, empresa subsidiada pelo Estado que possuía itinerário e horários regulares.

Observe a seguir a trajetória do Rio Sapucaí, de sua nascente até o desaguar em Paraguaçu:

³² Fotografias de 12 de fevereiro de 2021.

Mapa 02: Trajeto do Rio Sapucaí



Fonte: Martins (2019, p. 1716). Adaptado de IGAM (2010).

A Bacia do Rio Sapucaí é dividida em três partes, segundo pode-se observar no mapa acima. O Alto Sapucaí corresponde às áreas mais altas da Mantiqueira, desde sua nascente. Dela fazem parte os municípios da microrregião de Itajubá. O Médio Sapucaí corresponde à região do Vale do Sapucaí e na cidade de Pouso Alegre se encontra com o Rio Sapucaí Mirim, o Baixo Sapucaí, a região de menor altitude até desaguar na represa de Furnas (BERALDO, 1996).

É possível compreender a relação entre o município de Piranguinho e a prática econômica relacionada ao rio, que é a pesca, por meio do significado do seu nome. Por meio da bandeira municipal o simbólico retrata a prática da pesca.

Observe a seguir:

Imagem 07: Bandeira do município de Piranguinho



Fonte: piranguinho.mg.gov.br

Segundo Oliveira (2017, p, 43): “[...] os símbolos são como depósitos de memória, em que se privilegiam aspectos a serem reforçados para não cair no esquecimento.” A bandeira é um símbolo que retrata aspectos importantes para a comunidade que ela representa. Pode-se definir bandeiras de nações, estados, cidades, de grupos identitários, times de futebol ou partidos políticos, como símbolos de representação da identidade sociocultural de um grupo, orientado a partir de interesses em comum, como a origem étnica, linguística, sexual, ideologia política ou relações esportivas.

A bandeira de Piranguinho é representada com uma junção de símbolos que merecem atenção. Ao centro, pode-se visualizar um peixe dourado e pequeno fazendo alusão ao nome da localidade segundo a crendice popular. Atrás deste peixe, pode-se perceber um triângulo representando o estado de Minas Gerais. Nos lados do triângulo, estão representados, à esquerda, um pé de milho e, à direita, uma rama de café. Os símbolos ao centro fazem referência à questão econômica do município ao longo do tempo, remetendo, ao município, relações com as atividades agrícolas e a pesca. Na parte central inferior, encontra-se o nome do município juntamente com duas datas, 1963 e 1978, datas que significam a emancipação política do município e a criação da bandeira, respectivamente.

Segundo Serbena (2003, p. 06): “O imaginário possui uma função social e aspectos políticos, pois na luta política, ideológica e de legitimação de um regime político existe o

trabalho de elaboração de um imaginário por meio do qual se mobiliza afetivamente as pessoas.” O imaginário social necessita de símbolos para ser apreendido de maneira positiva, ou seja, os símbolos como a bandeira ou o hino, são fundamentais para o sucesso deste imaginário construído em seus usos sociais.

Segundo Carvalho (1987, p. 11): “[...] as sociedades definem suas identidades e objetivos, [...], organizam seu passado presente e futuro [...] O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias [...] por símbolos, alegorias, rituais, mitos.” Pode-se compreender a importância que se dá a existência de símbolos materiais, como as bandeiras, e aos símbolos abstratos, como diz respeito aos hinos.

2. 2. OS TRILHOS DA HISTÓRIA: O TREM E A ORIGEM DE PIRANGUINHO

Ao analisarmos o território, nos deparamos com várias características específicas do lugar, como sua formação histórica, econômica e cultural. Milton Santos (1994) nos apresenta os conceitos de fixos e fluxos para a compreensão das transformações do espaço por meio da influência dos atores sociais, para que se tenha uma reflexão sobre os “avanços” e “retrocessos” ao passar do tempo.

Fixos são objetos materiais, concretos e que sofreram uma transformação com o passar do tempo ou uma criação humana que adquiriu um sentido. Ao abordarmos este conceito, podemos compreender o espaço relacionado ao transporte como um sentido “fixo” segundo a perspectiva de Santos (1994). O Rio Sapucaí, a Linha Férrea *Sapucahy* e a rodovia BR-459 compreendem de sentido fixos que constituíram, durante a história, a organização do espaço. “Os fixos são econômicos, sociais, culturais, religiosos, etc. Eles são, entre outros, pontos de serviço, pontos produtivos, casas de negócios, hospitais, casas de saúde, ambulatórios, escolas, estádios, piscinas, e outros lugares de lazer.” (SANTOS, 2007, p. 142)

Fixos também são divididos em públicos e privados. Segundo Santos (2007, p. 142)

[...] se queremos entender a cidade não apenas como um grande objeto, mas como um modo de vida, há que distinguir entre os fixos públicos e os fixos privados. Estes são localizados segundo a lei da oferta e da procura, que regula também os preços a cobrar. Já os fixos públicos se instalam segundo os princípios sociais, e funcionam independentemente das exigências do lucro.

O território é dividido entre público e privado e deve ser analisado por meio destas vertentes. O conceito de Fluxo está relacionado a ação, movimento, o que fornece sentido aos fixos. Para Santos (2008, p. 62) “Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e

atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modifica.” Pode-se compreender, contextualizando os conceitos com a relação proposta, que os usos do espaço fixo pela ação humana, torna as práticas presentes neste espaço de forma a ocorrer um processo de dinamicidade, que Santos chama de Fluxo.

Fluxos seriam as atividades realizadas nos Fixos, como as questões econômicas, por exemplo, o transporte de carga em pequenas embarcações, que ocorria no Rio Sapucaí, a venda próxima à estação, onde se comercializavam doces e produtos locais e, atualmente, as barracas de pés de moleque, que se encontram à margem da rodovia BR-459. Atividades culturais também são consideradas como Fluxos que influenciam os Fixos e a Festa do Maior Pé de moleque do Mundo é um exemplo para isso.

Segundo Barbosa (2014), estudar os Fixos e Fluxos de forma separada é praticamente impossível, pois ambos os conceitos são interligados e se completam. Os Fixos são gerados a partir de Fluxos influenciadores e estes Fluxos se adaptam ao espaço composto pelos Fixos.

Em Piranguinho, podemos analisar estes Fixos e Fluxos por meio da passagem do tempo histórico. Segundo Faria (2007, p. 149):

Piranguinho iniciou sua história no final do século XIX, quando o Brasil ainda era um Império governado por D. Pedro II. A região, onde atualmente se localiza o município, até meados do século XIX, era propriedade da Baronesa Leocádia de Lourenço e estava subordinada a São Caetano da Vargem Grande – atual Brasópolis.

O vilarejo se originou com o advento da Linha Férrea *Sapucahy*³³. Para Matos (1990), as ferrovias ampliaram as fronteiras para a formação de novos municípios, servindo de suporte econômico para o escoamento da produção agrícola e de atividades pecuárias, focando principalmente na cultura do café, que foi a base da economia brasileira até meados de 1930.

“As ferrovias começaram a ser implantadas no Brasil na primeira metade do século XIX, através de investimentos governamentais e privados, com o objetivo de atender os interesses da elite agrária” (FICI, 2007, p. 05).

³³ A Viação Férrea do Sapucaí, aberta como E. F. do Sapucaí em 1887, inaugurou o primeiro trecho de linha até Itajubá em 1891, partindo de Soledade, na E. F. Minas e Rio. Em 1897 chegou a Sapucaí, na divisa com São Paulo, tendo cedido o trecho que chegava a Itapira à Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, bem antes disso. Incorporada pela Rede Sul-Mineira em 1910, daí à RMV em 1931 e finalmente à RFFSA em 1971, os trens de passageiros deixaram de circular no final dos anos 70 e os trilhos foram retirados a partir de 1986. Disponível em http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_sapucaí/rmv_ramal_sapucaí.htm, acesso em 27 de janeiro de 2019.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passava por uma modernização relacionada à produção cafeeira e com isso a expansão das linhas ferroviárias começou a ser ampliada pelo Brasil. O trem passou a ser o principal meio de transporte de produtos e de pessoas da época.

Tosi e Faleiros (2011, p. 426) dizem que:

Preterindo Goiás e os planos iniciais de prolongamento, a CMEF (Companhia Mogiana de Estradas de Ferro) optou por estender os seus trilhos pela zona cafeeira do sul de Minas (Muzambinho, Guaxupé, São Sebastião do Paraíso e demais municípios da região) em face da decadência dos principais centros produtores de café tributários de sua linha (Ribeirão Preto, São Simão, Cravinhos e Amparo) verificada a partir de 1913.

Com o desenvolvimento do uso ferroviário no Brasil, novas oportunidades surgiram para as regiões centrais do território, onde a produção passou a ser escoada com maior facilidade. As estradas de ferro possibilitaram a transformação entre a fase escravocrata e a organização do Brasil capitalista, não somente no que diz respeito à produção de café, mas também outros importantes produtos para a economia nacional.

As ferrovias foram implantadas como forma de substituição do transporte de tração animal, que era um sistema de transporte precário e pouco eficiente em relação ao tempo de trajeto entre a produção e o escoamento das mercadorias para exportação. “O desenvolvimento dos meios de transportes estimula a indústria e o setor produtivo de toda economia mundial” (FICI, 2007, p. 05).

Pelo aumento da velocidade de escoamento dos produtos, a produção também amplia, pois o produto não fica parado no estoque por muito tempo. As ferrovias estimularam o crescimento dos municípios, e o desenvolvimento do mercado consumidor (MATOS, 1990).

O crescimento no número de vilas e posteriormente de cidades é repleto de influência do aumento das linhas férreas na região. O ex-prefeito de Piranguinho, em um poema de sua autoria, diz que: “Minas já era um grande Estado e crescia por essas bandas suas vilas! Um dia no ‘arto’ dessas serras, Maria fez fumaça e apitou [...] foi assim, devagarinho, que foi pintando o Piranguinho!”

A relação entre a formação histórica com a ferrovia está visivelmente retratada na fala, pela qual é feita uma alusão à “Maria fumaça”. Essa breve análise histórica se faz necessária para a compreensão da organização social, política, cultural e econômica que o município de Piranguinho detém atualmente.

Observe a seguir um mapa dos principais entroncamentos e passagens da Via Férrea *Sapucahy* no território em que estudamos:

As instalações férreas, pelo território sul mineiro, fizeram com que os produtos que eram produzidos na região ganhassem visibilidade dos outros estados e conseqüentemente auxiliassem para o aumento do fluxo de pessoas entre os municípios.

Segundo Andrade (2014, p. 168): “A posição geográfica do Sul de Minas colaborou para que, no decorrer dos últimos séculos, a região participasse com considerável importância no abastecimento, em especial através dos produtos agropecuários, do amplo mercado consumidor que foi se consolidando.”

A questão territorial é fundamental para a análise do desenvolvimento de uma localidade, seja ela urbana ou rural. Dependendo de sua posição geográfica e os bens de consumo gerados por ela, a localidade se torna propícia para um crescimento econômico e sociocultural.

Veja a seguir um mapa com o trajeto da linha férrea *Sapucahy* no ano de 1898:

Mapa 04: Trajeto da Estrada de Ferro *Sapucahy* no ano de 1898



Fonte: ANDRADE (2014), modificado pelo autor.³⁴

Pode-se compreender que a própria implantação das redes ferroviárias na região se deu por conta da tentativa de relação entre as áreas produtoras do Sul de Minas Gerais com os mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

³⁴ A região onde atualmente se encontra Piranguinho foi destacada de cor amarela entre as cidades de Itajubá e Santa Rita do Sapucaí, pois no mapa original não se encontrava demarcada. A cidade de Pouso Alegre está em destaque, pois o mapa foi retirado da tese de doutorado de Andrade (2014), que tem como foco a cidade em questão.

Para contextualizar a história oficial, foi necessária a busca na memória popular e em autores que registraram esses fatos os memorialistas transmitem a história local com suas experiências e vivências.

Segundo Domingues (2011, p. 02), os memorialistas são

[...] escritores que utilizam diversas ferramentas e fontes em seus textos – às vezes resultando em textos de cunho autobiográfico, nos quais o autor utiliza a sua experiência de vida e a tradição oral, da cidade sobre a qual escreve, para construir a narrativa histórica -, sem que para isso se utilizem das normas metodológicas e teóricas da escrita acadêmica sobre história.

Os estudos memorialísticos são uma das principais formas de contrapor a história oficial, questionando acontecimentos e demonstrando uma nova visão, até então escondidas ou reprimidas pelas formas de poder dominantes e que tentam escrever a história sem, ou com limitados questionamentos, com uma perspectiva positivista.

Em Piranguinho, destaca-se o trabalho do memorialista Joaquim Mota de Almeida³⁵, que com o auxílio acadêmico do professor Zaluar Martins Renó, escreveu a obra “Estação do Piranguinho: as origens e outros olhares”. Também se deve registrar a importância da obra “Piranguinho: tempos e lugares da cidadania”, organizada pelo grupo NEPHIS (Núcleo de Estudos e Pesquisa Histórica).

Segundo os autores citados acima, “o surgimento de Piranguinho está ligado à construção de um engenho de serra movido com as águas represadas do Ribeirão dos Porcos, a partir de 1882.” (ALMEIDA, 2008, p.15). A partir destes dados, é possível perceber que Piranguinho teve relação profunda entre sua formação e o viés econômico que a ferrovia e os usos do Ribeirão provocavam na região.

A contextualização histórica é importante nas pesquisas, pois sem o contexto historiográfico, o tema em questão fica vago ou limitado. Busca-se, aqui, realizar uma breve introdução histórica para chegar ao *locus* desta pesquisa, que é a produção do artefato pé de moleque e sua relação com o desenvolvimento local.

A relação entre Piranguinho e a produção do doce é uma relação centenária, transformada com o passar do tempo em suas práticas e com aproximada relação com os meios e formas de transporte que guiaram a economia local.

Segundo Almeida (2008, p. 50.51):

O pé-de-moleque apareceu em Piranguinho por volta de 1911, quando Dona Maria Paulina de Noronha (Neném Paca), com a devida autorização,

³⁵ Memorialista local.

construiu, ao lado da estação ferroviária de Piranguinho, um cômodo de madeira coberto com zinco aonde ela instalou um barzinho. Nele, os viajantes que passavam de trem podiam saborear um delicioso cafezinho com biscoitos, bolos, sonhos e uma variedade de doces, inclusive o pé de moleque, feitos por Dona Neném. A partir de 1928, a administração do bar passou para seus familiares e, em 1938, ele foi desativado.

A prática da confecção e venda do doce teve sua origem devido à abertura provocada pela administração ferroviária no local. Sabendo disto, é possível compreender o início do processo de reconhecimento do doce pelos municípios da região, pois com a passagem dos viajantes, o doce era levado para outras localidades, fazendo o processo econômico circular.

O semanário itajubense “A Verdade”³⁶ do dia primeiro de setembro de 1895 anunciava a construção da Estação pela Companhia Viação Férrea *Sapucahy*:

Recebe-se propostas para a construção da estação do Piranguinho, até o dia 15 de setembro do corrente ano, no escritório do Engenheiro residente, em Christina, onde os srs. proponentes poderão examinar a planta e especificações da obra. Christina, 25 de agosto de 1895. Antonio A. Horta Barbosa. Engenheiro residente.

A Estação do Piranguinho era um projeto pensado pelos engenheiros da época, para poder fazer a economia do local crescer e fazer a região ganhar maior importância em âmbito estadual. Em 1895, que é datada a notícia, Piranguinho, era um vilarejo pertencente a São Caetano da Vargem Grande, que por sua vez era pertencente ao município de Itajubá, que fora elevada à categoria de cidade em 1862. A estação foi inaugurada em 1896, mas, anteriormente, existia uma provisória, desde 1889 (RENÓ, 2011).

Observe a seguir uma fotografia desta estação, pertencente ao acervo de Joaquim Mota de Almeida e data de meados dos anos 1950:

³⁶ Jornal “A verdade”, Itajubá, 01 de setembro de 1895.

Imagem 08: Estação do Piranguinho



Fonte: ALMEIDA (2008, p. 256), pertencente ao acervo de Joaquim Mota de Almeida.

Na imagem acima, é possível visualizar uma pequena casa, que seria o local da estação ferroviária, algumas pessoas e os trilhos aonde o trem passava. A construção da estação não é muito detalhada, mas é um local bastante singular e fundamental para o desenvolvimento local. A Estação Ferroviária, que foi uma das principais causadoras da formação urbana, atualmente se tornou um local abandonado e a arquitetura tradicional praticamente não existe. Ainda se podem visualizar algumas marcas de trilhos em frente às janelas, mas a base e a aparência da antiga estação são inexistentes.

Imagem 09: Marcas dos trilhos



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.³⁷

³⁷ Fotografia de 16 de maio de 2019.

O local onde era instalada a estação ferroviária se tornou moradia para uma família local e foi utilizada como residência particular desta família até o falecimento de seus membros. Atualmente, ela se encontra sob o poder público municipal que já estipulou utilizar o espaço como uma casa de cultura ou como um museu, porém até o dado momento isso não foi colocado em prática e o prédio se encontra sem uso.

Em várias localidades da região, as estações ferroviárias passaram por processos de análise para tombamento histórico patrimonial, devido a sua importância na formação dessas cidades. É possível citarmos como um exemplo de estação tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o prédio da cidade de Itajubá. Este espaço foi tombado pela prefeitura, sob o Decreto nº 3093/1998, por sua importância cultural para a cidade.

Atualmente, encontra-se, no espaço, um Museu “onde se concentram vários pertences a familiares de pessoas notórias da sociedade itajubense do passado.”³⁸ Citamos este exemplo por se tratar de um espaço semelhante ao de Piranguinho e que já concentra em sua localidade um museu, projeto que já foi cogitado pelo poder público para ocupar o espaço da estação local.

Observe a seguir mais uma fotografia da estação ferroviária de Piranguinho em sua atual estrutura:

Imagem 10: Atual estrutura da antiga estação ferroviária de Piranguinho



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.³⁹

³⁸ Disponível em <http://www.ipatrimonio.org/itajuba-antiga-estacao-ferroviaria-e-deposito/#!/map=38329&loc=-22.424224000000017,-45.460549,17>, acesso em 28 de abril de 2020.

³⁹ Fotografia de 16 de maio de 2019.

Com o passar dos anos, a base da arquitetura da estação não se manteve e o local se transformou, perdendo quase totalmente o *status* material que um dia teve. Atualmente, localiza-se no bairro Estação e passa por despercebido pelas pessoas ao transitarem pela localidade. O bairro em questão não tem um movimento constante de automóveis, porém pessoas transitam por ele, principalmente para a realização de caminhadas ou de corridas.

As fotografias são utilizadas como instrumento de análises para a pesquisa. Kossoy (2001, p. 36) diz que: “A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena.” A fotografia, sendo antiga ou nova, tem muito a auxiliar e com isso se tornar uma ferramenta de bastante importância.

Retomando a questão dos transportes e sua importância para o desenvolvimento local, a ferrovia que era uma das principais formas de transporte de carga no Brasil, começou a perder espaço para a construção de rodovias asfaltadas e para a produção de carros. No próximo tópico será refletido um pouco sobre essa transição, em especial em nossa região de estudo.

2. 3. ROTA - 459: DOS TRILHOS AO ASFALTO

Antes do processo de construção da rodovia, o principal meio de transporte, como dito anteriormente, era o trem, que não foi desativado instantaneamente com o início do transporte rodoviário. Aos poucos, foi diminuindo sua função até ser totalmente desativada. “Os trens de passageiros deixaram de circular no final dos anos 70 e os trilhos foram retirados a partir de 1986.”⁴⁰

Com o passar dos anos, a construção de rodovias passou a ser constante no Brasil. O setor rodoviário é bastante importante pela grande participação na questão do transporte de cargas. O setor agrícola depende das rodovias devido ao recebimento de insumos e escoamento de produção para mercados internos. Minas Gerais tem a maior malha rodoviária do Brasil, equivalente a 16% do somatório de rodovias estaduais, federais e municipais de toda a malha viária existente no país.⁴¹

Observe no mapa a seguir as rotas das rodovias federais que transpassam o estado de Minas Gerais:

⁴⁰ Disponível em https://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_sapucaai/rmv_ramal_sapucaai.htm, acesso em 20 de julho de 2019.

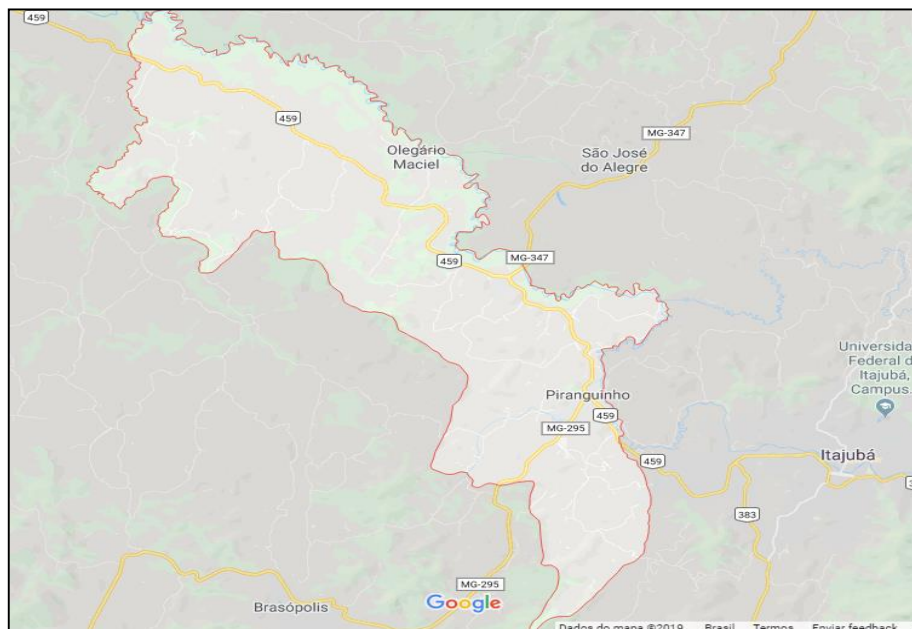
⁴¹ Disponível em <https://www.mg.gov.br/conheca-minas/rodovias>, acesso em 29 de abril de 2020.

A questão da ligação entre os municípios da região por conta do transporte rodoviário pode ser compreendida ao analisarmos o mapa acima. Piranguinho se localiza em um ponto estratégico, entre as cidades de Itajubá e Pouso Alegre, provocando em seu território relações fortes com os transeuntes que utilizam da via BR-459 para trabalho, lazer ou estudo.

A economia local tem grande influência do fácil transporte rodoviário, tanto para exportar produtos agrícolas, como para venda de mercadorias à margem da rodovia, como é o caso da venda do doce pé de moleque.

A seguir, é possível observar um mapa com a localização das rodovias, federal e estadual, que transpõem o município de Piranguinho:

Mapa 07: Rodovias que transpõem Piranguinho



Fonte: Google Maps. ⁴⁵

Além da BR-459, existem outras duas vias que também perpassam o território piranguinhense. A via MG-347, conhecida também como Rodovia Venceslau Brás, que conecta a BR-459 até o trevo da cidade de Cristina/MG, onde é fixada a BR-383. A segunda via é a MG-295, em direção a Brazópolis, tendo sua máxima extensão até a cidade de Inconfidentes/MG.

A microrregião de Itajubá tem uma relação de interação histórica entre seus municípios. Segundo Andrade (2014, p. 198):

⁴⁵ Disponível em <https://www.google.com/maps/place/Piranguinho+-+MG/@-22.3789408,-45.6635093,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94cb77e42c9a4d89:0xf173194714f5a342!8m2!3d-22.4028432!4d-45.5340205>

Nos séculos XVIII e XIX, os caminhos que interligavam Pouso Alegre com a corte, subiam o rio Sapucaí, atingiam Itajubá, e daí transpunham a Serra da Mantiqueira e atingiam o Vale do Paraíba. A linha férrea da rede mineira de viação interligava Pouso Alegre com Santa Rita do Sapucaí e Itajubá pelo vale do rio Sapucaí, e depois acessava São Lourenço através de Cristina e Carmo de Minas; de Itajubá, via Brasópolis, se atingia Paraisópolis.

Mesmo antes da construção de estradas asfaltadas e de rodovias federais ou estaduais, a região já tinha em seus aspectos de desenvolvimento a proximidade de relação entre municípios ou vilarejos, fato que se tornou mais perceptível com o passar do tempo e com as mudanças nos meios de transportes.

Segundo Andrade (2014), o curso da região entre a microrregião de Itajubá, passando por Pouso Alegre e Santa Rita do Sapucaí, foi considerado como uma “Rota Tecnológica”, devido seu perfil produtivo regional e a existência de políticas integradas de desenvolvimento que envolve estes referidos municípios.

Segundo Faria (2007, p. 124): “A abordagem tradicionalmente adotada em planejamento regional, de polos de desenvolvimento, que defendia a concentração de investimentos em determinados locais, está mudando para eixos estratégicos de transportes ou eixos de desenvolvimento.” Com isso, é possível compreender o crescimento da importância que as rodovias passaram a ter nos cálculos sobre a economia mineira.

Segundo Arantes (2002, p. 51):

Conhecida como Rota 459, essa forma de promover uma aliança entre as cidades de Poços de Caldas, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí e Itajubá, surgiu por iniciativa de lideranças locais e regionais compromissadas em levar adiante uma proposta de integração regional, que fosse capaz de promover uma nova estratégia de desenvolvimento pautado em relações mais solidárias e cooperativas como alternativa para conter o caráter individualista e competitivo do relacionamento entre elas.

A rota tecnológica se formou com o intuito de aproximação entre as principais cidades da região sul do estado o que passou a ganhar forma com a duplicação da BR-381, ou rodovia Fernão Dias, que é uma das principais infraestruturas nacionais, interligando Belo Horizonte e São Paulo. “A Rota 459 é um fórum regional que teve sua origem em 1997, por ocasião da implantação em Itajubá de um projeto do SEBRAE, intitulado “Projeto Ideal”, voltado para a capacitação de lideranças em geral” (ARANTES, 2002, p. 62).

A partir deste projeto apresentou-se uma proposta de integração regional, inicialmente entre Itajubá e Santa Rita do Sapucaí. Itajubá com sua estrutura educacional, principalmente com a Universidade Federal e cursos técnicos e profissionalizantes e Santa Rita do Sapucaí com seu campus do Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação (FAI), a Escola

Técnica em Eletrônica (ETE) e do Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL). O principal objetivo dessa relação inicial era: “estabelecer diretrizes para o desenvolvimento integrado da região, utilizando seus principais diferenciais para integrá-la “competitivamente” no contexto global.” (ARANTES, 2002, p. 62).

A delimitação geográfica dos participantes desta rota tecnológica abrangeu inúmeras cidades com características em comum, como o uso da rodovia BR-459. Cidades situadas fora do estado de Minas Gerais também chegaram a participar deste fórum, como o caso da cidade de Lorena no estado de São Paulo. Piranguinho, mesmo sendo um pequeno município, também recebeu os benefícios desse desenvolvimento por meio da rota 459. O crescimento no número de automóveis que passaram a circular pela rodovia fez com que aumentasse o rendimento das barracas de doces localizadas à margem da pista.

Segundo Andrade (2014, p. 200):

Ao redor de Itajubá, há localidades, como Piranguinho, São José do Alegre, Piranguçu e Wenceslau Braz, onde, em média, mais de 1/4 do total de trabalhadores destes locais exercem suas atividades produtivas em municípios diferentes ao que residem, principalmente em Itajubá, que também atrai pessoas destes lugares por seu comércio e prestação de serviços, e para atividades educacionais, culturais, de entretenimento, dentre outras.

Situações como as relatadas pelo autor acima, é um exemplo de que pessoas podem residir em pequenas cidades ou até mesmo em áreas rurais circunvizinhas e podem também desenvolver suas atividades de trabalho em uma cidade polo (principal cidade da região).

Ojima (2007, p. 83) aponta que o surgimento da noção de “cidade-dormitório” está vinculado àqueles estudos urbanos que trabalhavam sobre a perspectiva dicotômica ‘centro-periferia’, colocando o polo central como os desenvolvidos e geradores de empregos, e conseqüentemente de renda, e o polo periférico como o local designado somente como forma de moradia, não tendo outros aspectos como forma de enriquecimento do lugar.

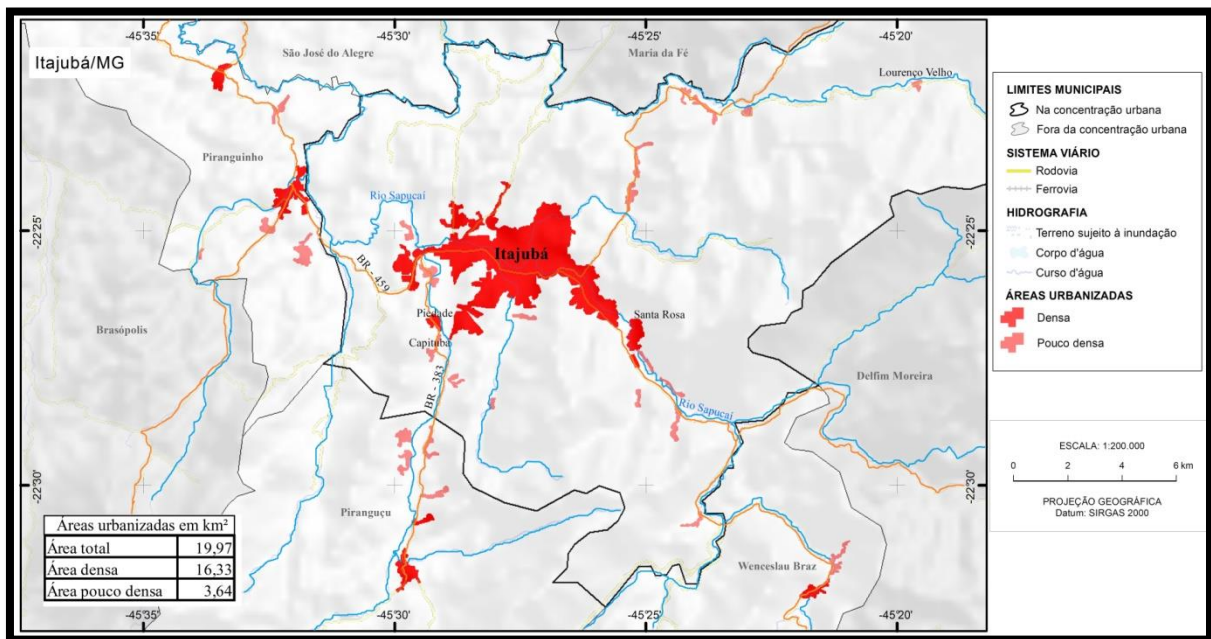
O conceito de “cidade-dormitório” se relaciona, por exemplo, com o baixo dinamismo econômico da cidade, com poucos empregos formais, o que faz com que seus moradores busquem trabalhos em outras localidades que sejam próximas à cidade de origem. Os habitantes dessas cidades saem para trabalhar ou estudar em outra cidade, voltando apenas para dormir.

Segundo os “Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil”, material organizado pelo IBGE (2016), Piranguinho tem um aporte populacional de 8016 habitantes, destes 1080 são de pessoas que trabalham e estudam em outro município, sendo esse município principalmente Itajubá. O número de pessoas que se deslocam de Piranguinho para outros

municípios para desenvolver seu trabalho ou estudo é um número bastante elevado se considerarmos que do número total de habitantes também são contabilizadas as crianças.

A organização espacial do município se dá com maior densidade na região central e no distrito de Santa Bárbara. Observe a seguir o mapa com a concentração populacional da região central a Itajubá:

Mapa 08: Mancha urbana de Itajubá

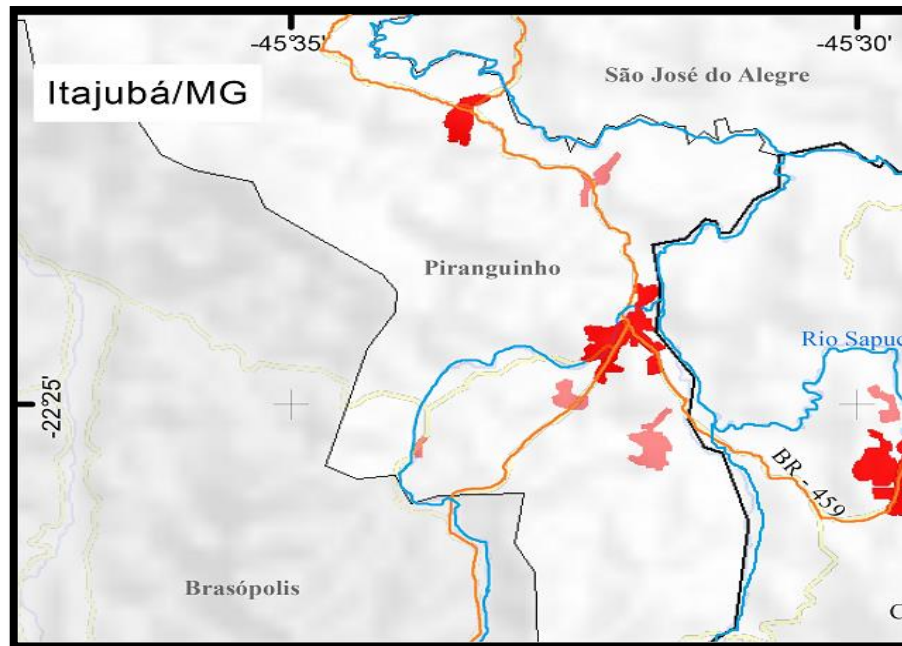


Fonte: IBGE (2010).

No mapa acima pode-se observar que a área em vermelho são regiões urbanizadas de maneira densa. Observa-se que Itajubá detém a maior densidade demográfica da microrregião, sendo concentrado não somente o número de moradores, mas também no número de serviços prestados.

Sobre Piranguinho, realizamos um recorte do mapa acima para melhor refletir as questões de ocupação territorial voltadas à produção do pé de moleque também:

Mapa 09: Mancha urbana de Piranguinho



Fonte: IBGE (2010). Adaptado pelos autores (2020).

Vale destacar, ao observar o mapa acima que a região central de Piranguinho detém uma concentração de pessoas bastante relativa em âmbito municipal, mas o distrito de Santa Bárbara também tem uma quantidade populacional bastante relativa. Além de ter uma considerável mancha urbana, Santa Bárbara também é o local onde iniciou o trabalho de uma das mais tradicionais empresas de pé de moleque do município.

Santa Bárbara se destaca também por conta da facilidade de acesso por meio da rodovia BR-459, influenciando na questão da moradia. Em meados de 1974, por intermédio de J.C.S. teve início a Barraca Am. de pé de moleque, que atualmente é a empresa com o maior número de filiais espalhadas. Segundo J.C.S. o início de seu trabalho com os doces foi por meio da curiosidade e na tentativa e erro. J.C.S era pescador de profissão e começou a fazer e comercializar o pé de moleque junto com sua esposa. O primeiro local para a venda foi um barzinho local e no campo de futebol, durante as partidas.

Com acesso facilitado também pela MG-347, J.C.S. nos diz que: “[...] aí eu resolvi ir pra uma cidade aqui, que você conhece no Circuito das Águas, São Lourenço, levava uma cestinha bem bonitinha de pé de moleque.”⁴⁶ Quando começou a crescer a produção e por contar com uma localização geográfica favorável, entre as vias BR-459 e MG-347, o campo de chegada dos produtos se ampliou.

⁴⁶ Entrevista realizada com J. C. S., no dia 07 de novembro de 2019.

2. 4. POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

O conceito de desenvolvimento humano é formado a partir da ideia de que o crescimento econômico não é o principal aspecto para se considerar em uma nação. A questão da renda é importante, porém não é única. É necessário levar em conta outros meios para compreendermos o desenvolvimento em plenitude. O ser humano passa a ser o foco das ações sociais, considerando os fatores econômicos como parte de um processo que contemple o pleno desenvolvimento humano.

Esse conceito também parte da ideia de que, para termos um avanço na qualidade de vida da população, é preciso ir além do viés puramente econômico e considerar outras características, como as sociais, as culturais e as políticas que influenciam a qualidade de vida das pessoas.

Atualmente, os três pilares que constituem o IDH (saúde, educação e renda) são mensurados da seguinte forma:⁴⁷

- Saúde: uma vida longa e saudável é medida pela expectativa de vida;
- Educação: o acesso ao conhecimento é medido por: I) média de anos de educação de adultos, que é o número médio de anos de educação recebidos durante a vida por pessoas a partir de 25 anos; e II) a expectativa de anos de escolaridade para crianças na idade de iniciar a vida escolar, que é o número total de anos de escolaridade que um criança, na idade de iniciar a vida escolar, pode esperar receber, se os padrões prevaletentes de taxas de matrículas específicas por idade permanecerem os mesmos durante a vida da criança;
- Renda: o padrão de vida é medido pela Renda Nacional Bruta (RNB) *per capita* expressa em poder de paridade de compra (PPP) constante, em dólar, tendo 2005 como ano de referência.

Para análise de dados locais, foi criado também o IDHM.⁴⁸ Esse índice pode ser consultado nas edições do Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (ADHB, 2013), que consiste em um banco de dados eletrônico com informações socioeconômicas sobre os municípios e estados do país e Distrito Federal.⁴⁹

⁴⁷ Disponível em <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idh.html>, acesso em 29 de abril de 2020.

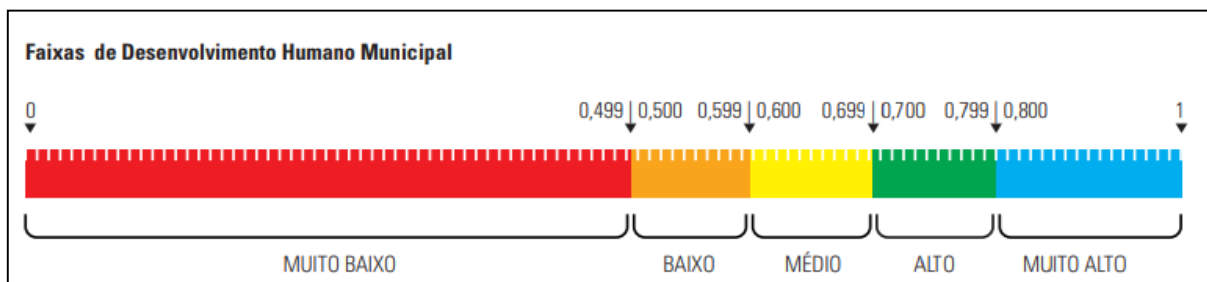
⁴⁸ O IDHM brasileiro considera as mesmas três dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda –. Adéqua a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais.

⁴⁹ O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil é um site que traz o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e outros 200 indicadores de demografia, educação, renda, trabalho, habitação e vulnerabilidade para os municípios brasileiros. Para mais informações acesse <http://atlasbrasil.org.br/2013/>.

Piranguinho detém uma avaliação elevada sobre os dados do IDHM. O IDHM é um dado quantitativo que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano de um município. O IDHM de Piranguinho é de 0,717, o que é considerado um índice alto segundo suas diretrizes.

A seguir observa-se um gráfico com as variações dos dados numéricos utilizados para calcular o IDHM:

Gráfico 01: Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (IDHM, 2013, p. 27)

O IDHM é um dado numérico de fatores sociais. Para se chegar ao valor, são utilizados os mesmos indicadores para se calcular o IDH global, ou seja, a longevidade relacionada à vida longa e saudável, o acesso ao conhecimento, que vem a ser o nível de educação dentro das formas de avaliação e o padrão de vida relacionada à renda das pessoas (IDHM, 2013, p. 25).

O conceito de Desenvolvimento humano foi apresentado no ano de 1990 na Organização das Nações Unidas (ONU) e foi idealizado por Mahbubul Haq⁵⁰, inspirado no pensamento de Amartya Sen.

Segundo Kang (2011, p. 352):

A contribuição do indiano Amartya Sen em diversas áreas da economia e da filosofia é ampla e diversificada: seus trabalhos abrangem assuntos como crescimento econômico, escolha racional, escolha social, economia do bem-estar, pobreza e desigualdade, desenvolvimento econômico e filosofia política normativa. [...] Apesar de ser destacado pesquisador em temas analíticos tanto na filosofia quanto na economia, Sen ganhou grande notoriedade fora do ambiente estritamente acadêmico por estar sempre envolvido com questões práticas relacionadas à pobreza e ao desenvolvimento. O Índice de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento tem sua concepção baseada em muitas das ideias de Sen, além de ele ter contribuído diretamente para sua formulação.

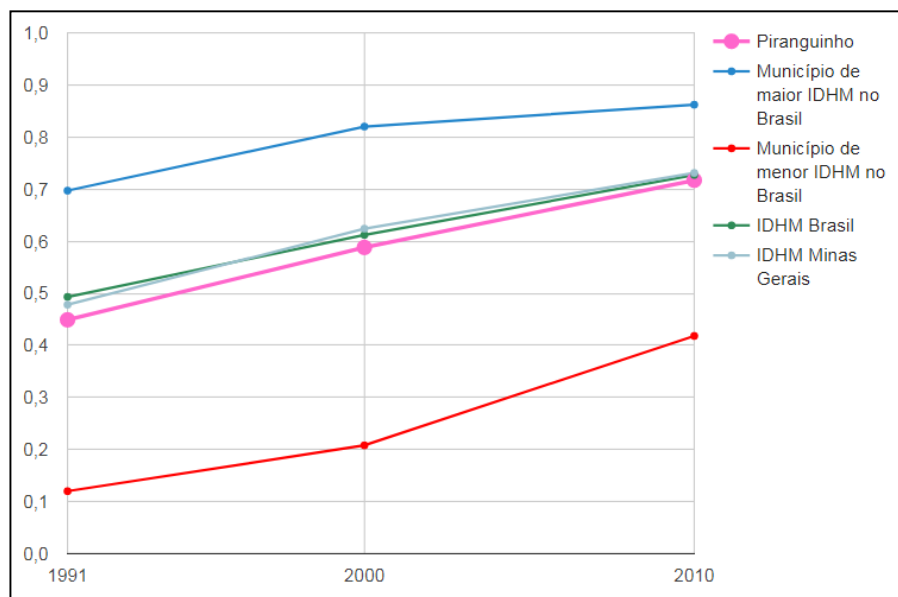
⁵⁰ Economista paquistanês.

A organização do IDH a partir das ideias de Sen e de Haq contribuiu para a compreensão dos dados estatísticos sobre a realidade vivida não só em países periféricos como também nos países desenvolvidos. Por meio desses dados, os governos das localidades podem organizar formas de políticas públicas para manter índices considerados bons, ou melhorar os índices tidos como ruins. Os fatores numéricos sem ações para a melhorias na vida social transformam esses dados em meros componentes aritméticos.

Várias são as críticas que esse modelo carrega, pois a caracterização de dados numéricos não é suficiente para se ter a compreensão se um país ou município está em processo de desenvolvimento ou não. Na realidade, a primeira coisa que deve ser questionada é: a que tipo de desenvolvimento a localidade está se referindo?

Os dados não devem ser descartados, mas utilizados como auxílio de fatores sociais percebidos na realidade da localidade. A seguir observe um gráfico com os dados do IDHM de Piranguinho em comparação com outros dados nacionais:

Gráfico 02: Taxa de oscilação do IDHM de Piranguinho



Fonte: PNUD, Ipea e FJP, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013).

Em cor rosa, pode-se observar o crescimento em relação ao índice municipal, na passagem do tempo, tomando como marcos os anos de 1991, de 2000 e de 2010. Em comparação, temos registrado o IDHM geral do Brasil, em verde, e o de Minas Gerais, em azul. O índice do estado está um pouco acima do de Piranguinho. Em azul escuro, o maior IDHM do

Brasil (município de São Caetano do Sul no estado de São Paulo) e em vermelho o menor (o município de Melgaço no estado do Pará).

O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (ADHB, 2013), os dados organizados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), os dados organizados pela Fundação João Pinheiro (FJP), do governo do estado de Minas Gerais e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), são maneiras para consultar o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) dos 5.570 municípios brasileiros (ADHB, 2013).

Por meio dos dados levantados nessas entidades, iremos demonstrar foco no município de Piranguinho e suas principais características, a partir dos censos dos anos de 1991, 2000 e 2010 junto ao IBGE.

Observe a seguir os dados tabulados sobre as três características para cálculo do IDHM, a educação, a longevidade e a renda:

Tabela 02: IDHM e seus componentes em Piranguinho

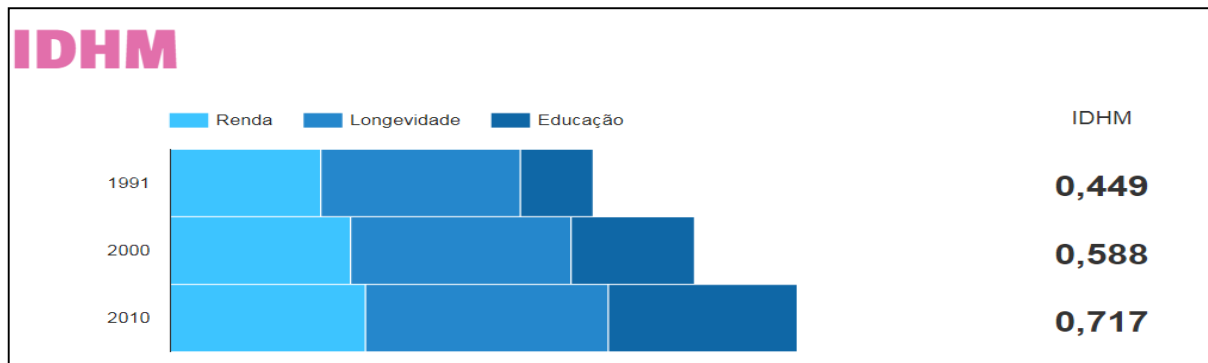
IDHM e componentes	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,252	0,427	0,651
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	16,49	29,44	48,31
% de 5 a 6 anos na escola	60,64	62,9	100
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental REGULAR SERIADO ou com fundamental completo	47,5	73,88	93,75
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	7,74	42,54	61,37
% de 18 a 20 anos com médio completo	8,59	26,42	47,15
IDHM Longevidade	0,69	0,764	0,841
Esperança de vida ao nascer	66,42	70,86	75,45
IDHM Renda	0,521	0,622	0,672
Renda <i>per capita</i>	204,94	384,03	523,5

Fonte: PNUD, Ipea e FJP. Organizado pelos autores (2020).⁵¹

De forma geral, o IDHM de Piranguinho, nos anos de 1991, 2000 e 2010, pode ser representado com o seguinte gráfico:

⁵¹ Disponível em http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/piranguinho_mg, acesso em 01 de maio de 2020.

Gráfico 03: IDHM de Piranguinho em 1991, 2000 e 2010



Fonte: PNUD, Ipea e FJP, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013).

Analisando o gráfico 03, observa-se uma melhoria significativa na questão geral do índice, mais especificamente no campo da educação entre as três referências cronológicas que estão dispostas nele. A dimensão que mais contribuiu para o crescimento do IDHM do município é a longevidade, com índice de 0,841, seguida de renda, com índice de 0,672, e de educação, com índice de 0,651. O IDHM de Piranguinho em 2010, foi de 0,717, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Alto (IDHM entre 0,700 e 0,799).⁵²

O campo da educação consta as proporções de crianças e jovens frequentando ou tendo completado determinados ciclos de ensino. Em Piranguinho, a proporção de crianças de 5 a 6 anos frequentando a escola no ano de 2010 foi de 100,00%. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos nos anos finais do ensino fundamental foi de 93,75%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo foi de 61,37%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo foi de 47,15% (PNUD, Ipea e FJP, 2013).

No campo da renda, o ADHM esclarece os seguintes dados:

Tabela 03: Renda, pobreza e desigualdade em Piranguinho

ANOS	1991	2000	2010
Renda per capita (R\$)	204,94	383, 03	523, 50
% de extremamente pobres	21,5	4,76	1,82
% de pobres	50,3	22,43	13,14

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2013).

⁵² Ver gráfico 02, página 94.

Pode-se compreender que ocorreu uma melhoria entre as décadas no que diz respeito à renda e uma diminuição da pobreza, refletindo esses dados numéricos e relacionando-os com as práticas políticas e econômicas que surgiram ou se desenvolveram em maior plenitude no município e na microrregião, como os investimentos fabris em Itajubá e as políticas de auxílio ao pequeno produtor.

Na questão da longevidade, o gráfico a seguir mostra a quantidade populacional dividida por estruturas etárias e população rural e urbana:

Tabela 04: Estrutura etária da população piranguinhense

POPULAÇÃO	POPULAÇÃO (1991)	POPULAÇÃO (2000)	POPULAÇÃO (2010)
Menos de 15 anos	2.154	2.163	1.833
15 a 64 anos	3.847	4.744	5.437
65 anos ou mais	369	492	746
Rural	2.842	2.792	3.063
Urbana	3.528	4.607	4.953
Total de habitantes	6.370	7.399	8.016

Fonte: PNUD, Ipea e FJP (2013).

Dados como esses são essenciais para a realização de uma análise socioeconômica de um município, pois auxilia na percepção sobre a quantidade de pessoas por faixa etária e por local de moradia, possibilitando a compreensão da maneira em que o município se organiza economicamente.

Piranguinho, nas últimas três décadas, teve um crescimento populacional relativamente significativo para uma cidade de pequeno porte, crescendo entre 1991 e 2000 cerca de 1,68% ano em média. Entre 2000 e 2010, cerca de 0,80% anual. Em comparação com a média nacional que foi de 1,43% entre 1991 e 2000 e de 1,17% entre 2000 e 2010. (PNUD, IPEA e FJP, 2013).

As transformações ocorridas no município também influenciaram nos aspectos culturais. Os transportes, primeiramente a ferrovia e posteriormente a rodovia, afetaram a comercialização do doce pé de moleque produzido na localidade. Eventos surgiram por meio desta influência e provocaram modificações no desenvolvimento e na identidade. No próximo capítulo serão analisadas as relações entre Piranguinho e a microrregião de Itajubá no tocante ao turismo e a geração de renda.

CAPÍTULO III

ECONOMIA DA CULTURA, SABERES/FAZERES E DESENVOLVIMENTO: POSSIBILIDADES DO TURISMO LOCAL

“Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, [...] e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar.”

Félix Guattari

Neste capítulo, o foco se deu na relação presente entre o saber/fazer o doce pé de moleque no município de Piranguinho, a microrregião de Itajubá, as possibilidades turísticas e os processos históricos presentes na oficialização enquanto patrimônio cultural imaterial do estado de Minas.

As práticas culturais ganham legitimidade por meio de legislações específicas, auxiliando em sua manutenção e transformações, entrando nas disputadas por mercado consumidor. O processo artesanal legalizado, como o saber/fazer o doce pé de moleque no município de Piranguinho é utilizado como forma de crescimento econômico e, conseqüentemente, ocasiona transformações no processo devido ao aumento na demanda.

Com diz Guattari (1992, p. 169): “No seio de espaços padronizados tudo se tornou intercambiável, equivalente.” Nas análises das práticas culturais pode-se deparar com esse paradoxo, onde tudo se transforma, mas ao mesmo tempo permanece como está.

A partir das reflexões serão refletidas as relações entre o município, a microrregião de Itajubá e o contexto regional nas perspectivas da economia da cultura, perpassando as relações socioeconômicas e turísticas. Analisando as questões sobre a cultura Piranguinhense e o impacto em seu desenvolvimento local, tomando como base a prática da confecção e venda do doce pé de moleque.

3. 1. PIRANGUINHO/MG E A MICRORREGIÃO DE ITAJUBÁ NO CONTEXTO REGIONAL

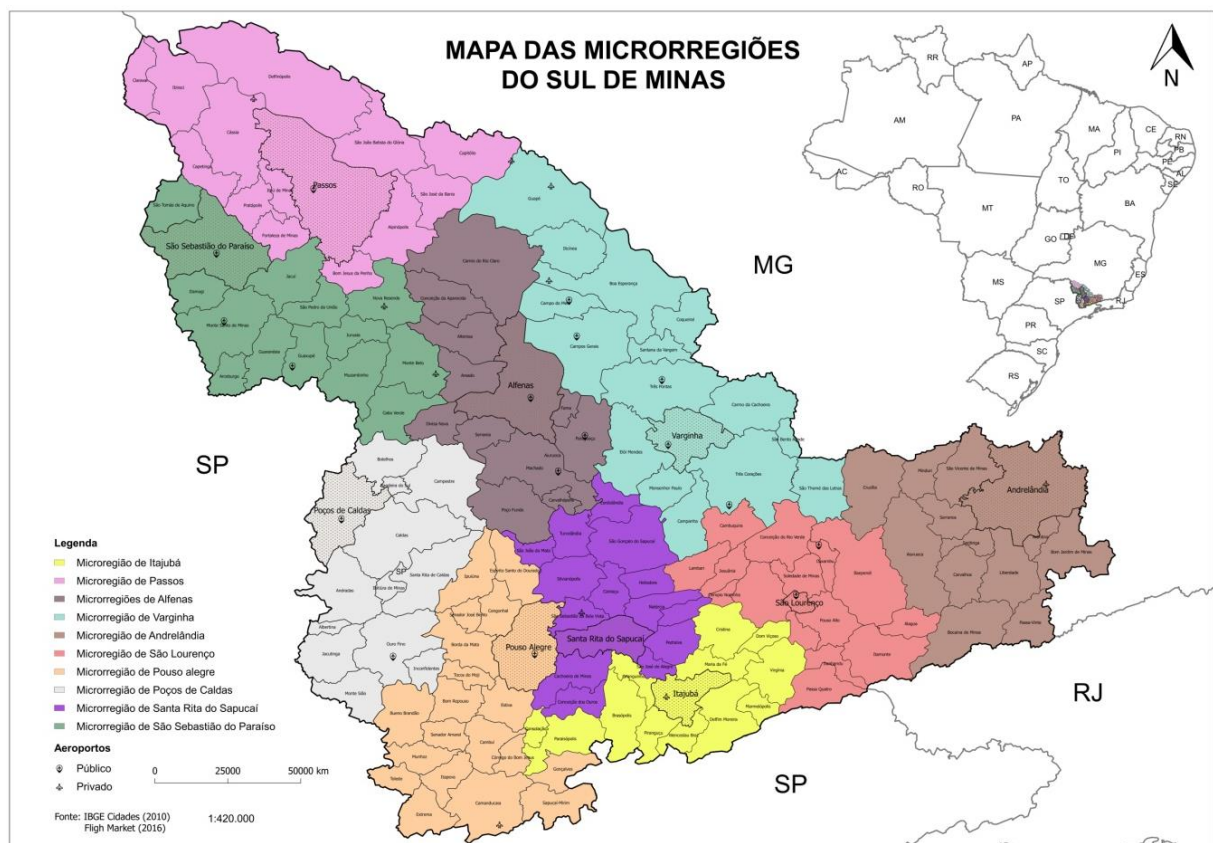
Para as definições de microrregiões, são selecionados alguns indicadores básicos para análise, que são: estrutura de produção e a interação espacial. O primeiro implica na compreensão da estrutura da produção primária com base na utilização da terra. A interação

espacial consiste na área de influência dos centros sub-regionais e centros de zona enquanto elementos articuladores dos processos de coleta, beneficiamento e expedição dos produtos, bens e serviços (IBGE, 1990).

A região Sul do estado de Minas Gerais é composta por 10 microrregiões, que são as seguintes: microrregião de Passos, microrregião de São Sebastião do Paraíso, microrregião de Alfenas, microrregião de Varginha, microrregião de Poços de Caldas, microrregião de Pouso Alegre, microrregião de Santa Rita do Sapucaí, microrregião de Itajubá, microrregião de São Lourenço e microrregião de Andrelândia.

Observe, a seguir, um mapa feito pelos integrantes do grupo de estudos NEID, com as divisões microrregionais do Sul de Minas Gerais:

Mapa 10: Microrregiões do Sul de Minas Gerais



Fonte: NEID.⁵³

⁵³ Mapa confeccionado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Desenvolvimento (NEID) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

A microrregião de Itajubá está em destaque em amarelo no mapa acima demonstrando proximidade em relação ao estado de São Paulo e fazendo divisa territorial com as microrregiões de Santa Rita do Sapucaí, de Pouso Alegre e de São Lourenço.

Segundo a Constituição Federal (C/F, 1988):

Art. 25. Os Estados organizam-se e regem-se pelas Constituições e leis que adotarem, observados os princípios desta Constituição. [...] § 3º Os Estados poderão, mediante lei complementar, instituir regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões, constituídas por agrupamentos de Municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum.⁵⁴

O Estado detém de autonomia para criar ou replanejar estruturas regionais, como forma de melhor organizar as funções públicas, como investimentos financeiros ou de estrutura física, planejando ações direcionadas às necessidades de que os atores sociais daquela localidade necessitam.

A região teve um relativo destaque na produção inter-regional “[...] em meados do século XIX, quando a microrregião de Itajubá se apresentou como importante produtora de café e de fumo, voltados especialmente para a comercialização nos mercados paulista e fluminense” (ANDRADE; FERREIRA, 2013, p. 323). Com o início da atividade ferroviária teve-se a influência de imigrantes, principalmente portugueses e italianos.

Para análise das relações de proximidade, não apenas geográfica, mas também de dependência socioeconômica entre os municípios e os meios de serviço, foi feita uma tabela com o levantamento populacional dos 13 municípios que compõem a microrregião de Itajubá.

A organização da tabela abaixo se deu com o intuito de compreensão, tanto da quantidade populacional, como também para reflexão sobre a influência da cidade de Itajubá em relação às outras da microrregião. Para melhor visualização dos dados representativos, Piranguinho foi destacado na cor azul e os dados da cidade de Itajubá com a cor verde. A tabela está organizada com as cidades em ordem alfabética.

Observe a seguir:

⁵⁴ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, acesso em 24 de maio de 2020.

Tabela 05: Levantamento populacional dos municípios da Microrregião de Itajubá ⁵⁵

Municípios	População censo 2010	População estimada 2019
Brazópolis	14.661	14.459
Consolação	1.727	1.783
Cristina	10.210	10.242
Delfim Moreira	7.971	8.025
Dom Viçoso	2.994	3.001
Itajubá	90.658	96.869
Maria da Fé	14.216	14.095
Marmelópolis	2.968	2.755
Paraisópolis	19.379	21.083
Piranguçu	5.217	5.472
Piranguinho	8.016	8.596
Virgínia	8.623	8.674
Wenceslau Braz	2.553	2.552

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo de 2010 e estimativa de 2019. Organizado pelos autores.

Em diálogos com moradores locais, foi possível observar a forte relação de dependência que os municípios, em geral, detêm para com a cidade de Itajubá. Sendo a principal cidade da microrregião, no que diz respeito a questões voltadas ao emprego formal e na venda de bens de consumo, Itajubá também exerce forte influência educacional, contendo, em sua estrutura, importantes polos educacionais, como: SENAI, SENAC, Centros Universitários, faculdades e uma Universidade Federal, demonstrando atrativos que nos ajudam a compreender a importância que a cidade dita para toda a microrregião.

Observe a seguir o mapa com enfoque na microrregião de Itajubá:

⁵⁵ Tabela com os valores populacional das 13 cidades da microrregião de Itajubá, a do último censo realizado pelo IBGE em 2010 e a estimativa populacional de 2019. Em destaque de cor verde se encontra os dados da cidade de Itajubá e em azul encontra os dados da cidade de Piranguinho. Tabela feita com base no levantamento de dados realizados pelo Grupo de Estudos NEID. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>, acesso em 03 de junho de 2019.

sociais dos demais municípios se encontram rotineiramente para a realização de diversas atividades, como estudos, trabalhos, compras no setor lojista, ou por motivos de saúde, pois somente em Itajubá se localizam hospitais públicos e privados para o atendimento das demais cidades.

A distância da cidade de Itajubá em relação às capitais da região sudeste é: Vitória/ES (823 Km), Belo Horizonte/MG (445 Km), São Paulo/SP (261 Km), Rio de Janeiro/RJ (318 Km). Se configurando como importante polo de desenvolvimento no Estado de Minas Gerais (PIMENTA, 2014).

Segundo Bernardes (2015, p.31):

Há uma carência de alternativas para o município de Itajubá, que está inserido no rol das cidades de médio porte, e é polo regional e que também não apresenta um modelo de desenvolvimento bem fundamentado, ou seja, o desejo de se tornar polo tecnológico ainda não se efetivou.

Mesmo com o destaque na microrregião, Itajubá carece de atividades de entretenimento e de desenvolvimento econômico, contando com algumas empresas geradoras de emprego, mas sem ter um impacto profundo na cidade.

Os pequenos municípios da microrregião detêm como objetivos esclarecidos pelo poder público, políticas de crescimento urbano. Em muitos aspectos não é levada em conta a importância das atividades tradicionais voltadas para o meio rural. Segundo Oliveira (2017, p. 52): “A microrregião de Itajubá, em seus treze municípios, parece aos observadores um entreposto rural/urbano, um lugar híbrido [...]” Aportes urbanos, porém, com uma gama de atividades rurais.

“Sobre as relações ali estabelecidas, a população urbana apresenta costumes rurais que são nitidamente percebidos nas falas, nos hábitos e organização da cidade.” (OLIVEIRA, 2017, p.52). A região sul do estado de Minas Gerais é composta por esse hibridismo entre o rural e o urbano, nos transmitindo relações controversas sobre suas organizações.

Segundo Souza (2018, p. 38):

O fascínio pelo urbano não impede manifestações socioculturais e organizativas nesses municípios, que podem ser observadas no sentido de manter ou resgatar elementos culturais locais antes desvalorizados. As tradicionais feiras de artesanato, festas populares e culinárias típicas são utilizadas como estratégias para estimular o turismo e consequentemente a economia da região - principalmente por serem considerados únicos e raros.

A ideia de que o desenvolvimento só irá acontecer a uma localidade quando empresas de grande porte se fixarem em seu território, é uma ideia que considera o desenvolvimento pelo

seu viés puramente econômico, não levando em conta as riquezas culturais, ou naturais que os locais detêm.

Segundo Souza (2018, p. 37):

A microrregião estudada traz na sua composição geopolítica um conjunto de cidades que tentam manter e transmitir saberes-fazer característicos, os quais são representados em atividades como o artesanato. Os municípios que compõem a microrregião são predominantemente rurais, destacando-se por práticas organizativas que se distanciam da lógica industrial dos grandes centros.

Os municípios da microrregião apresentam manifestações culturais próprias e organizações que se destacam. Dentre essas organizações, podemos citar elementos organizados pela participação nos circuitos turísticos. Por meio desta diversidade cultural, iremos relacionar essas práticas com as possibilidades turísticas microrregionais.

3. 2. POSSIBILIDADES DO TURISMO LOCAL

“As ‘coisas’ de Minas Gerais – montanhas, picos, pedras, rios, cachoeiras, estradas, circuitos, costumes, queijos, quitandas, cachaças, tambores, festas, patrimônios, prosas, contos – refletidas na relação entre desenvolvimento e turismo [...]”, (PIMENTA, 2017, p. 153) são formadas de saberes construídos por meio da cultura local, também por meio de belezas naturais e festividades tradicionais. Essas “coisas” se tornam atrativos que colaboram para o processo de desenvolvimento local a partir das atividades turísticas.

“Local” indica o que é pertencente a um determinado lugar específico e ocasionalmente é colocado como oposto de “global”. Segundo Heck (2004, p.132): “Não há um projeto de desenvolvimento no plano macro sem um projeto de desenvolvimento local e regional, no sentido micro, ambos articulados entre si.”

Tomando por base esta perspectiva, devemos compreender o desenvolvimento local como sendo essencial para um desenvolvimento mais amplo, de cunho global. Levando em consideração o trabalho de Sachs (2004, p. 35), ao refletir o conceito de desenvolvimento sustentável, que englobe questões econômicas, juntamente com questões sociais, ambientais, culturais, territoriais e que

[...] pretenda habilitar em cada ser humano a manifestar potencialidades, talentos e imaginação, na procura da autorrealização e da felicidade, mediante empreendimentos individuais e coletivos, numa combinação de trabalho autônomo e heterônomo e de tempo dedicado a atividades não produtivas.

O autor nos faz refletir sobre as questões voltadas ao trabalho, na qual o desenvolvimento se respalda nas oportunidades citadas, enquanto é criado um ambiente de convivência com foco nas ações humanas. As ações turísticas podem ser formadas por empreendimento individuais ou coletivos, com apoio do poder público ou não.

Segundo Pimenta (2017, p. 168) “em todas as regiões do Brasil, de uma forma ou de outra, existe a possibilidade de turismo”, circunscrita nas “potencialidades turísticas do lugar”. A partir da perspectiva do desenvolvimento local em articulação com o plano macro, o turismo surge como uma alternativa. O turismo de base local deve promover o desenvolvimento sustentável, não somente desenvolver economicamente alguns setores locais, mas também a diminuição das desigualdades e incentivo em processos de geração de renda.

Na microrregião de Itajubá, a diversidade cultural está presente, e em alguns casos, é oficializada por meio de processos de registros e tombamentos além da participação dos municípios em Circuitos turísticos. Os elementos culturais declarados nos Circuitos Turísticos não são os únicos que as cidades detêm, pelo contrário, existem outros saberes que não estão dispostos de forma oficial, por conta de questões políticas ou de logísticas.

Segundo Faria (2007, p. 136):

Na atualidade o desenvolvimento de um circuito turístico pode representar muito para municípios que não encontram chances de crescimento em outras atividades como a agropecuária e a indústria, ou já estão demasiadamente degradados por estas mesmas atividades. Ao mesmo tempo, deve-se pensar em que tipo de turismo pretende-se incentivar, e a quem esta atividade irá beneficiar.

Os 13 municípios que compõem a microrregião de Itajubá fazem parte dos seguintes Circuitos Turísticos: Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira (CTCM); Circuito Turístico Caminhos da Fé (CTCF); Circuito Turísticos Serras Verdes do Sul de Minas (CTSV); e a Estrada Real (ER).⁵⁷ “Um Circuito Turístico é composto por municípios próximos entre si, que se associam em função de interesses e possibilidades de explorar turisticamente seus respectivos patrimônios históricos, culturais e naturais, assim como outros bens afins.” (FARIA, 2007, p. 137).

Piranguinho engloba os municípios participantes do CTCM, que evidencia claramente o doce pé de moleque em sua caracterização, não se referindo a nenhum outro atrativo que o município venha a ter. Pode-se refletir a questão da identidade local, na qual um aspecto define de maneira positiva, ou não, o imaginário social. Em algumas de nossas entrevistas, foram

⁵⁷ Ir para anexos 5, 6 e 7, nas páginas 181 e 182, onde foram construídos alguns quadros com as cidades que correspondem a estes circuitos turísticos e as suas características segundo a oficialização.

relatadas visões sobre a importância da prática cultural para o desenvolvimento municipal e, entre essas definições, o reconhecimento que Piranguinho passou a ter com o doce pé de moleque, que foi sempre lembrado.

A organização dos comércios para a venda do pé de moleque se dá por meio de barracas construídas à margem das rodovias. Cada barraca tem uma cor específica, que são administradas por microempresas organizadas por famílias. Assim, devido ao trânsito constante de automóveis, a prática não passa despercebida pelos transeuntes.

Observe a montagem, a seguir, realizada a partir de fotografias feitas pelos pesquisadores:

Imagem 11: Barracas de doce



Fontes: Lucas Inácio Rodrigues.⁵⁸

A montagem anterior foi feita para melhor ilustrar a reflexão. Pode-se perceber que as barracas, além de se localizarem às margens da rodovia, dividem espaço com casas e outros estabelecimentos, que se encontram próximas umas das outras. As barracas buscaram se transformar com o passar do tempo. Inicialmente, só existia a barraca próxima à estação e com o advento das rodovias ela se mudou para sua margem, fazendo com que novas pessoas, vendo possibilidade de crescimento financeiro, fizessem o mesmo.

⁵⁸ Fotografias de 07 de novembro de 2019.

Segundo o roteiro turístico do Circuito, “o pequeno município é conhecido como Capital Nacional do Pé de Moleque, pois desenvolveu uma receita própria para o doce, transformando-o em uma iguaria a ser apreciada em qualquer época do ano.”⁵⁹

C. M. C., ex-Secretário de Cultura de Piranguinho, relata alguns fatos importantes para serem analisados sobre a influência do CTCM com o desenvolvimento local. Ao ser questionado sobre outras possibilidades culturais que poderiam ser acrescentadas no rol do circuito, C. M. C. nos disse que:

[...] vou mostrar pra você aqui um negócio. Olha aqui ó, esse aqui é o Guia Gastronômico do circuito turístico Caminhos da Mantiqueira. Olha as outras cidades aqui quer ver [...] Brasópolis, olha que diversidade, alambique, cervejaria, coxinha, queijo, doce, frango caipira, ai pega outra cidade, Cristina, mesma coisa ó [...] restaurante, café. Delfim Moreira, ó o tanto, ó a variedade de coisas. Itajubá ó o tanto de coisa que tem de comida, agora olha aqui, chega aqui no Piranguinho pra você vê. Piranguçu ó, tudo tem variedades. Ai Piranguinho, [...] Pé de moleque, Pé de moleque, Pé de moleque, Pé de moleque, Pé de moleque, Pé de moleque, Pé de moleque [...] só Pé de moleque que tem.⁶⁰

A fala de C. M. C. é uma crítica sobre a dependência gastronômica e cultural que o município tem sobre a produção do doce pé de moleque, pois o Circuito é uma organização oficializada e o poder público local é o responsável por transferir para eles os elementos da cultura gastronômica para divulgação.

Segundo ele: “[...] isso aqui foi o município que mandou. Isso aqui não foi o circuito que montou só por conta deles não, o município indicou quem que ia fazer, quais eram os estabelecimentos que eram pra fazer e eles vieram e fizeram.”⁶¹ No término da entrevista uma cópia do Guia Gastronômico do Circuito Turístico nos foi entregue por C. M. C.

Observe a seguir a parte correspondente à definição dos aspectos gastronômicos de Piranguinho presente neste guia:

⁵⁹ Disponível em <http://www.saboresdamantiqueira.com/piranguinho.html>, acesso em 03 de maio de 2020.

⁶⁰ Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

⁶¹ Idem.

Imagem 12: Guia gastronômico do Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira



Piranguinho está localizado às margens da BR-459 no interior de Minas Gerais, o pequeno município é conhecido como Capital Nacional do Pé de Moleque, pois desenvolveu uma receita própria para o doce, transformando-o em uma iguaria a ser apreciada em qualquer época do ano. A especificidade de seu sabor, a consistência e a aparência do doce, dado o peculiar processo de fabricação, atribui ao Pé de Moleque de Piranguinho um caráter único, fato que faz do processo manual de fabricação Patrimônio Imaterial do Estado de Minas Gerais. Visite Piranguinho e experimente este delicioso doce e outros quitutes!

Fonte: Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira. ⁶²

Todo o discurso oficial presente nesta definição está atrelado às práticas voltadas ao doce pé de moleque, desde o *status* adquirido pelo município, de ser a “Capital Nacional do Pé de moleque”, até as definições legais, por meio da oficialização do saber/fazer como um Patrimônio Imaterial do Estado de Minas Gerais. Outras expressões alimentares que existem no município foram silenciadas nas informações apresentadas pelo poder público.

Segundo Orlandi (2013, p. 82): “De todo modo, sabe-se por aí que, há toda uma margem de não-ditos que também significam. Na análise de discurso, há noções que encampam o não-dizer [...].” Essas características locais são possíveis atrativos relacionados às potencialidades turísticas da microrregião. A pluralidade de atrativos é interessante para uma localidade. No caso de Piranguinho, o que chama a atenção é a identidade que o local exerce, não pela pluralidade de atividades culturais, mas por uma relação focalizada sobre o doce pé de moleque.

S. T., empreendedora da Barraca V. de pé de moleque, criticou o foco especial que o doce recebe, principalmente sobre a festa. Mesmo sendo diretamente beneficiada com a venda e a divulgação das atividades, ela nos disse o seguinte: “[...] eu acho assim, é meio complicado eu falar o que eu penso[...].” ⁶³ Importante relatar que essa entrevista foi composta de significados e tensões que nos demonstraram ambiguidades.

Segundo S. T.:

[...] isso aí é só uma coisa que eu, eu ainda acho ruim, muito particularmente, porque Piranguinho se vê [...] sempre foi Festa de Santa Isabel, a padroeira da cidade, é a maior de Piranguinho, e politicamente, economicamente fizeram uma mudança em tornar a Festa do Pé de Moleque como o canal principal da cidade.

⁶² Guia Gastronômico produzido pelo Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira, 2019.

⁶³ Entrevista realizada com S. T. no dia 1 de novembro de 2019.

Pode-se compreender uma questão religiosa por de trás da crítica realizada por S. T. ao rememorar a Festa de Santa Isabel como sendo a principal festividade da história do município, ela contrapõe a festividade com a Festa do pé de moleque, ou em outros termos, o Sagrado com o Profano. Essa contraposição pode ser considerada também como uma controvérsia, pois mesmo gozando dos benefícios financeiros que a festividade provoca para o município, mas principalmente para os empreendedores diretamente voltados à prática, S. T. o critica focalizando em questões políticas e econômicas.

Observemos outro trecho da entrevista com S. T.:

[...] então hoje reverteu esse quadro e Piranguinho assim, hoje ta tentando trazer o turismo pra cidade, pra reconhecimento, pra [...] se vê hotel, se vê cada dia aparece um hotel por aí, parece que ta saindo mais um, e [...] e então o foco do Piranguinho hoje é o pé de moleque. É o que gera a parte econômica da cidade né? ⁶⁴

A questão do turismo é colocada em destaque, onde outros empreendimentos, não relacionados diretamente a prática cultural, também se beneficiam dos atrativos locais. “O turismo é uma prática social que tem por finalidade proporcionar lazer, entretenimento e descanso à população.” (FARIA, 2007, p. 48).

Pimenta (2017, p. p. 160.161) nos diz que:

Nas estradas de Minas, entre uma cidade e outra, evidencia-se a riqueza das “coisas de minas”. [...] É unanimidade, a cada manifestação do setor público ou da sociedade civil, a concepção de que o turismo é o negócio, ou a alternativa sensata ao conjunto de transformações de cunho político-econômico trazidos pelas transformações no mundo do trabalho, impulsionadas pelas sociedades tecnológicas e informacionais.”

Levando em conta a perspectiva descrita por Pimenta, podemos compreender as ações do poder público, que em muitas ocasiões, fazem parcerias com instituições privadas. O turismo é levado por muitos políticos e por empreendedores como uma forma de alavancar o desenvolvimento local e pessoal. “[...] historicamente o turismo foi apontado como uma atividade que pode colaborar para o desenvolvimento das atividades produtivas, sobretudo em áreas de baixo dinamismo econômico, onde existem recursos propícios para a visitação [...].” (ANDRADE; FERREIRA, 2013, p. 318).

Para uma melhor compreensão sobre o turismo, é fundamental diferenciar os conceitos de viagem, que implica apenas deslocamento, e o conceito de turismo, propriamente dito, que implica a existência também de recursos e infraestrutura locais (BARRETO, 1991).

⁶⁴ Entrevista realizada com S. T. no dia 1 de novembro de 2019.

Segundo Rangel (2000, p. 7):

Viajar, atualmente, tomou-se vital. E a massificação do turismo pode ser explicada por alguns fatores socioeconômicos que contribuíram para o desenvolvimento, dentre os quais destaca-se: a paz, o aumento da população, a industrialização, avanços tecnológicos especialmente nos meios de comunicação, de transporte e de comercialização dos bens e serviços turísticos.

A autora demonstra algumas características que ocasionaram a atual massificação do turismo no mundo. Atrativos locais, como a gastronomia, a beleza paisagística ou esportes de aventura, também colaboram para o desenvolvimento dessas formas de turismos.

Veja a seguir um quadro contendo as classificações que o turismo pode ter:

Quadro 02: Tipo de turismo a partir de motivações pessoais

Turismo	Característica
Cultural	Baseia-se em atividades que, proporcionem maior contato com os aspectos culturais da área visitada, a exemplo de visitas a monumentos, museus, locais históricos; participação em manifestações populares e folclóricas, como festivais de música, exposições de arte, jornadas gastronômicas; participação em outros eventos de cunho cultural.
Aventura	Consiste na prática de alguns esportes considerados não tradicionais (paraquedismo, escaladas, caiaques etc.), estas viagens oferecem dificuldades, tanto pelos acidentes geográficos envolvidos nos roteiros, como pelos sistemas de transportes, alojamento (barracas e tendas), manutenção (preparação da própria comida) e equipamentos (mochilas, lanternas etc.) utilizados.
Negócios	Relacionado com o turismo urbano por desenvolver-se normalmente, em grandes cidades.
Rural	Conjunto de atividades que se desenvolvem em contato com a natureza e a vida no campo.

Fonte: Sheila Rangel. (2000) Organizado pelos autores (2020).

Nas pequenas localidades, como é o caso dos municípios da microrregião de Itajubá, o turismo deve ser atrelado ao trabalho coletivo, onde ocorram ações de solidariedade e parcerias, em que todos sejam beneficiados, tanto o poder público, como os empreendimentos privados. Como diz Pimenta (2017, p. 163): “O poder local ao apostar no turismo, embora se tenha

normativas mais coletivas e participativas, não constitui práticas emancipatórias, visto que o imagina dentro da proposta empresarial de mercado.” Pensar o turismo como instrumento de desenvolvimento coletivo necessita visualizar a atividade por meio de um desenvolvimento endógeno à parte do que o sistema capitalista emprega. O turismo deve satisfazer o local e o “de fora”, ou seja, a população que convive cotidianamente com aquele meio ambiente e com os turistas que convivem somente nos momentos de lazer.

Apesar de ser visto constantemente como uma atividade que colabora para o desenvolvimento local e/ou regional, e mesmo para a conservação dos patrimônios naturais e culturais, o turismo necessita de um planejamento adequado para o seu desenvolvimento, do contrário o crescimento desta prática econômica resulta mais em prejuízos do que em benefícios aos centros receptores. (ANDRADE; FERREIRA, 2013, p. 318)

O turismo é uma das possibilidades que podem ser obtidas por meio dos usos da cultura local, desenvolvida por um território específico. As pequenas localidades, com um contingente populacional menor são, por muitas vezes, colocadas como não tendo grandes alternativas para seu crescimento, porém Wanderley (2001) coloca em pauta a questão do rural como sendo um lugar de ricas relações sociais, culturais e econômicas.

Para que o desenvolvimento do turismo seja efetivo, deve-se ter um planejamento com o objetivo de organizar o tipo de turismo que irá ser o foco na localidade. O planejamento em questão deve ser feito tanto pelo Poder Público quanto pelos empreendimentos que se beneficiam desta atividade.

Segundo Andrade e Ferreira (2013, p. 317): “[...] a partir da década de setenta e, especialmente após os anos oitenta, progressivamente, os espaços rurais e os ambientes naturais passaram a apresentar novos interesses para a sociedade, a mídia, os poderes públicos e, por consequência, para o setor turístico.” Os fatores que fizeram com que ocorresse essa mudança de olhar sobre o espaço rural, em especial a região da Mantiqueira, rica em belezas naturais, particularidades culturais, como alimentação e artesanato, servindo como base para o desenvolvimento de um turismo regional. (CAVALLINI, 2001; ALVES, 2005; FARIA, 2007).

A. M. R., ex-prefeito de Piranguinho, nos concedeu uma entrevista e nos relatou a seguinte perspectiva sobre o turismo de base local:

É importante perceber que cidade igual Piranguinho tem aos milhares aí pelo Brasil a fora. Então, cidades pequenas igual Piranguinho, ter um reconhecimento desse faz a diferença no ponto de vista de ser notado, quando a gente pensa na questão do turismo, quando a gente pensa nesse campo de serviços [...].⁶⁵

⁶⁵ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

A. M. R. relaciona o processo de organização do turismo local com a identidade construída por meio da cultura do pé de moleque. Para ele, este reconhecimento que o município tem por meio desta prática faz com que ela seja notada, no meio de vários outros com os mesmos recursos financeiros, mas que não detenham de um símbolo local referência para ser trabalhado.

A. M. R. disse que

[...] do ponto de vista do turismo, [...] esse ponto é imbatível e quantas vezes eu fui em [...] nessas experiências da prefeitura de estar no meio de centenas de prefeitos e o pessoal reconhecer Piranguinho por causa do pé de moleque, aí você tinha lá, centenas de cidades igual Piranguinho, era um igual a outra, [...] agora Piranguinho, “cadê o pé de moleque?”, essa conversa aí marcou muito a minha visão de que o pé de moleque é importante pra Piranguinho.⁶⁶

A especificidade cultural local é colocada em pauta em sua fala como sendo um atrativo para iniciar um trabalho sobre o turismo no município. Para Pimenta (2017, p.165): “A manutenção das singularidades da cidade, do lugar e das coisas, parece ser uma aposta mais sensata para o enfrentamento da padronização e da ênfase na necessidade de estruturação do turismo.”

Ao enfatizar que Piranguinho era reconhecida nas reuniões que participava enquanto prefeito municipal, A. M. R. indica qual a prática política colocada por ele e seus membros gestores, o foco na questão da cultura do pé de moleque e, a partir deste foco, um trabalho voltado para o turismo de base local, como forma de influência tanto econômica, como cultural. Andrade e Ferreira (2013, p. 332) dizem que ocorre uma “supervalorização do turismo como uma atividade econômica ‘salvadora’ das economias local/regional” devendo ser refletida e analisada como um atrativo a mais no processo de crescimento econômico.

O atrativo turístico, seja ele em âmbito natural ou cultural, retoma a singularidade que o município detém, diferenciando a sua estrutura local com as de outros municípios do mesmo porte.

Então essa era a ideia, o problema da gente ta num serviço deste é que é temporário, você não da sequência e o pessoal que às vezes entra não pensa igual, então não da sequência também, não tem [...] não valoriza isso, né? A minha ideia era fazer um trabalho de educação pro turismo aqui [...].⁶⁷

A intenção de criar um projeto mais duradouro de educação para o turismo não se concretizou, devido à troca de gestão provocada pelas eleições municipais. “[...] a gente tem

⁶⁶ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

⁶⁷ Idem.

que aproveitar essa fama do doce para consolidar uma política de turismo regional, tanto é que na época, o pé de moleque passou a ser o símbolo gastronômico do Circuito Turístico.”⁶⁸

Observe as imagens a seguir:

Imagem 13: Imagens presentes no Guia gastronômico



Fonte: Guia gastronômico: “Sabores da Mantiqueira”.⁶⁹

No guia gastronômico do CTCM, além da caracterização da provável importância do município em âmbito gastronômico e das fotografias dos produtos, também se encontra o nome da empresa, seu horário de funcionamento, sua localização geográfica e os dados para contatos, como telefone e web site. Desse modo, a potencialidade turística da cidade se vê representada oficialmente por meio da produção do doce.

O turismo, dentro da perspectiva do desenvolvimento e da cultura, possibilita nossa reflexão a partir dos argumentos de Sachs (2004, p. 11), na qual o desenvolvimento é relatado por meio do viés sustentável, que consiste na: “Harmonização de metas sociais, ambientais e econômicas, por meio do planejamento estratégico e do gerenciamento cotidiano da economia e da sociedade, buscando um equilíbrio entre diferentes sustentabilidades [...]”.

Sachs (2012) partilha da ideia de que a promoção do emprego decente deve ser trabalhada juntamente com as estratégias para se construir o desenvolvimento sustentável, de maneira que recaia sobre o poder do Estado a valorização, por meio de políticas públicas, que legitimem essa construção.

⁶⁸ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

⁶⁹ A edição das fotografias foi realizada pelos autores.

A valorização dos produtos locais envolve dimensões físicas e cognitivas, pois é fundamental compreender o contexto do território, o contexto do local. “Os produtos locais são manifestações culturais fortemente relacionadas com o território e a comunidade que os gerou.” (KRUCKEN, 2009, p. 17).

Toda a relação entre o território e os atores sociais que o compõe foi construída a partir do passar do tempo, envolvendo recursos (matéria-prima), modos tradicionais de produção (fogão à lenha), costumes culturais e hábitos de consumo (proximidade com os principais meios de transportes no passar do tempo, a ferrovia e a rodovia).

Para que os consumidores possam surgir e aumentar cada vez mais, deve ocorrer o processo de comunicação sobre o produto, que pode ser chamado de *marketing*. Esse trabalho é fundamental e se transformou com o passar do tempo histórico. Inicialmente, o processo era realizado em comunicação próxima, por meio dos passageiros dos trens, onde os meninos ofereciam o produto de vagão em vagão. Atualmente, além da festa do pé de moleque, cada empresa tem um trabalho sobre a área de divulgação, seja por meio das mídias tradicionais, televisão e rádio, seja por meio das novas mídias como as divulgações pela internet.

Os territórios são campos de forças formados a partir de redes de relações e de controvérsias de caráter complexo que separam o “nós” (coletividade conhecida) dos “outros” (estranhos) (SOUZA, 2000). Os interesses internos e externos podem se complementar ou não, mediante ao campo de disputar que se formar. O “nós” consiste nos produtores locais e no poder político local, que mesmo tendo uma gama de interesses em comum, também entram em conflitos. Os “outros” consistem nos turistas, consumidores e empresas que se relacionam com o local e que também são repletos de ambiguidade (ANDRADE; FERREIRA, 2013, p. 331).

Segundo Krucken (2009, p. 23): “Com a globalização, um dos maiores desafios é comunicar as qualidades e valores de produtos locais para pessoas que não conhecem o seu contexto de origem e a sua história de modo que possam assimilá-los e reconhecê-los.” A nível regional, a propaganda “boca a boca” é muito bem usada e em âmbito mais amplo, as novas mídias servem como instrumento para a promoção dos bens, por conta disso, as normas e legislações auxiliam para o reconhecimento da prática cultural.

Outro atrativo que colabora com o campo do turismo é a questão paisagística. A região da serra da Mantiqueira, de onde Piranguinho também faz parte, é uma região muito rica na questão do turismo ambiental. Para Yázigi (2003), a paisagem é definida de maneira cultural e natural e com o crescimento das atividades turísticas, elas são apropriadas pelo mercado podendo ocorrer conflitos entre os moradores e os empreendedores que fazem deste espaço uma nova forma de lucro. (ANDRADE; et al. 2014).

Segundo Andrade (Et al. 2014, p. 73) “O mercado publicitário reflete a dialética do turismo contemporâneo, onde se suprime a realidade, afetando sua originalidade, o que cedo ou tarde esbarrará nas próprias limitações do produto comercializado, neste caso o espaço geográfico.”

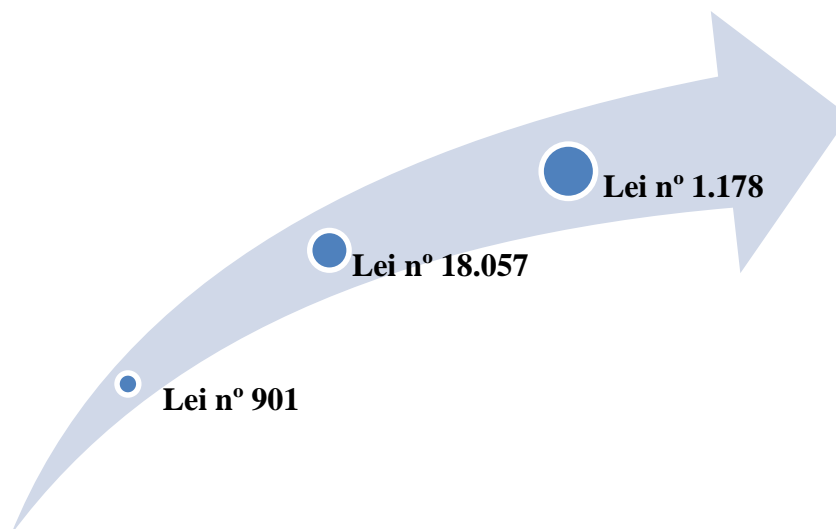
Por meio dos usos que a paisagem pode ter para o maior desenvolvimento das atividades turísticas, é necessário que ocorra um planejamento no âmbito das transformações espaciais. No caso de Piranguinho, as paisagens que podem atrair, de uma forma ou de outra, os turistas ou transeuntes, encontram-se próximas à rodovia, que são as próprias barracas de doce, ou na região central, próximas à Praça da Igreja Matriz. Além disso, existem importantes áreas de beleza natural, como a “Mata do Cruzeiro” que é um patrimônio de proteção municipal. O Rio Sapucaí também é um espaço de beleza natural, mas não é muito utilizado como uma potencialidade turística.

Pode meio desta reflexão, pode-se compreender que a oficialização de um saber, de um artefato, de uma obra arquitetônica, de uma obra de arte, ou de uma forma de representação natural, como uma floresta, influencia no desenvolvimento das atividades turísticas, pois essas práticas oficializadas são divulgadas por meio do poder público e de empreendedores, que se beneficiam com esta ação.

3. 3. LEGISLAÇÃO E PATRIMÔNIO

A prática do saber/fazer o doce pé de moleque em Piranguinho se oficializou como um bem patrimonial imaterial do Estado de Minas Gerais. Sob o aspecto legal, devemos relatar três leis específicas, que são:

Gráfico 04: Leis relacionadas aos patrimônios em Piranguinho



Fonte: Câmara Municipal de Piranguinho. Acesso em 2020. ⁷⁰

- **Lei nº 901**, de 15 de março de 2002, em âmbito municipal: estabelece as normas de proteção do patrimônio cultural do Município de Piranguinho e seu respectivo procedimento.
- **Lei nº 18.057**, de 1º de abril de 2009, em âmbito estadual: declara patrimônio cultural do Estado o processo artesanal de fabricação do doce denominado pé-de-moleque produzido no Município de Piranguinho/MG.
- **Lei nº 1.178**, de 5 de novembro de 2010, em âmbito municipal: Art. 1º Fica instituído o Registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural do município de Piranguinho.

Como forma de oficializar as ações do Estado em relação às fontes culturais, a C.F/88 nos diz que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. ⁷¹

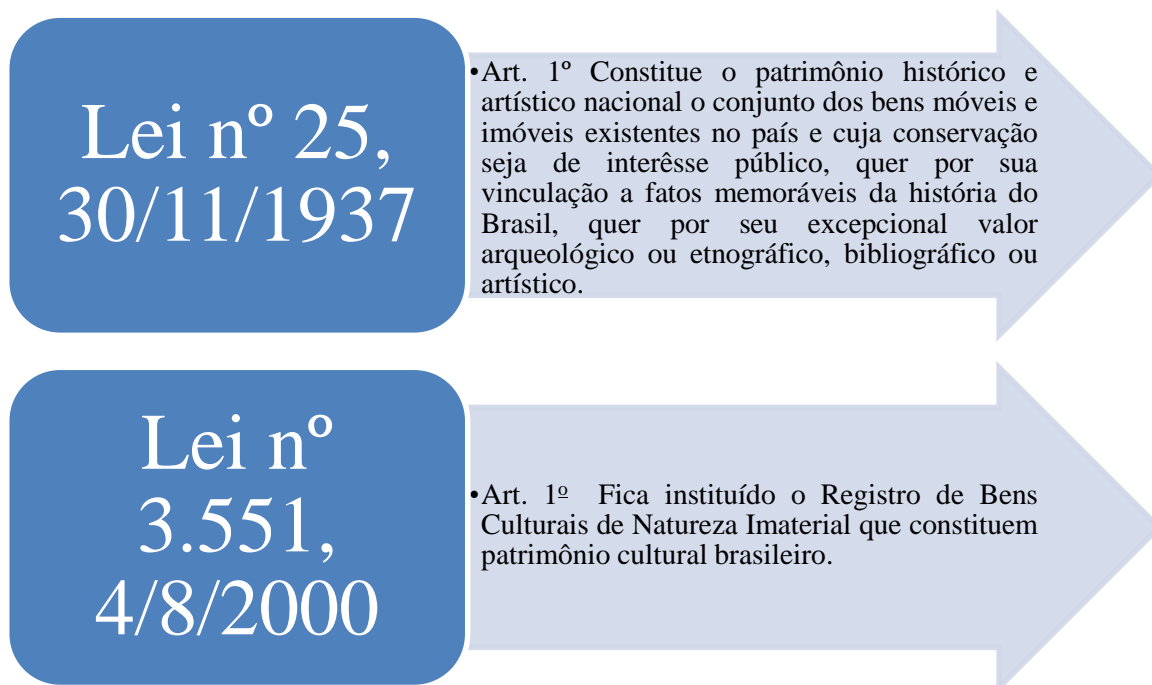
⁷⁰ O acesso ao texto das leis ocorreu por meio da plataforma <https://www.camaradepiranguinho.mg.gov.br/>, com o auxílio presencial do vereador na época, o senhor Dimas de Arimatéia Martins Renó.

⁷¹ Disponível em https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp, acesso em 28 de abril de 2020.

A legislação sobre os bens patrimoniais são instrumentos importantes para análise sobre a maneira em que uma localidade organiza a memória e a história local. Os bens patrimoniais são protegidos por leis de âmbito municipal, estadual e federal. A Constituição Federal de 1988 (C. F/88) diz que: “Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.”⁷² Quando se trabalha os conceitos de Patrimônio Cultural Material e Patrimônio Cultural Imaterial, deve-se compreender as diferenciações entre eles.

Observe a seguir o gráfico com as definições legais destes dois tipos de patrimônios:

Gráfico 05: Leis sobre os patrimônios materiais e imateriais



Fonte: planalto.gov.br

A Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937⁷³, decretada pelo presidente Getúlio Vargas, denota as atribuições legais sobre a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. A Lei nº 3.551, de 4 de agosto de 2000⁷⁴, decretada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, institui o Registro de Bens Culturais de natureza Imaterial, que constituem patrimônios culturais brasileiros.

⁷² Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10648364/artigo-215-da-constituicao-federal-de-1988>, acesso em 28 de abril de 2020.

⁷³ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm, acesso em 30 de maio de 2020.

⁷⁴ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm, acesso em 30 de maio de 2020.

O conceito de "patrimônio" possui uma origem na ideia de herança, características de transmissão hereditária dos bens transmitidos a um grupo e suas gerações futuras. Com as transformações que os conceitos adquirem com o passar do tempo, a definição de patrimônio também se alterou e passou a adquirir novos elementos vinculando-se à cultura.

Bens históricos de natureza material passam pelo processo de tombamento, enquanto os bens de natureza imaterial passam pelo processo de registro (TELLES, 1992). Chamamos de tombamento, pois os bens materiais devem ser organizados nos livros de Tombos. Segundo a lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, Art. 4º: O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuirá quatro Livros do Tombo, nos quais serão inscritas as obras a que se refere o art. 1º desta lei, a saber:

Quadro 03: Organização dos livros do Tombo

Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico

- As coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2º do citado art. 1º.

Livro do Tombo Histórico

- As coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica;

Livro do Tombo das Belas Artes

- As coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira;

Livro do Tombo das Artes Aplicadas

- As obras que se incluem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

Fonte: IPHAN. Organizado pelos autores. (2020)

O conceito de patrimônio é composto a partir de um valor atribuído aos bens culturais, que nesse caso, podem ser bens materiais ou imateriais, competentes do campo simbólico de determinado grupo social.

Valim e Bonini (2016, p. 33) dizem que:

O patrimônio cultural sempre foi observado pelo prisma de sua dimensão material; igrejas, obras, objetos, algo que pode ser tocado. Porém, o patrimônio cultural imaterial, representado pelas manifestações culturais, como usos e costumes, comida, reza, música, dança, modo de viver, ficaram por muito tempo no esquecimento, sem a proteção e a tutela do Estado.

Os bens patrimoniais pertencentes ao campo material tiveram durante a história um prestígio maior em relação aos bens patrimoniais pertencentes ao campo imaterial. Os Patrimônios Materiais correspondem a elementos materiais, tangíveis, que podem ser móveis, objetos artísticos, roupas, edificações ou sítios arqueológicos. Já os Patrimônios Imateriais correspondem a elementos intangíveis como uma dança, uma literatura, um saber/fazer, uma receita culinária, uma festa, um rito religioso, que é preenchido com perspectivas do campo das ideias.

A Lei nº 901 de 15 de março de 2002, em âmbito municipal, foi criada como forma de estabelecer normas de proteção ao patrimônio cultural local, com um enfoque específico aos bens patrimoniais materiais.

Art. 2º: Ficam, na forma desta lei, sob a proteção especial do Poder Público Municipal os bens de propriedade pública ou particular existentes no Município que, dotados de valor cultural, aí compreendidos dos valores histórico, estético, científico e outros, justifiquem o interesse em sua preservação.

Questões sobre bens patrimoniais imateriais são citadas, porém sem muita profundidade, em seu Art. 16º, que diz o seguinte: “O Município poderá proteger de bens imateriais de valor cultural, na forma da legislação federal pertinente.”

No ano de 2009 ocorreu a oficialização do saber/fazer do doce pé de moleque de Piranguinho, como bem patrimonial imaterial do estado de Minas Gerais, por meio da Lei nº 18.057, de 1º de abril.

A. M. R. disse que o processo de oficialização se deu da seguinte maneira:

O feitio do doce pé de moleque como patrimônio cultural seria tipo um tombamento, aí seria pela Assembleia Legislativa e foi interessante que aí através do deputado Durval Ângelo. Nós conseguimos que ele entrasse com o projeto na Assembleia. O projeto foi aprovado pelos deputados, pra ser lei, [...] É, e um fato interessante! Aí é o seguinte, naquele tempo o governador era o Aécio Neves, [...] ele tinha o controle quase que absoluto da Assembleia [...] E o projeto passou, e ele vetou o projeto, [...], aí foi um grupo nosso aqui pra Assembleia, [...], levaram um tantinho bom de pé de moleque né? Visitaram gabinete por gabinete e foi pedindo pro pessoal apoiar o projeto pra derrubar o veto do governador.⁷⁵

⁷⁵ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

A “pressão” feita pelos produtores sobre a Assembleia Legislativa do estado de Minas Gerais para a derrubada do veto do governador, foi algo marcante na fala de A. M. R. A atitude de levar o doce para os deputados, e em outros momentos, de levar para outros políticos, foi uma espécie de divulgação do saber no âmbito político.

Segundo A. M. R.:

[...] eu já entreguei pro Lula, já entreguei pra Dilma o pé de moleque. Entreguei pro Zé de Alencar. Zé de Alencar eu fui no Palácio do Jaburu, [...] que é o Palácio do Vice - presidente, da União. Ele já conhecia o pé de moleque [...], ele era muito conversado né? Cheio de história, então ele contou uma série de coisas né? [...] Era direto pra Ministros, [...] tantas vezes levei, toda vez que eu ia pra Belo Horizonte ou pra Brasília eu levava o doce. Depois eu até falei “ó o mensalão nosso ta aqui ó”. [...] doce pra turma, [...] um mimo.

⁷⁶

A relação entre a entrega do doce pé de moleque para políticos com a prática do “mensalão”⁷⁷ foi trazida por A. M. R. de maneira descontraída. Simbolicamente, a tradição local desta prática, trouxe novas possibilidades, a partir do olhar de políticos, na concessão de emendas e apoio parlamentares.

C. M. C. nos diz que:

O Registro é o saber, então quando a gente fala que o pé de moleque é patrimônio cultural, não é o pé de moleque que é o patrimônio, é o saber/fazer o pé de moleque. Então ele foi registrado como “processo artesanal de fabricação do pé de moleque de Piranguinho”. Então é o processo que é registrado.⁷⁸

Comumente os bens patrimoniais imateriais são confundidos. Em Piranguinho, quando falamos sobre o doce pé de moleque, a comunidade relaciona o doce material, com a oficialização como patrimônio. Durante a festa do pé de moleque, em vários momentos é citada esta oficialização, porém o patrimônio não é o doce em questão. Segundo C. M. C.: “O patrimônio é o processo, o saber, o conhecimento e é o conhecimento que foi passado de geração em geração. Então tem que provar que esse conhecimento foi passado de geração em geração.”⁷⁹

Sobre as ações que o poder público tem que tomar após um tombamento ou um registro, C. M. C. nos diz que:

⁷⁶ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

⁷⁷ Mensalão é o nome criado pela mídia a um caso de denúncia de corrupção política devido a compra de votos por parlamentares do Congresso Nacional brasileiro, nos anos de 2005 e 2006.

⁷⁸ Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

⁷⁹ Idem.

[...] dentro do processo de tombamento a gente tem que traçar uma linha de salvaguarda do patrimônio também, do saber, então tem que ter um plano de salvaguarda que é traçado. Então todo ano tem a Festa do pé de moleque, que promove a produção, que vai manter durante o ano a venda do pé de moleque [...] tem todo esse processo de salvaguarda e de promoção e todo ano a gente monta um relatório falando sobre esse processo de salvaguarda e promoção.

80

O relatório de salvaguarda e de promoção dos bens patrimoniais é um documento que deve ser organizado anualmente e enviado para o IEPHA-MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), órgão responsável para a conversão no ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre o Patrimônio Cultural.⁸¹

Ao ser questionado se as transformações no processo de produção, relacionando a novas máquinas e novas técnicas produtivas, afetariam a patrimonialização do saber/fazer, C. M. C. nos diz que: “[...] a gente considera que tudo tá em evolução né? Tudo tá se modificando, né? Então o saber inicial ali, não perdeu. O saber inicial a gente continua considerando isso.”⁸² Mesmo com as modificações no processo de produção e com inovações técnicas, o saber original não se perdeu, apenas se transformou.

A economia da cultura se desenvolve em uma localidade por meio de diversas questões, desenvolvimento do turismo, processos de patrimonializações de práticas e bens culturais. O desenvolvimento da economia da cultura exige mecanismos diversificados de fomento, diferentes da política de apoio via leis de incentivo fiscal. É preciso formular ações integradas e contínuas que enfrentem os principais gargalos do setor. (PORTA, 2008)

As diversas relações e controvérsias formadas no campo de disputas socioeconômicas serão levadas em consideração para a construção das CC que serão refletidas no capítulo a seguir. O processo de produção, os instrumentos usados, a oficialização, a organização da festa e as relações entre o público e o privado, nos darão respaldo para a compreensão da complexidade desse saber e sua influência no desenvolvimento local.

⁸⁰ Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

⁸¹ O ICMS Patrimônio Cultural é um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado, por meio de repasse dos recursos para os municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais através de políticas públicas relevantes. O programa estimula as ações de salvaguarda dos bens protegidos pelos municípios por meio do fortalecimento dos setores responsáveis pelo patrimônio das cidades e de seus respectivos conselhos em uma ação conjunta com as comunidades locais. O IEPHA-MG oferece aos municípios, por meio das Rodadas Regionais, orientações sobre as políticas de preservação, como a Deliberação Normativa do CONEP que estrutura um sistema de análise da documentação apresentada pelo município participante do programa ICMS Patrimônio cultural. Disponível em <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/icms-patrimonio-cultural>, acesso em 29 de maio de 2020.

⁸² Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

CAPÍTULO IV

ENTRE RELAÇÕES E CONTROVÉRSIAS: AÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS CULTURAIS

“Se não mudarmos a casa comum,
não seremos capazes de absorver as outras culturas
que não mais podemos dominar [...]”

Bruno Latour

O capítulo em questão tratará das relações e controvérsias presentes nas práticas culturais voltadas ao doce pé de moleque, desde sua forma de fazer até os utensílios utilizados para esta prática. Os principais conceitos trabalhados na Teoria Ator-Rede serão explicados, os maquinários e os processos de produção serão analisados e relatados, as origens e o desenvolvimento da Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo serão colocados enquanto fato bastante relevante no desenvolvimento e divulgação cultural.

Em meados dos anos 2000, ocorreu em Piranguinho um projeto em parceria do poder público, os empreendedores voltados ao doce pé de moleque e o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Esse projeto recebeu o nome de “Programa Alimento Seguro” (PAS), pelo qual as fábricas de doce receberam formações voltadas à segurança do trabalho, especialmente a higiene sobre o local e os utensílios.

Ocorreram transformações na organização fabril e na percepção do poder público em relação às atividades culturais. Por meio do diálogo com alguns empresários, com políticos que estavam em exercício no período em questão, foram organizadas as redes de relações que são construídas por meio da influência do artefato, com as questões sociais, entre os humanos e os não humanos. Assim, essa rede se respalda nas controvérsias presentes no processo.

4. 1. TEORIA ATOR-REDE (TAR) E A CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS (CC): CONEXÕES SOCIAIS

Controvérsias são fenômenos complexos a serem observados e se referem a cada fragmento da ciência e da tecnologia que não esteja estabilizado, ou seja, toda ação social. Para compreensão sobre a rede que se forma a partir das ações sociais entre os atores, leve-se em consideração as aplicações metodológicas propostas por Tommaso Venturini (2010, 2012,

2015), no desenvolvimento da prática conhecida como Cartografia das Controvérsias (CC) ou “Mapeamento de Controvérsias” (MC).

A CC é uma metodologia relacionada à Teoria Ator-Rede (TAR) e é capaz de desenvolver as relações de múltiplos atores, sejam eles humanos ou não humanos (“Atores não humanos” entende-se como representações materiais ou ações não materiais, por exemplo: leis, objetos, localidades, conceitos, instituições, etc.), em movimentos de agregação (“Movimento de agregação” entende-se como a junção de vários atores com interesses comuns que influencia diretamente as ações coletivas) que constitui um circuito sócio técnico de afetações (“Circuitos sócio técnico de afetação” entende-se como as relações organizadas entre atores, humanos ou não humanos, que de maneira direta ou indireta se afetam no progredir das ações). Os atores humanos e não humanos se encontram conectados em uma rede repleta de transformações e movimentos.

Para Lima (2016, p. 16):

O termo “sociotécnico” é amplamente usado pelos teóricos da vertente dos ESCT (Estudos sociais da ciência e da tecnologia [grifo dos autores]), alude a um equilíbrio de forças e ações vindas de inúmeras instâncias (humanas e não humanas) que performam o social, onde tecnologias, pessoas, objetos e a natureza colidem-se, recombina-se, constroem e desconstroem situações de interesses.

As análises sociotécnicas requerem uma reflexão maior do objeto de estudo e do campo que o circunda. A percepção de influências diretas, ocasionadas por atores humanos e não humanos, devem ser postas no campo das disputas de interesses e de poder. Máquinas, legislações, ideologias, culturas, políticas, são instrumentos fundamentais que influenciam as relações. A partir das análises das relações, o objetivo é utilizar métodos para mapearem e explorarem, de maneira visual, as relações e as possíveis controvérsias presentes nessas redes.

Segundo Praude (2015, p.01):

A TAR teve sua origem nos anos 1980 a partir de um campo de pesquisas denominado Estudos da Ciência e Tecnologia que investigava a dinâmica de produção de conhecimento em laboratórios com a utilização de artefatos tecnológicos onde, humanos e não-humanos, denominados actantes, eram analisados com o mesmo grau de importância.

Essa prática amplia o leque temático, buscando aportes teóricos para responder nossos questionamentos. “A TAR apresenta o signo da interdisciplinaridade quando mistura pessoas e objetos.” (PRAUDE, 2015, p. 01).

Para Franco (2014, p. 2):

Os autores da Cartografia consideram que a imparcialidade é impraticável, mas afirmam que, para aproximar-se dela, o pesquisador deve multiplicar os pontos de vista a partir dos quais o fenômeno pode ser abordado, promovendo ainda a escuta do que ‘dizem’ os actantes.

Mesmo com uma busca utópica pela imparcialidade científica, os pesquisadores que utilizam da CC como um dos métodos de análise de dados, ocasionam uma ampliação que origina novas percepções sobre os fatos que ocorrem sob a égide de uma rede.

Praude (2015, p. 02) diz que:

A TAR permite identificarmos uma multiplicidade de objetos híbridos conectados em uma estrutura de rede que se encontra em deslocamento, em movimento constante e sempre aberta a incorporação de novos elementos de forma extraordinária e imprevisível, capaz de redefinir, reconfigurar e transformar seus componentes.

Para a construção do campo teórico e metodológico sobre a TAR e sobre a CC, foi essencial a leitura das dissertações desenvolvidas por Lima (2016) e por Veiga (2016), que construíram redes de relações e entre o design e o artesanato, com um foco na Associação de artesãos do município de Maria da Fé-MG. Foram fundamentais essas leituras, pois além de tratarem da construção e análise das redes os autores, trabalharam com um recorte geográfico que pertence à microrregião de Itajubá, assim como é o município de Piranguinho.

Lima (2016) diz que a CC é uma abordagem que faz repensar novos dispositivos de leitura social, por tratar de diferentes aspectos sobre os movimentos de relação presentes na dinamicidade das redes de interações. As pesquisas necessitam de análises com maior profundidade devido ao pensamento complexo e as relações sociais, culturais e econômicas presentes em cada uma delas.

Para a construção da CC foi necessário o levantamento de dados recolhidos com os mais diversos auxílios, como o levantamento de dados primários, o levantamento das entrevistas realizadas, os registros fotográficos e fílmicos, pelos quais foi possível compreender o emaranhado de relações existentes entre os atores.

Constantemente devem ser questionadas as intencionalidades presentes em cada ação, pois como nos diz Lima (2016, p. 30) “Com afirmações apenas, nunca haveríamos de compor um mundo que seja simultaneamente: sólido, interpretado, controverso e dotado de sentido.”

Na obra “Reagregando o Social”, Bruno Latour (2012) introduz a proposta do desenvolvimento da TAR sintetizando as principais controvérsias presentes a partir de “cinco fontes de incerteza”.

Essas controvérsias refletidas por Latour (2012) são:

1. *Não existem grupos, apenas a formação deles* – a organização grupal é momentânea e sofre constantes transformações. Por meio disso, a utilização da palavra “associação” é incentivada pelo autor.
2. *A ação é assumida* – fonte de incerteza com um enfoque no “ator”. Para Segata (2012, p. 240), “O ator não é uma peça que já está no tabuleiro e que depois age. [...] se constitui apenas na ação.” Para relacionar o ator social, seja ele humano ou não, Latour utiliza o termo “*actante*”, que é traduzido também como atuante.
3. *Os objetos também agem* – essa fonte de incerteza não vem colocar a figura dos objetos como seres animados, mas sim como seres repletos de subjetividades, relacionando as suas influências com as ações dos *actantes* humanos, provocando novamente a ideia de associação e rede. “Os objetos agem também, pois pensar a rede é pensar numa série de ações (eventos) distribuídas, e não pensadas em razão de causa e efeito.” (SEGATA, 2012, p. 240).
4. *Questões de fato versus questões de interesse* – Latour propõe abrir a “caixa de ferramentas” das ciências sociais, com o intuito de demonstrar como se passa a construção de fato. Como forma de quebra com a “realidade” posta por muitos sobre a neutralidade das ciências mostrando que a sociedade é uma construção, “um modelo da realidade”.
5. *Escrever relatos de risco* – desconfiança em relação à precariedade dos trabalhos dos pesquisadores que organizam o levantamento das redes. “Seguir os atores – rastrear e descrever associações [...], tecer a própria rede. A rede não está lá [...] ela é uma ferramenta, um método.” (SEGATA, 2012, p. 241). A complexidade requer um olhar minucioso por parte do pesquisador.

Para Segata (2012, p. 41): “Ela, a rede, é um resultado e não um dado – a descrição de uma rede é uma maneira de dispor os rastros deixados por atores no curso de suas ações.” Essas cinco fontes de incertezas são fundamentais para o início do trabalho de mapeamento e reflexão presentes na prática da confecção e venda do doce pé de moleque.

Para Latour (2012, p.50), toda ação humana é complexa, pois: “Relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis”. Toda ação social pode ser vista por meio de movimentos de relações, tudo está conectado, diferentes atores sociais influenciam e são influenciados pelo *habitus* social.

Bourdieu (1987) diz que *habitus* consiste em “estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes”, ou seja, os objetivos traçados e os caminhos percorridos para que esses objetivos sejam alcançados, ocorrem de forma inconsciente, sem que seja constituída

uma maneira de coordenação e isso ocorre a partir do Capital Cultural adquirido por determinada sociedade, que consiste em sua bagagem cultural, seu ambiente, casa, trabalho, família, igreja, o bairro em que vive, televisão, internet, etc. A bagagem que todos os sujeitos levam de experiência de vida e de relações sociais. Esse quesito apresentado interfere e influencia no modo como os atores sociais observam e vivem em sociedade

Esses aspectos da sociedade que são transformados, ou permanecem “intocáveis”, são originados a partir da capacidade de produção material e subjetiva, como técnicas de fazeres e saberes, transformações ambientais e culturais, que são influenciados diretamente por inúmeros atores que motivam a dinâmica das redes. Política, economia, tecnologias, propaganda, entre outros, “posicionando-se distante do espectro de neutralidade legado pela vertente positivista da Ciência.” (LIMA, 2016, p. 19).

A TAR é um método para “*to live, to know, and to practice in the complexities of tension.*” (LAW; HASSARD, 1999, p. 12 Apud. VENTURINI, 2010). As ações sociais são repletas de tensões complexas e que muitas vezes passam por despercebidas. Por conta disso, o desenvolvimento das CC faz com que seja possível a visualização dessas complexidades. Para Latour “*just look at controversies and tell what you see.*” (VENTURINI, 2010). O desenvolvimento das CC pode ser feito a partir do trabalho de “observar” e “descrever”.

Utilizada para compreender um maior campo de relações, a CC é aplicada dentro de um contexto interdisciplinar, relacionando atores e objetos, economias e culturas, saberes/fazeres e tecnologias. Para a construção dessas redes, é necessário que os pesquisadores façam parte delas, pois como diz Latour (2008) não se muda de perspectiva sem fazer parte da perspectiva. A participação como ator que analisa o objeto se faz necessário para que se tornem perceptíveis nuances que ao olhar de fora não são notadas. Fazer parte da perspectiva é, antes de tudo, participar do posicionamento político diretamente (LIMA, 2016).

Latour (2012, p. 49) diz que “não há grupos, mas apenas a formação deles”, demonstrando o sentido dinâmico que a sociedade representa, não existindo estruturas moldadas e sim ações que as transformam. Para Lima (2016, p. 66), “A ação de um ator é feita pelos atos de muitos outros atores, é objeto da mobilidade e da mediação de outras entidades que o orbita e que o agrega.” Para se construir uma rede, é necessário considerar as ações que influenciam diretamente nos movimentos de agregação.

4. 1. 1. MOVIMENTOS DE AGREGAÇÃO

Os atores sociais são definidos como intermediários e *actantes*. Um ator intermediário, dentro de uma rede de relações, consiste em pouca ou nenhuma influência sobre a dinâmica de outros atores que compõem a rede.

Para Latour (2012, p. 65), “Um intermediário [...] é aquilo que transporta significado ou força sem transformação.” Um ator *actante* consiste, como sua própria definição já o diz, na atuação que ocasiona grande influência [*actante-atuante*].

Para compreendermos o que são movimentos de agregação, devemos ter a concepção de que toda ação social é dinâmica e composta de possibilidades. A partir das perspectivas trabalhadas por Venturini (2010) e Latour (2012), são identificados três tipos de movimentos de agregação fundamentais para a construção da CC.

- **Os movimentos de intermediários:** movimentos que não transformam ou interferem em outros movimentos, mas são carregados de significados.
- **Os movimentos de controvérsias:** movimentos que transformam outros movimentos, influenciando diretamente no curso da ação da rede, podendo ser associadas a disputas por poder.
- **Os movimentos de cristalização:** movimentos que tendem à estabilidade e que geralmente são compostos de enorme complexidade interna, podendo influenciar nas ações de outros atores sociais.

A principal diferença entre os movimentos de controvérsias com os movimentos de cristalização é a não incidências de disputas acirradas nas cristalizações, pois são movimentos constituídos de acordos estáveis no convívio dos atores (LIMA, 2016). As controvérsias são movimentos que agregam sentido às redes e que podem se tornar cristalizações, diferentemente dos intermediários, que são mediadores de relações.

As articulações dentro dos movimentos em rede permitem compreender como os atores são inseridos nas interações sociais, ou seja, “como se distribuem dentro dos Circuitos Sociotécnicos de Afetação e como, a partir deste posicionamento, constroem poder e dominação.” (LIMA, 2016, p. 72).

Segundo Lima (2016, p. 73): “De acordo com Venturini (2010, p. 12), este social não deve ser observado e descrito apenas pelos aspectos estabilizados de uma rede, nem pelo ponto e vista dos atores inertes, isolados e indiferentes, mas sim pela via de um estado parcialmente fundido e controverso.”

4. 1. 2. A CONSTRUÇÃO DAS REDES

A CC tem como objetivo “tornar acessível à navegação dentro dos fluidos magmáticos.” (LIMA, 2016, p. 74). Para isso, iremos elaborar diversos dispositivos de representações visuais.

O primeiro passo que deve ser realizado para a construção da CC consiste no levantamento dos atores sociais que fazem parte do circuito em rede, observando se o ator é responsável por intensas modificações da ação de outros atores, ou se pode ser considerado um intermediário. Posteriormente, devemos localizar a posição e o grau de importância de cada ator social, segundo o nível de afetação desse ator para a rede.

Segundo Lima (2016, p.76):

É importante notar: a representatividade de cada ação (nível de relevância de uma ação específica); a influência de cada ator na rede (quem ou o quê ele está mediando, quantos outros está atraindo, como acontecem suas associações); e os emaranhados de interesses conjugados entre si (movimentos de agregação).

Deve ser levada em conta a maior quantidade de pontos de vistas possíveis, como forma de refletir a rede como um todo. A rede e a posição de cada ator em sua formação são compreendidas durante o percurso de levantamento de dados, sejam eles documentais, visuais ou em entrevistas.

Para Latour (2012, p. 257), “a resposta dada pelo trabalho de campo dirigirá a atenção de novo para um local e o redescreverá como um emaranhado de conexões [...]”. Devido a esse emaranhado de relações, é necessário fazer uma “re” leitura sempre que novos atores emergirem no campo de disputas.

O terceiro passo para a construção da CC trata-se de entender “para onde as associações e mediações levam o conjunto de uma rede de interações e, a partir disto, ‘desenhar’ tais movimentos”, fazendo com que seja perceptível “observar controvérsias da maneira mais complexa o possível”, e “descrevê-las da maneira mais simples o possível.” (LIMA, 2016, p. 77).

As CC “[...] não devem ser feitas de forma vertical (lógica hierárquica do organograma “cima-baixo”, que acumula verticalmente significados e atributos). Devem, antes, serem sempre horizontais, achatadas, em formato de mapas [...]” (LIMA, p. 77). A perspectiva tomada na construção das CC deve ser a da pluralidade e do questionamento, evitando relativismos e hipóteses indiscutíveis.

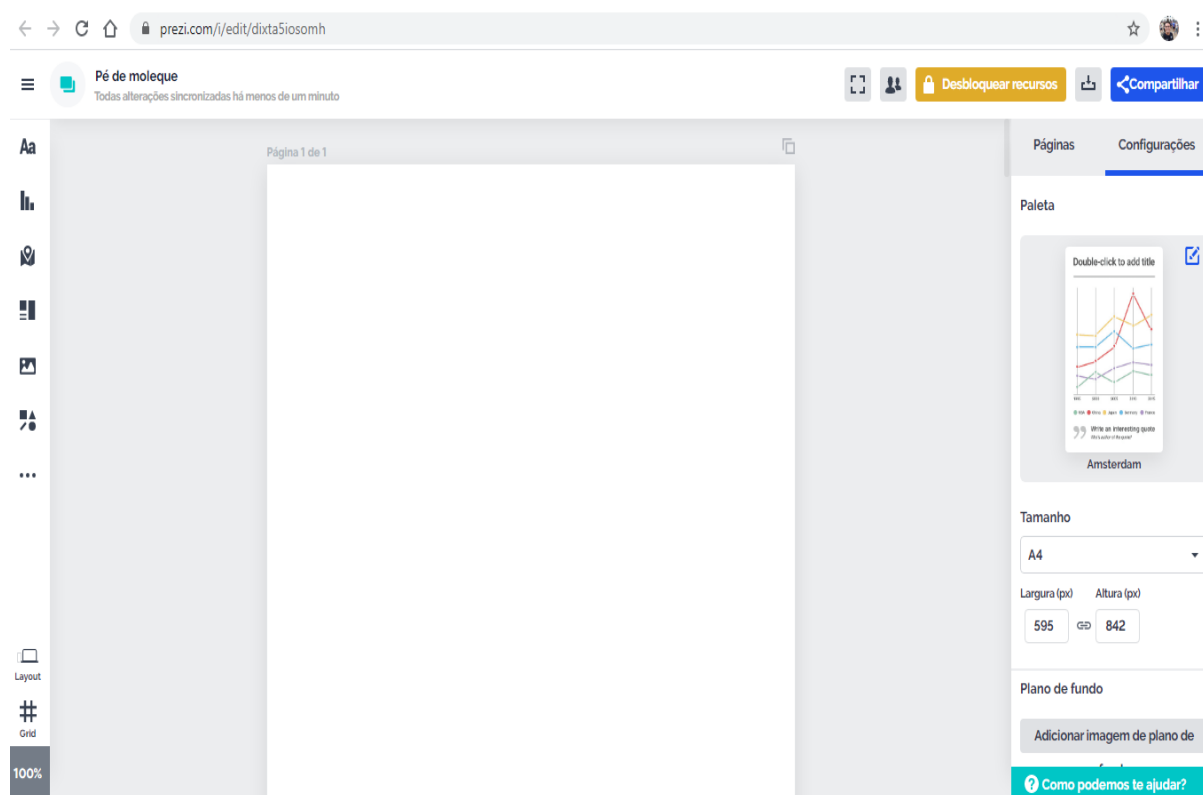
4. 1. 3. OS MAPAS OLIGÓPTICOS

Os mapas que serão apresentados nesta pesquisa são representados a partir da perspectiva oligóptica, pois “a visão oligóptica mostra uma realidade objetiva e pujante, ou seja, coloca o observador dentro da paisagem observada”, permitindo que sejam feitas análises “pouco a pouco (oligo)” de “como mediadores se associam e constroem relações.” (LIMA, 2016, p. 84).

Por meio da leitura da dissertação de Santos (2020), que teve como título “Controle social sob a óptica constitucional e os sistemas de vigilância na preservação e elucidações de delitos”, fomos encaminhados até o *software Prezi Classic*⁸³, ferramenta utilizada pelo pesquisador na construção das CC.

Para a construção gráfica das CC, as redes foram delimitadas em um tamanho aproximado de uma folha A4, ou seja, 21,0 x 29,7 cm. Observe a seguir o *layout* representado pelo *software*:

Imagem 14: Layout para a CC



Fonte: prezi.com

⁸³ Disponível em <https://prezi.com/dashboard/next/#/designs>, acesso durante a construção das CC.

A partir desta definição gráfica organizamos as cartografias, dividindo-as por períodos, títulos e com devidas legendas. Deixamos registrado nas legendas os campos que compõem os movimentos de relações, para que possamos melhor visualizar as influências no processo. As relações foram traçadas por meio de linhas e ícones representando os atores e os Movimentos de Agregação, sejam eles intermediários, controversos ou de cristalização.

Para iniciar a construção das redes, iremos refletir sobre os saberes presentes na prática da confecção do doce pé de moleque, com suas matérias-primas, os maquinários utilizados e o conhecimento adquirido por meio da prática. Observe a seguir a primeira rede de relações e controvérsias construída:

4.2. PÉ DE MOLEQUE: O SABER/FAZER ⁸⁴

Imagem 15: Saberes e fazeres



Fonte: Software Prezi Classic

⁸⁴ Informações recolhidas a partir das entrevistas realizadas com J. M. A, C. M. C. e com os produtores das barracas A., V. e A. Z, juntamente com documentos oficiais como o relatório de salvaguarda do bem patrimonial.

Durante as redes que foram construídas, no campo “legenda” estão registradas as cores das linhas que representam os movimentos de relações. As linhas em amarelo são os Movimentos Intermediários (MI) que ocorrem, mas que têm pouca influência nas ações de outros atores; as linhas em vermelho são os Movimentos de Controvérsias (MC), que influenciam no progredir das relações e que podem se tornar um Movimento de Cristalização; e as linhas em azul representam os Movimentos de Cristalização (MCr) que se perpetuaram durante o passar do tempo.

Os saberes passados de geração em geração formaram uma receita padrão, que foi a base para a oficialização da prática como um Patrimônio Cultural Imaterial do Estado. Consideramos que a relação entre os saberes passados com a receita é um MCr, pois foi uma prática que se cristalizou no passar do tempo. A receita é composta de matérias-primas que também se mantiveram, o amendoim, a rapadura e a água. A relação entre as matérias-primas é considerada como MI, pois mesmo sendo essencial para a confecção do doce, recebe um determinado padrão.

A rapadura, alimento originário a partir do extrato de cana de açúcar, e o amendoim são as matérias-primas originais na receita do doce pé de moleque de Piranguinho. A relação construída entre eles e o doce é uma relação de controvérsias, pois mesmo sendo fundamental para sua confecção, ambos não são produzidos no município, o que pode influenciar na reflexão sobre o artefato. A rapadura tem origem no bairro São João, localizado do município de Maria da Fé, pertencente à microrregião de Itajubá, e o amendoim é originário da região de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. A controvérsia presente é justamente sobre a falta de motivações ou interesses, por parte dos empresários ou do próprio poder público, em desenvolver a produção desses insumos no próprio município.

A análise dessas controvérsias gera possibilidades diversas. Ao realizarmos as entrevistas, entramos em contato com produtores, gestores públicos e representantes da sociedade civil. Vários foram os motivos levantados por eles para explicar por que o município não produz as matérias-primas.

Para J. C. S.: “A mão de obra é muito cara. E outra, se você for lá plantar uma safrinha de amendoim, os gavião vem e come todinho, lá como tem muitos mil hectares de amendoim o gavião não dá conta de comer tudo.”⁸⁵ A explicação realizada pelo produtor advém da quantidade de plantação que deve ser realizada para abastecer todos os produtores. Juntamente com esta explicação ele também diz que apoia a produção de cana no território.

⁸⁵ Entrevista realizada em 07 de novembro de 2019.

Para J. C. S:

Ah, eu não sei o que que acontece aí, que as pessoas que têm condições de mexer com isso aí não mexe, fica no café. O café tá até deteriorando aí né? Tá acabando e tudo isso daí da rapadura, da cana boa. A terra é boa, a terra é fértil, a terra aqui dá até o que não planta, o passarinho come aqui vai lá e defeca e nasce, porque a terra é fértil. (Risos) Agora tá é difícil de achar gente pra plantar né? ⁸⁶

Complementando a opinião de J. C. S. sobre a falta de mão de obra rural para produzir a rapadura, a senhora A. P. C. diz que: “[...] o trabalhador rural hoje não quer mais saber de trabalhar não. Ele ganha lá um salariozinho de 800 reais, mas não [...] não tem vontade de fazer. Então Piranguinho é a capital, mas não tem nem amendoim nem rapadura.” ⁸⁷

A receita básica⁸⁸ do doce de pé de moleque de Piranguinho-MG detém as seguintes matérias-primas: ingredientes: 2,5 kg de rapadura, 1,5 kg de amendoim torrado e sem casca e 300 ml de água.

A produção artesanal do doce consiste em:

1. Torrar o amendoim em fogão comum ou à lenha, processo conhecido como torrefação;
2. As cascas são removidas com o auxílio de um tijolo ou então os amendoins são introduzidos em sacos que, batidos contra a parede, possibilitam a retirada da casca, processo conhecido como limpeza;
3. O grão é triturado em moedores manuais, quando o doce de pé de moleque for feito de amendoim moído, e, posteriormente, misturado à rapadura derretida em água quente em um tacho de cobre ou ferro batido ou alumínio;
4. O produto obtido é então peneirado para a remoção de impurezas, como ciscos e pedaços de abelhas;
5. A junção de amendoim (inteiro ou moído) com a rapadura derretida é introduzida em uma bancada/mesa de pedra úmida ou forrada com plástico úmido dentro de uma forma;
6. A matéria-prima, já em processo avançado de produção, é resfriada por 15 minutos, aproximadamente;
7. Quando atingida a consistência ideal, a peça é cortada em diferentes formatos, para assim, estarem prontos para a comercialização;

⁸⁶ Entrevista realizada com J. C. S., no dia 07 de novembro de 2019.

⁸⁷ Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

⁸⁸ Os dados da receita básica para se fazer o doce foram encontrados no “Relatório de Registro do Patrimônio Imaterial”, no quadro de “Salvaguarda e Promoção”. Esse relatório foi cedido por C. M. C.

8. O pé de moleque é comercializado em embalagens de papelão ou plástico mole transparente.

O modo de fazer do doce na maneira industrial não se difere da maneira artesanal. Neste caso, há apenas a introdução de novas ferramentas e maquinários. Na maneira industrial, é usado o fogão industrial, as torradeiras e moedores elétricos e as máquinas chamadas “limpadeiras”, que retiram as cascas do amendoim.

A tradição do saber/fazer o doce pé de moleque em Piranguinho-MG foi mantida com o passar do tempo, mas também ocorreram transformações. Alguns produtores utilizam máquinas novas para facilitar e acelerar a produção. Já outros, mantém o processo artesanal herdado pelos antigos, como torrar o amendoim em tachos de metais variados. Inicialmente, o derretimento da rapadura era realizado por meio do cozimento em fogão de lenha, porém essa prática não é mais utilizada pelas empresas do ramo, devido ao aumento da demanda de produção.

O prazo de validade dos produtos não é fixo. Doces preparados artesanalmente possuem prazo de validade média de 10 dias para o consumo, pois não contém em suas fórmulas conservantes químicos. A parte da produção destinada ao mercado externo à Piranguinho-MG apresenta a adição de conservantes em seu processo de produção, o que estende a validade do produto em média por um mês.

A receita e o modo de preparo devem ser levados em conta a partir da particularidade de cada doceiro. O processo do saber/fazer depende basicamente do conhecimento abstrato que recai sobre o trabalho de quem o produz.

Segundo A. P. C.:

[...] eu uso apenas a rapadura e o amendoim e a água pra poder derreter o melado. Tem uma medida certa de rapadura pra uma quantidade de amendoim, [...] após ser derretido a gente tem o ponto, que é uma coisa as vezes que a gente apanha até hoje. [...] É do doceiro. Do próprio doceiro. Cada um tem seu jeito de ver como é que o melado tá bom pra fazer o inteiro, como é que tá bom pra fazer o moído.⁸⁹

O “ponto” do doce é um conhecimento essencial para se ter um produto de qualidade e estes saberes são específicos de cada doceiro que trabalham nas fábricas. No dia em que realizamos esta entrevista, o doceiro da barraca A., mesmo com anos de experiência, errou o ponto de torrar o amendoim. “[...] e muitas vezes a gente erra também [...]. Hoje ó, tá demorando lá vamos ver se vem logo, nós estamos torrando o amendoim novamente, porque

⁸⁹ Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

ontem deu uma passadinha no ponto dele, o doce ficou escuro.”⁹⁰ Questionada sobre a questão deste “ponto”, se altera ou não a qualidade do doce, A. P. C. nos disse que o gosto do doce é modificado, alternado sim a sua qualidade e seu sabor.

Observe a seguir uma fotografia das principais matérias-primas para a confecção do doce pé de moleque, a rapadura e o amendoim:

Imagem 16: Barras de rapadura com coloração distintas



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.⁹¹

A diferente coloração que a rapadura adquire, perceptível na fotografia acima, é devido ao ponto do melado originário do fornecedor. É importante observar as embalagens e a maneira que a rapadura é guardada. O principal fornecedor dessa matéria-prima é o bairro São João, localizado no município de Maria da Fé distante cerca de 20 km de Piranguinho.

Foi relatado durante nossas entrevistas que a rapadura vinha sem qualquer tipo de embalagem, somente em caixas, e por ser transportada por meio de estrada de terra, ela chegava toda empoeirada. O tratamento do fornecedor se transformou a partir da parceria entre as empresas, o poder público e o SEBRAE com o Programa Alimento Seguro (PAS). Os fornecedores foram instruídos a embalar a rapadura e colocarem em caixas de papelão, como forma de evitar a contaminação pela poeira da estrada.

⁹⁰ Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

⁹¹ Fotografia de 01 de novembro de 2019.

O projeto desenvolvido pelo SEBRAE é considerado, por parte dos entrevistados, uma “revolução”, pois transformou drasticamente a rotina de trabalho das empresas. O PAS tem a seguinte característica:

Os donos de estabelecimentos como restaurantes, bares, lanchonetes, padarias, quiosques e até os ambulantes têm grande responsabilidade com a qualidade de seus produtos e precisam seguir as Boas Práticas, um conjunto de procedimentos higiênico-sanitários instituídos pela ANVISA. O Programa Alimentos Seguros (PAS) auxilia esses profissionais com conteúdos distribuídos em um programa que, por meio de cursos e consultorias, traz de forma simples, clara e bastante ilustrada, os assuntos relacionados à segurança dos alimentos.⁹²

Podemos observar uma ambiguidade, pois mesmo com a resistência dos produtores, o programa é tido por eles como um sucesso. “[...] com as consultoras, a consultoria e muita conversa, conseguimos dobrar os produtores, foi o SEBRAE que fez essa junção, que fez com que o pessoal se tornasse mais camarada [...], foi bom, essa união, nós fazemos a festa do pé de moleque, tudo muito alegre, muito competitivo, muita coisa [...]”⁹³

Além da rapadura, o amendoim é fundamental na produção local, mas não existe uma preocupação em desenvolver esta cultura no município, o que torna esta problemática uma controvérsia.

Observe a seguir a maneira que os amendoins chegam e são guardados:

⁹² Disponível em https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/cursos_eventos/programa-alimentos-seguros-pas-mesa,207c0af026458510VgnVCM1000004c00210aRCRD, acesso em 30 de outubro de 2020.

⁹³ Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

Imagem 17: Sacas com amendoim organizado no estoque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.⁹⁴

O amendoim que supre a produção do doce é originário da região de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, distante de Piranguinho cerca de 350 km. Os motivos para não ter o incentivo a esta cultura no município foram diversos. Durante nossas entrevistas, observamos relativa discrepância no argumento dos entrevistados sobre a questão do amendoim. Alguns relataram que a terra do município não era compatível para a produção em larga escala, outros disseram que a terra é boa, mas faltam incentivos por parte do poder público e dos empresários, e alguns transmitiram a ideia de que era fundamental uma maior pesquisa científica para comprovar que se o solo é compatível ou não.

Em comum, os depoimentos relataram que não teve ainda nenhuma tentativa da produção do amendoim no município, pois não compensaria financeiramente. Por se comprar em grande quantidade, mesmo sendo de fornecedores de regiões distantes, o preço do saco de amendoim era compensador.

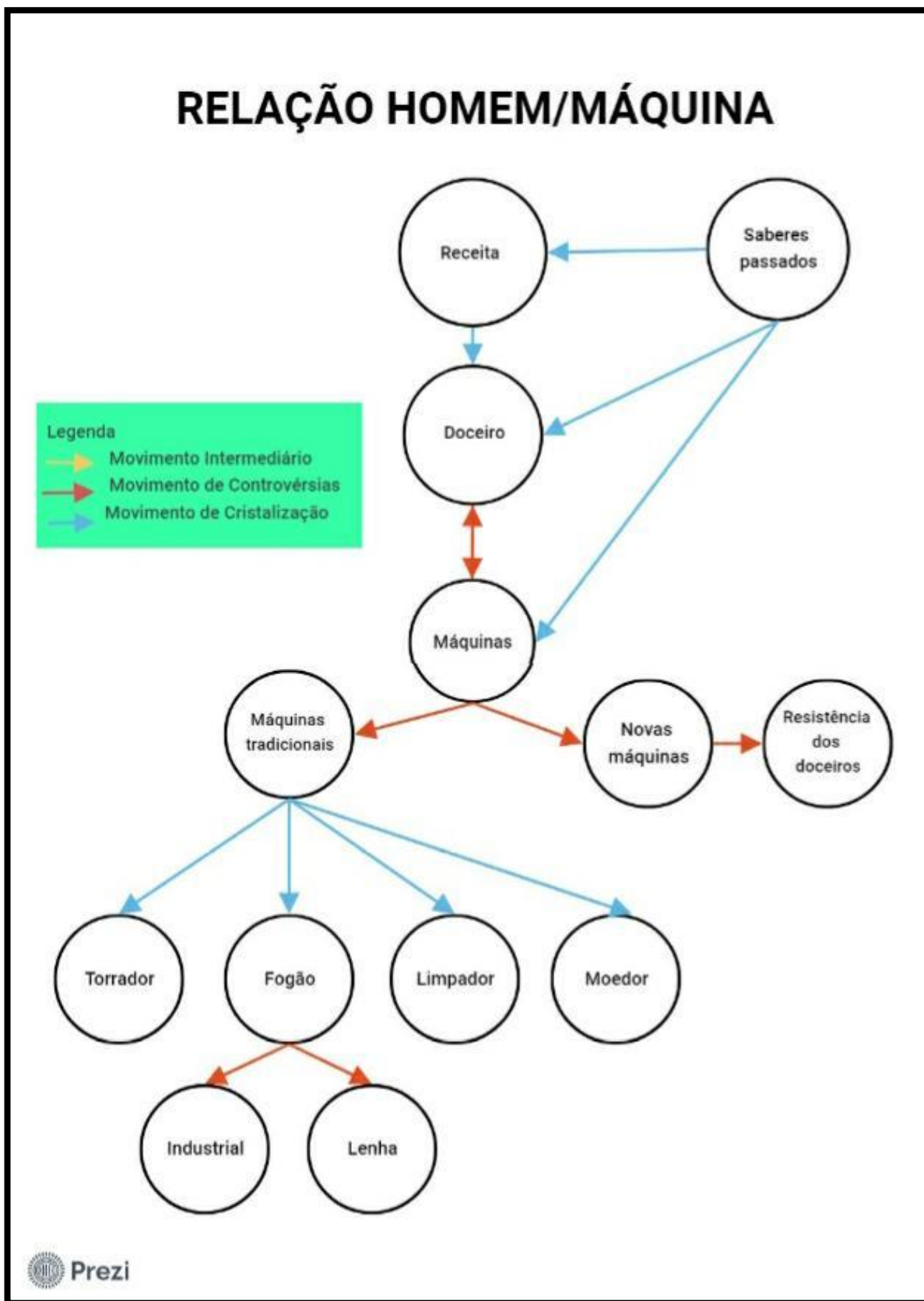
⁹⁴ Fotografia de 07 de novembro de 2019.

4. 3. RELAÇÃO HOMEM/MÁQUINA

A rapadura e o amendoim, juntamente com o saber do doceiro, formam o artefato que durante o tempo histórico foi se construindo como instrumento de identidade local. Os saberes passados formam dentro da estrutura da rede um MCr em sua ligação com a receita, o doceiro e os maquinários. Essas relações se cristalizaram por meio da passagem do tempo, no qual os saberes que deram origem à receita que é utilizada até hoje se materializaram na prática do doceiro. As máquinas que eram utilizadas no início da produção, hoje ainda são fundamentais nesse processo.

Observe a seguir nosso segundo movimento de relações:

Imagem 18: Processo de produção do doce pé de moleque



Fonte: Software Prezi Classic.

As relações entre o homem e a máquina podem ser consideradas MC, pois ambos são compostos de igual influência no processo produtivo, podendo estar em sintonia ou não. Máquinas foram construídas a partir dos saberes tradicionais. J. C. S., ao questionado sobre quem foi o responsável por fazer as primeiras máquinas de torrar, nos disse que: “Não existe mais esse senhor. [...] Ele chamava seu Joaquim [...] o primeiro nome dele é seu Joaquim, eles chamavam ele de Joaquim Rolinha. [...] Joaquim Alves [...]”⁹⁵

Relacionando o que o senhor J. C. S. disse, a senhora S. T., nos disse que:

[...] o Juraci é [...] ele começou a trabalhar assim, a fazer fogão pra tia Alcéa, mais moderninho que [...] esse moderno você põe lá em mil novecentos e cacetada (RISOS). [...] hoje, por exemplo, as máquinas e os tabuleiros são de inox né? Mas o que eu tenho de máquina é ainda da época do seu Juraci.⁹⁶

Tanto o senhor Joaquim Alves como o senhor Juraci são exemplos de “engenheiros” com saberes populares. Mesmo em se tratando de um trabalho que requer um pouco de saberes mecânicos, ambos conseguiram construir maquinários que auxiliaram em todo o processo de produção: o senhor Joaquim, a máquina de torrar e o senhor Juraci, o fogão específico para a produção de pé de moleque.

Os saberes passados influenciaram tanto na construção da receita original, no conhecimento prático dos doceiros e na construção das máquinas, formando assim um MCr. A aquisição de novas máquinas por parte dos empresários gerou uma certa “resistência” por parte dos doceiros. S. T. nos fez que:

[...] agora tem engenheiro. Só que esse engenheiro já fez torrador pra mim, pra minha filha, só que não funciona tão bem, aí o que acontece, meus funcionários vêm: “a, essa máquina aqui não tá boa não”, aí tira a que é de inox e põe a velha. Eu falei: “gente, vocês têm que pôr a de inox”, “a não, essa não funciona direito” [...].⁹⁷

Essas resistências formadas são consideradas MC, pois é controverso máquinas ditas “modernas” serem rejeitadas pelos funcionários, com o discurso de que a mais antiga funciona melhor. O produtor local J. C. S. também relaciona a importância do saber do doceiro para o desenvolvimento de todo o processo.

Doceiro. É o saber [...], tem todo o saber. [...] uma máquina a pessoa pega uma ergonomia com ela também, a máquina conhece a gente e eu [...], agora vamos largar mão da máquina agora, vamos na parte da [...], da confecção do doce, o camarada ele pega ali um costume, um contato, uma prática, vamos

⁹⁵ Entrevista realizada com J. C. S., no dia 07 de novembro de 2019.

⁹⁶ Entrevista realizada com S. T., no dia 01 de novembro de 2019.

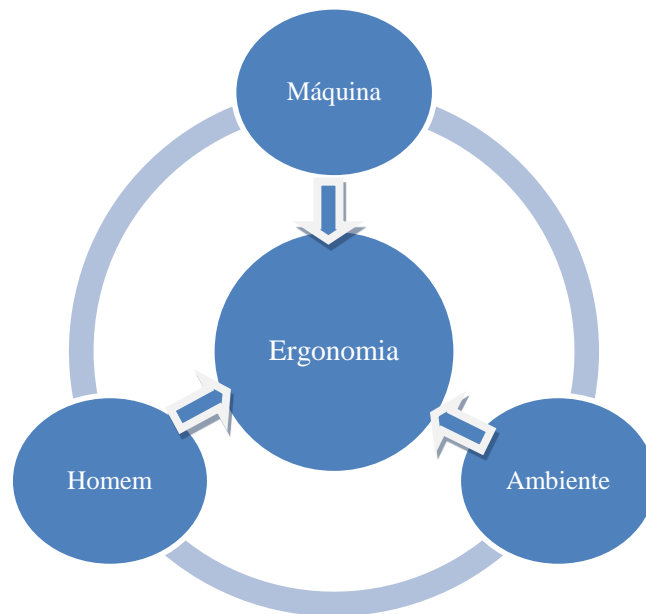
⁹⁷ Idem.

dizer assim que no jeito de tá fervendo ali ele vai ver a consistência, a hora que tá boa.⁹⁸

O relato acima nos trouxe à tona o conceito de “ergonomia”, relacionando o conhecimento adquirido por parte das profissões com os instrumentos de trabalho. O doceiro conhece o ponto certo para se fazer o doce, conhece a altura certa para regular o fogo do fogão e consegue, por meio desse conhecimento, compreender quando algo não está saindo como o procedimento correto.

Ergonomia, segundo Iida (2005, p. 2) consiste na seguinte definição: “O objeto de estudo é a interação entre o homem e o trabalho no sistema homem-máquina-ambiente, ou mais precisamente, as interfaces desse sistema, onde ocorrem trocas de informações e energias entre o homem, máquina e ambiente, resultando na realização do trabalho”.

Imagem 19: Sistema de relações “Homem-Máquina-Ambiente”



Fonte: Autores, 2020.

A Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO, 2003 p. 3) adota a seguinte definição: “Entende-se por Ergonomia o estudo das interações das pessoas com a tecnologia, a organização e o ambiente, objetivando intervenções e projetos que visem melhorar, de forma integrada e não-dissociada, a segurança, o conforto, o bem-estar e a eficácia das atividades humanas.”

⁹⁸ Entrevista realizada com J. C. S., no dia 07 de novembro de 2019.

Essa relação entre homem e máquina é pautada de sentido que influencia diretamente as questões do trabalho. O ambiente, que completa esse sistema, resguarda as intencionalidades por de trás das relações humanas, como questões políticas, socioculturais e econômicas. Dul e Weerdmeest (2004, p. 2), nos demonstram o conceito de ergonomia em sua formação interdisciplinar:

A ergonomia difere de outras áreas do conhecimento pelo seu caráter interdisciplinar e pela sua natureza aplicada. O caráter interdisciplinar significa que a ergonomia se apoia em diversas áreas do conhecimento humano. Já o caráter aplicado configura-se na adaptação do posto de trabalho e do ambiente às características e necessidades do trabalhador.

As relações entre homem-máquina-ambiente são pautadas por meio da perspectiva interdisciplinar. O “homem”, nesta relação, é composto de interesses diversos, desde questões familiares até questões econômicas. Como nos disse A. P. C.: “[...] e muitas vezes a gente erra também [...].”⁹⁹ Problemas pessoais influenciam diretamente na qualidade do trabalho e devem ser levados em conta ao analisarmos um processo produtivo.

A “máquina”, neste esquema de relações, também pode sofrer influências externas, como falta de verificação de sua situação, ou a influência relacionada ao “ambiente” onde ela se encontra. Se o “ambiente” não for o adequado para a realização de uma atividade produtiva, muito quente ou muito frio para aquele processo, isso pode atrapalhar a produção final. Outro aspecto que devemos levar em consideração são as questões políticas, as alianças e acordos feitos com entidades locais.

Iida (2005, p. 03) ressalta que os “ergonomistas analisam o trabalho de forma global, incluindo os aspectos físicos, cognitivos, sociais, organizacionais, ambientais e outros”. Tanto aspectos organizacionais da empresa, como pagamentos de funcionários e despesas mensais, compra de matéria-prima, manutenção de equipamentos, como também aspectos físicos da localidade que necessitem, porventura, de alguma transformação. Aspectos pessoais dos funcionários também devem ser levados em conta quando compreendemos o processo de produção a partir da perspectiva dos ergonomistas.

Portanto, podemos compreender que “a ergonomia estuda tanto as condições prévias quanto as consequências do trabalho e como o homem interage com a máquina e o ambiente durante a realização do trabalho, e conseqüentemente, poderá intervir da melhor maneira possível nos fatores organizacionais.” (FREITAS; MINETTE, 2014, p. 3)

⁹⁹ Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

Podemos dividir as máquinas que compõem o processo de produção em duas vertentes, as “máquinas tradicionais” e as “novas máquinas”, e ambos os movimentos são considerados controversias, pois não existe um padrão em relação ao maquinário. Por meio das entrevistas, foi relatado que os doceiros são resistentes ao trabalho com novas máquinas, justificando que o doce não fica da maneira que deveria. Mesmo com a resistência por conta do doceiro, as fábricas de doce estão investindo em novos instrumentos devido ao aumento da demanda.

Observe, a seguir, modelos dessas “novas máquinas” que são utilizadas devido ao aumento da produção:

Imagem 20: Torrador – Fábrica AZ. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰⁰

O torrador faz parte do maquinário pertencente à fábrica da barraca AZ de pé de moleque. Durante nossa entrevista, J. C. S. nos disse que a fábrica foi transformando aos poucos. Inicialmente, era utilizado um torrador manual, posteriormente, foi construído um

¹⁰⁰ Fotografia de 07 de novembro de 2019.

torrador com capacidade de 150 quilos de amendoim e este da imagem 21, tem a capacidade de torrar 300 quilos de uma só vez.

Essa transformação mecânica foi necessária devido ao crescimento da produção por meio de um aumento de divulgação da cultura local. Observe, a seguir, mais uma imagem que relata uma inovação no processo:

Imagem 21: Máquina de embalar – Fábrica AZ. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰¹

Mais uma máquina pertencente à fábrica da barraca A.Z de pé de moleque. Principalmente, depois da parceria com o SEBRAE no PAS, as fábricas tiveram que se preocupar cada vez mais com a higiene e o tratamento com o artefato. A embalagem passou a ser essencial na comercialização do produto. A imagem acima nos mostra um maquinário que agilizou e mecanizou o processo de embalagem, também devido ao aumento da demanda.

As “máquinas tradicionais” que são utilizadas até os dias atuais são: torrador, fogão, limpador e o moedor. Chamamos esses atores não humanos de “tradicionais”, pois eles foram os primeiros instrumentos utilizados para produzir o pé de moleque para comercialização. A questão do fogão é uma contradição também. Inicialmente, era utilizado o fogão de lenha, mas o fogão industrial começou a se popularizar entre os produtores.

Observe o molde do fogão utilizado nas fábricas:

¹⁰¹ Fotografia de 07 de novembro de 2019.

Imagem 22: Fogão industrial – Fábrica V. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰²

A imagem 23 representa um fogão industrial presente na fábrica da barraca V. de pé de moleque. Ao observar a imagem, podemos compreender que grande parte do processo de produção é realizado na própria bancada do fogão. Esse fogão tem uma haste móvel que protege o doceiro de possíveis queimaduras. O botijão de gás se encontra abaixo da boca do fogo e a panela é própria para altas temperaturas. O *layout* que o fogão possui faz com que a produção seja mais segura e veloz, pois os doceiros não precisam se locomover com a panela cheia de doces quentes para outra localidade.

Os fogões não são padronizados por todas as fábricas. Observe, a seguir, um modelo de fogão utilizado pela barraca A. de pé de moleque:

¹⁰² Fotografia de 01 de novembro de 2019.

Imagem 23: Fogão industrial – Fábrica A. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰³

Diferentemente do fogão representado na imagem 23, o fogão da imagem acima não é composto com as hastes móveis, dessa forma, o processo de produção não ocorre no mesmo local. Após o derretimento da rapadura e a adição do amendoim, a mistura é levada para uma bancada localizada no meio da cozinha, fazendo com que o processo de produção seja mais demorado, podendo conter problemas no trajeto, como uma queda da panela ou queimadura nas mãos.

¹⁰³ Fotografia de 24 de setembro de 2019.

Imagem 24: Processo de derretimento – Fábrica A. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰⁴

É importante observar os utensílios que são utilizados pela fábrica. A colher da imagem acima é de madeira, que segundo A. P. C., o SEBRAE não autorizava seu uso, por possíveis contaminações. O SEBRAE indicava o uso de utensílios de metal, o que foi um motivo de protesto por parte dos doceiros devido à temperatura que a colher vinha a ter.

Na fábrica da barraca A. de pé de moleque, o amendoim é torrado em uma máquina “tradicional”, desenvolvida logo no início das atividades da fábrica em meados dos anos 1960. Observe, a seguir, como é este maquinário:

¹⁰⁴ Fotografia de 24 de setembro de 2019.

Imagem 25: Torrador – Fábrica A. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰⁵

O cilindro foi feito para que o amendoim seja torrado por inteiro, então ele fica constantemente girando durante o período de torrefação e logo abaixo se encontra uma mangueira de gás. Na saída, dentro de um barril se encontra o amendoim já torrado, porém ainda com casca. Importante observar as rodas de bicicleta que foram anexadas ao maquinário. Segundo S. T. as máquinas foram desenvolvidas por um “engenheiro de vocação”, conhecido por “Professor Pardal”, ele se chamava Juraci e já faleceu. Segundo S. T. “[...] o torrador era com roda de bicicleta, ele girava com roda de bicicleta. [...] ele inventou o tal do despeliculador, que é o que limpa amendoim.”¹⁰⁶

O saber presente na engenharia, mesmo trazendo inovações que facilitem a produção, não consegue deixar antiquado os maquinários “tradicionais”.

Observe, a seguir, o despeliculador inventado por Juraci:

¹⁰⁵ Fotografia de 24 de setembro de 2019.

¹⁰⁶ Entrevista realizada com S. T., no dia 01 de novembro de 2019.

Imagem 26: Despeliculador, ou máquina de limpar – Fábrica A. de pé de moleque



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰⁷

As fábricas mais antigas do ramo de pé de moleque em Piranguinho são: Barraca V. de pé de moleque e a barraca A. de pé de moleque. Por esse motivo, os maquinários de ambas as empresas são semelhantes e foram desenvolvidas pelo mesmo inventor. O despeliculador é responsável por limpar o amendoim já torrado. No interior na máquina se encontra uma espécie de garras que ficam girando a todo o tempo. Por meio dessa ação, o amendoim começa a perder suas cascas, que caem logo abaixo da máquina. Ao ser questionada sobre os fins que a casca tem, A. P. C. nos disse que ela é usada como ração para porcos

Observe a imagem representando o antes e o depois do amendoim, após ter sofrido o processo da máquina despeliculador:

¹⁰⁷ Fotografia de 24 de setembro de 2019.

Imagem 27: Antes e depois do amendoim – Despeliculador



Fonte: Lucas Inácio Rodrigues.¹⁰⁸

Várias podem ser as possibilidades de usos da casca do amendoim. Poderia ser utilizado como forma de artefato para o artesanato local ou até mesmo para alimentar os animais, como no caso da ração para porcos.

As redes que são formadas a partir das relações e das controvérsias presentes no processo cultural estão em análise e construção. As entrevistas e as fotografias feitas estão sofrendo releituras e reflexões para a construção das redes. A questão do surgimento e fortalecimento da festa do pé de moleque juntamente com a patrimonialização do saber/fazer o doce, a questão da educação e a identidade local, propostas para o desenvolvimento da agricultura familiar e de práticas associativistas entre as pequenas manufaturas terão enfoque nas próximas análises.

¹⁰⁸ Fotografia de 24 de setembro de 2019.

4. 4. ARTEFATO E PATRIMÔNIO: “A FESTA DO MAIOR PÉ DE MOLEQUE DO MUNDO”

O título de “maior pé de moleque do mundo”, é parte do processo de construção da identidade do município de Piranguinho. Adota-se essa titulação de *marketing*, neste subitem, com a finalidade de explicitar como os elementos culturais são potentes em distintos processo de desenvolvimento local, visto que a prática cultural da confecção e venda do doce pé de moleque se deu a partir de várias transformações históricas, econômicas e culturais. Em meados de 2009, o saber foi oficializado como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Minas Gerais, sob a lei nº 18.057. Antes deste fato ocorrer, os produtores e os gestores públicos municipais já iniciaram uma forma de alavancar a identidade local relacionada ao doce.

As festividades são formas de sociabilidade, de divulgação cultural e atrativo socioeconômico durante sua execução. Segundo Del Priore (2000, p. 10):

[...] a festa é fato político, religioso e simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante suas realizações; eles têm simultaneamente função social: permitem as crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários.

Essas festividades não são simplesmente momentos aleatórios, mas um escape da rotina cotidiana, pelas quais pode-se perceber formas de resistências dos sujeitos, associada ao consumo de bebidas alcoólicas e com as danças. Bakhtin (2002, p. 7) diz que: “As festividades (qualquer que seja o tipo) são formas primordiais marcantes da civilização humana.”

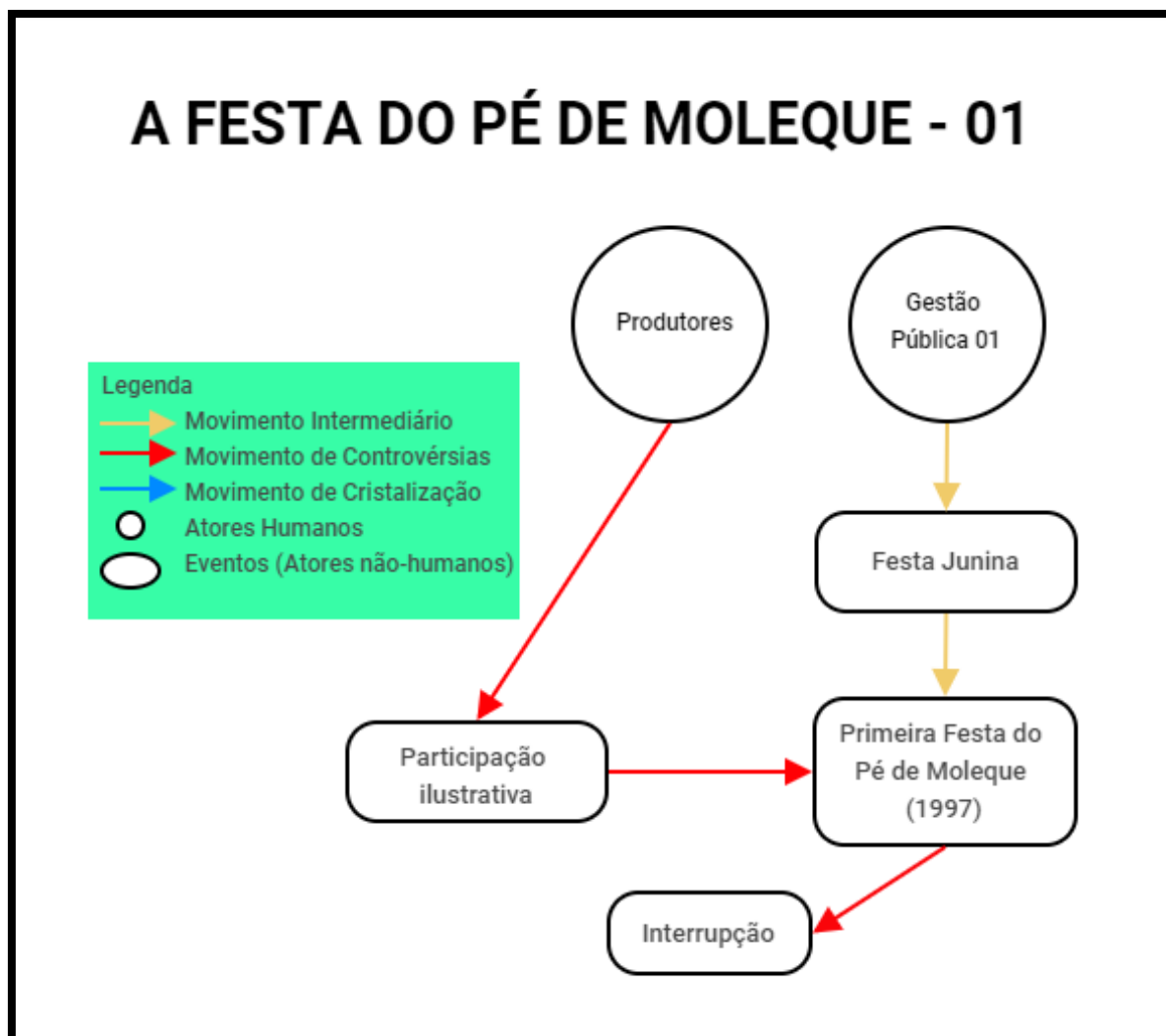
Sobre as festividades que ocorrem na região sul de Minas Gerais, Lucena (2005, p. 135) diz que:

O banquete servido na festa sul-mineira reforça laços de sociabilidade entre vizinhos, amigos, moradores, ex-moradores, visitantes e congadeiros; o acento da festa é colocado na preparação dos pratos que é servido, no comer coletivo, na visibilidade de cozinheiro, doceiras e de festeiros organizadores.

Nas palavras de Lucena, a sociabilidade é empregada nesses festejos com forte relação entre a festividade e a alimentação, como é possível compreender na festa do pé de moleque desenvolvida em Piranguinho.

Para melhor compreensão das relações e controvérsias presentes na organização estrutural da festa, iremos analisar o seguinte movimento de relações:

Imagem 28: A Festa do Pé de Moleque e seu início histórico



Fonte: Software Prezi Classic.

Pode-se observar, na imagem acima, as relações iniciais sobre a festividade voltada à prática cultural do doce pé de moleque. O Ator Humano “Gestão Pública 01” remete aos representantes municipais de 1997-2000 que foram os primeiros a buscar uma forma de representação da prática cultural como forma de uma festividade. Mesmo tendo essa iniciativa, a gestão em questão não progrediu com a ideia.

Segundo A. M. R.:

[...] já tinha tido a experiência anterior, [...] eu tava em 2005, mas no final da década de 90, o prefeito Carlos Motta tinha feito uma iniciativa de fazer uma festa do pé de moleque, mas que permaneceu só naquela iniciativa, não deu sequência enquanto atividade assim que marcasse, é uma coisa, vamos dizer,

mais orgânica, periódica, então só teve um evento e ficou aquilo, morreu no passado.¹⁰⁹

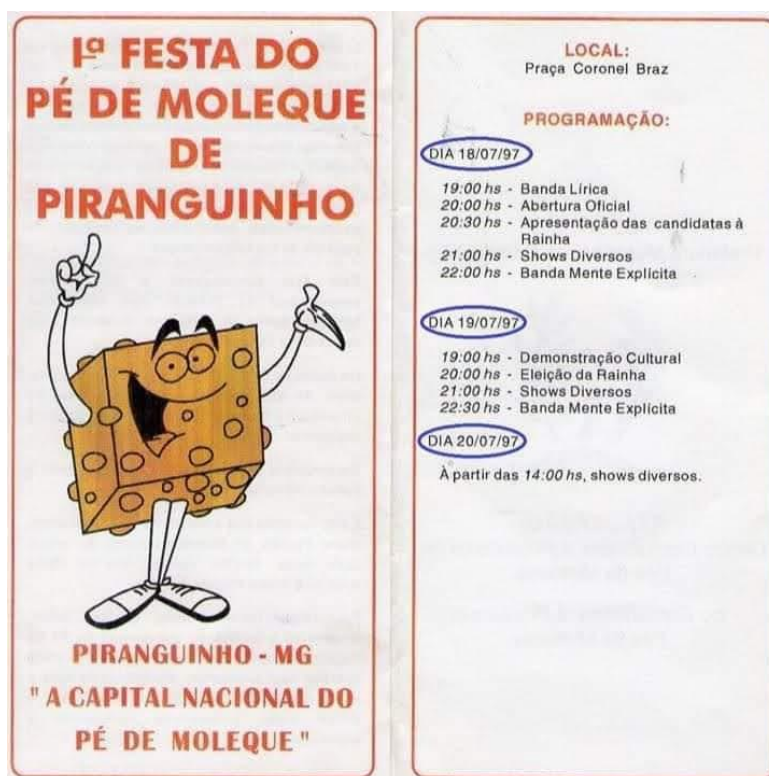
A falta de sequência do evento pode ser compreendida por conta da falta de interatividade com os produtores locais, os mesmos participaram de maneira ilustrativa nesta primeira festividade. A. C. S. G. C nos explica que:

[...] a festa do pé de moleque, ela começa lá em 97, numa maneira diferente, onde naquela época não se produzia o pé de moleque, apenas os produtores trazia o seu pé de moleque, tinha a barraca identificando suas cores, tinha a comercialização do pé de moleque aqui na praça [...].¹¹⁰

A maneira como foi organizada esta primeira festividade se deu como uma feira de produtos, sem nenhuma participação dos produtores na organização do evento. O evento foi constituído por parte do poder público como uma forma de atrativo da festa junina, popular e tradicional festividade brasileira.

Observe, a seguir, o folder com a programa desta primeira festividade:

Imagem 29: Atrações da 1ª Festa do Pé de moleque



Fonte: Prefeitura Municipal de Piranguinho. 1997.

¹⁰⁹ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

¹¹⁰ Entrevista realizada com A. C. S. G. C. no dia 25 de outubro de 2019.

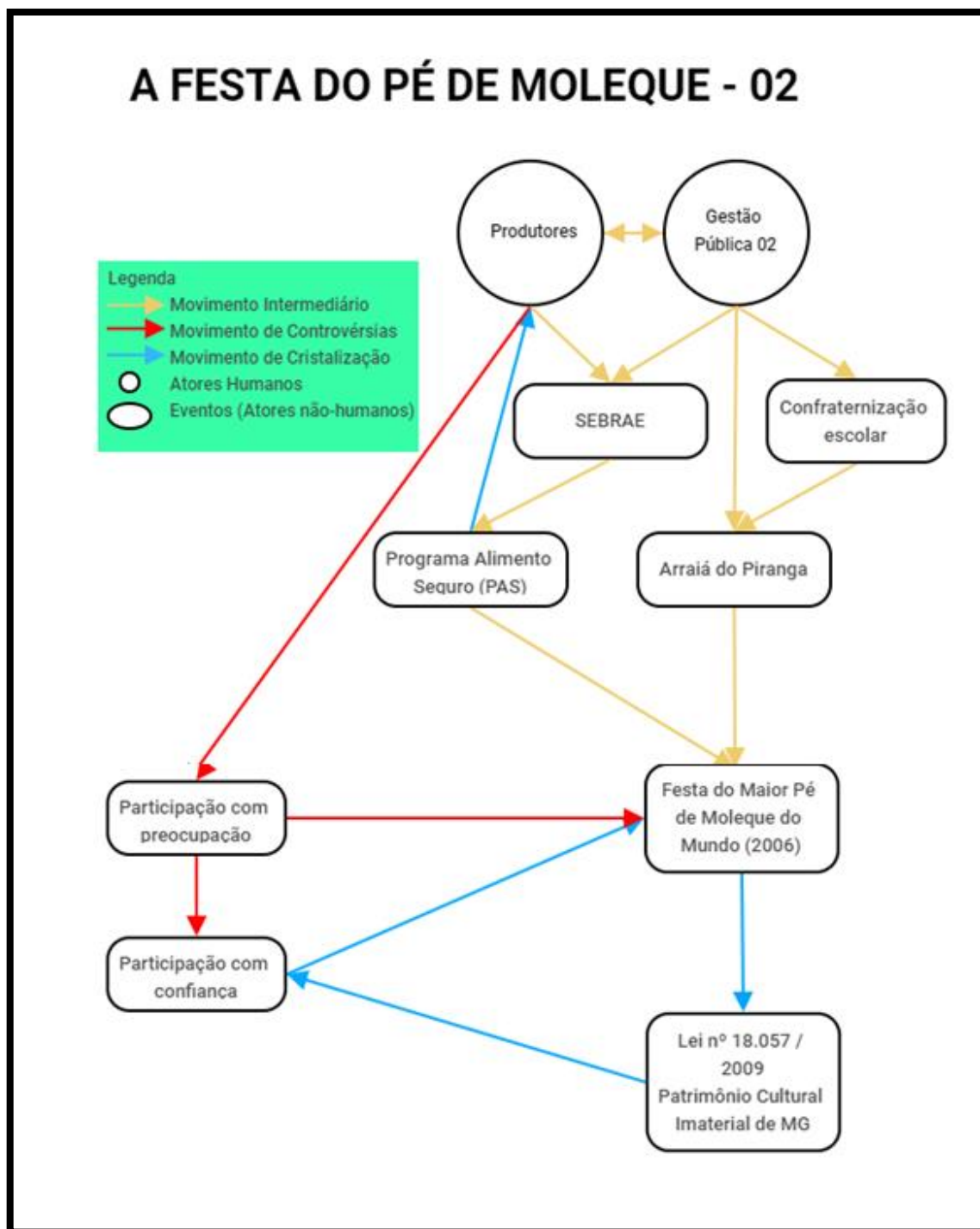
É fundamental observar no folder acima a citação característica do município até hoje em dia, “A capital nacional do pé de moleque”. Mesmo não tendo uma continuidade, esta festa organizada pela gestão do ex-prefeito Carlos Motta foi bastante importante por conta do contexto em que ela surgiu, o que influenciou as outras gestões a darem o prosseguimento.

Por conta disso, a relação “Gestão Pública 01”, “Festa Junina” e “Primeira Festa do Pé de Moleque (1997)”, é considerada um Movimento Intermediário, pois influenciou as relações de controvérsias e de cristalizações. As controvérsias relatadas são sobre a participação dos produtores que mesmo não tendo nenhuma influência nesta fase inicial *a posteriori* irá ser a principal beneficiada pela identidade local.

Outra controvérsia foi relatada ao não ter a continuidade da festa, o que se pode refletir inúmeros motivos, como falta de perspectiva econômica, problemas estruturais políticos ou de logística. Mesmo ocorrendo esta paralisação logo na primeira festa, o evento de 1997 foi o pontapé inicial para os outros que o seguiram.

Para a reflexão subsequente, a paralisação ocorrida nas festividades, foi organizado o seguinte movimento de relações:

Imagem 30: A Festa do pé de moleque, organização e manutenção



A festividade não deu prosseguimento, sendo limitadas as apresentações culturais das festas juninas como forma de interação entre a comunidade das escolas municipais. Apenas no ano de 2006, inicia o que hoje se conhece como “A Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo”, mas antes de refletirmos sua organização enquanto evento social, é necessário a compreensão das relações políticas que influenciaram em sua construção.

A partir dos anos 2000, a gestão pública municipal passa a observar a produção do doce com nova perspectiva. Até então, o doce era limitado à produção familiar e o município não buscava uma forma de relacionar o doce com a identidade local. Isso começou a mudar quando ocorreu uma parceria entre os produtores, o poder público e o SEBRAE, por meio do Programa Alimento Seguro (PAS). “[...] a gente começou com um projeto que chamava, projeto alimento, [...] Programa Alimento Seguro, que também era um programa do SEBRAE, o PAS né? Programa Alimento Seguro, o projeto geral nós chamamos de programa alimentos e turismo [...].”¹¹¹

Segundo o depoimento de A. P. C., produtora local: “[...] quando nós tivemos o SEBRAE, que foi assim, uma revolução muito grande pra nós aqui em 2000 [...] nós ficamos com medo do SEBRAE. Pra nós o SEBRAE parecia uma onça, sabe? Nós não queria ver a cara do SEBRAE de jeito nenhum, e o pessoal ficou apavorado com o SEBRAE [...].”¹¹² Esse sentimento demonstrado por ela foi explicado por conta do receio que a mudança ocasiona nas pessoas, ainda mais se essa mudança pode acarretar um possível problema financeiro.

“[...] o SEBRAE também colocou uma consultora trabalhando com cultura [...] com o alimento seguro, Programa Alimento Seguro. Daí esse projeto foi desenvolvido, prefeitura, o setor de turismo da prefeitura, o setor de vigilância sanitária da prefeitura e o SEBRAE.”¹¹³ Isso ocorreu juntamente com a participação dos produtores que eram auxiliados pelos profissionais do SEBRAE.

“[...] o SEBRAE vinha ‘gente não vamos fazer nada, não vamos tirar foto, não vamos fazer isso, fazer aquilo’, porque era tudo feio né? (RISOS).”¹¹⁴ A questão não era simplesmente a beleza do local onde era produzido o doce, mas sim um receio por conta do processo como um todo, pois as consultorias que foram feitas pelo SEBRAE auxiliaram na segurança alimentar de todo o processo.

Isso, como fazer higienização, com isso, com aquilo, [...] é meio complicado você levar ao pé da letra, quando você tem que fazer muito, a gente leva dentro daqui que [...] claro que tomando todos os cuidados. [...] Então trabalhou muito com a gente sobre isso sabe? Foi muito bom isso porque ela trouxe pra nós a visão do cuidado, e [...] pra que o cliente não corra risco, né? Então foi muito interessante, mas (RISOS) Nossa Senhora [...] quando a Larissa chegava queria morrer [...].¹¹⁵

¹¹¹ Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

¹¹² Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

¹¹³ Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

¹¹⁴ Entrevista realizada com A. P. C., no dia 24 de setembro de 2019.

¹¹⁵ Idem.

Larissa era a principal consultora do SEBRAE no trabalho com o PAS, ela orientava os empreendedores nas questões da segurança do trabalho e na segurança alimentar no processo. O receio que ela ocasionava aos produtores era devido à falta de higienização que as microempresas tinham, mas que com o passar do tempo, foram melhorando e se preocupando mais com essas questões.

No depoimento de outra produtora local, S. T. nos diz que o trabalho com o SEBRAE foi:

Então, foi bacana porque muitas empresas elas não seguiam aquele padrão de uma fábrica, como deve ser feita, com tela nas janelas, enfim, com toda infraestrutura que uma fábrica necessita. E isso foi muito bom porque o SEBRAE, muitas [...] muitas empresas não eram ainda, não tinham o CNPJ [...] e com isso acabou que foi legalizando, acho até que ficou uns dois anos aqui em Piranguinho e foi assim bem bacana.¹¹⁶

Além das mudanças que ocorreram no processo de produção, para se ter uma maior segurança alimentar, também teve a interferência legal nas microempresas. A questão da legalização foi tomada pela consultoria e auxiliou os empreendedores locais.

C. M. C., secretário de cultura durante o período de trabalho com o PAS, indicou que foram realizadas várias oficinas para consultoria:

Então algumas coisas foram modificadas, alteradas e o fluxo também de produção dentro da fábrica foi feito também né? Pra que os alimentos não fossem contaminados, então teve todo um processo, é [...] teve uma [...] aí depois teve uma consultoria de marketing, né? Que o consultor, ele veio e identificou dentro da [...] nos pontos de venda, tanto no ponto de venda quanto na fabricação né? Daí teve uma consultoria de embalagem, de disposição de vitrine, de vitrinagem, da disposição da loja.¹¹⁷

Essas alterações foram importantes para os empreendedores, pois ampliou a visibilidade que o produto adquiria. As barracas cresceram fisicamente e também em relação a sua propaganda pessoal. “Então foi expandindo bastante essa visibilidade da cidade, e com as festas também a gente dava uma visibilidade bem grande, porque começou a ter as emissoras de televisão, [...].”¹¹⁸

A festa que o município realiza anualmente teve seu início em 2006, porém as suas raízes são anteriores. As escolas municipais realizavam separadamente uma confraternização para as famílias dos seus estudantes. No mês de junho, as festas juninas reuniam muitas pessoas. Em 2005, o Poder Público Municipal organizou o evento denominado “Arraiá do Piranga” que

¹¹⁶ Entrevista realizada com S. T., no dia 01 de novembro de 2019.

¹¹⁷ Entrevista realizada com C. M. C. no dia 1 de outubro de 2019.

¹¹⁸ Idem.

“era uma festa junina, não tinha pé de moleque não [...]. E foi muito interessante porque o pessoal participou com vontade, deu um movimento legal na praça [...]. Era uma noite só, não tinha pretensão de ser mais do que isso [...]”¹¹⁹

Segundo A. M. R., prefeito municipal na época do início da Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo: “[...] com aquela atividade cultural que fizemos, do ‘Arriá da Piranga’,” por conta do sucesso que foi este evento começaram a se pensar “[...] ‘a porque que não refaz de novo a festa do pé de moleque?’”¹²⁰, aí eu lembro que comentei com alguém, “mais uma festa não tem sentido e o pé de moleque tem tudo a ver com festa junina, porque que a gente não junta então?”

A unificação da confraternização escolar da festa junina com a festa do pé de moleque que ocorreu em 1997, fez surgir o que hoje recebe o nome de “Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo”. Inicialmente, ela teve resistência por parte dos produtores, pois: “[...] a gente sentia, não assim explícita, mas é uma dificuldade, os próprios produtores de pé de moleque aí incorporaram uma ação dessas por causa da primeira experiência [...]”¹²¹ Essa preocupação inicial, por parte dos produtores em participar da organização da festividade, se deu por conta da primeira experiência que não teve prosseguimento.

A diferença é que essa nova fase da gestão pública planejou a festividade incluindo os produtores em todo processo organizativo. “[...] então fizemos uma reunião no clube ali, né? Antes era o clube, no espaço lá, com o conjunto de produtores, que na época eram 11 né?”¹²² A partir dessas reuniões foi organizada a Primeira Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo.

A Festa do Maior Pé de Moleque do Mundo surgiu do desejo de resgatar os festejos juninos e da grande fama do doce. Numa parceria do poder público e privado, a primeira festa em 2006, reuniu 11 produtores para fazerem o doce em praça pública o qual ficou com 11 metros de comprimento.¹²³

A organização desta festa teve a ideia de fazer um doce em tamanho maior e que esse doce fosse feito durante a festividade, ao vivo na praça municipal. Essa ideia foi colocada em prática em partes. Cada produtor levou um metro de doce pronto de sua fábrica e somente 1 produtor ficou responsável por fazer o doce ao vivo, para selar os tachos em um só. J. C. S., produtor local, relata que foi o responsável por fazer o doce ao vivo na primeira edição da festa.

¹¹⁹ Entrevista realizada com A. M. R. no dia 11 de outubro de 2019.

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Idem.

¹²² Idem.

¹²³ Disponível em https://www.diagrarte.com.br/wp-content/uploads/2015/01/A-festa-do-maior-pe-de-moleque-do-mundo_naturale-13-ed.pdf, acesso em 18 de março de 2021.

“Aí eu cheguei lá os 10 doces, os 10 metros dos doces dos homens estava tudo lá, minha perna ó [...] e o povo ali ó, muita gente [...]”¹²⁴ A festa seguiu essa organização durante as 6 primeiras edições depois todos os produtores passaram a confeccionar o doce ao vivo na praça.

Com o progredir da festividade, com o retorno financeiro por parte dos donos das fábricas e um retorno por meio da identidade local, no ano de 2009 ocorreu o processo legal de registro do saber/fazer o doce pé de moleque como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Minas Gerais. Sob a lei nº 18.057/2009, todo o processo foi registrado enquanto um bem simbólico. Depois do registro, anualmente, o poder público deve transcorrer um plano de salvaguarda e a festa é um dos tópicos desse plano.

4. 5. TRABALHOS FUTUROS

O desenvolvimento deste trabalho provocou inúmeras possibilidades de trabalhos futuros. Ao analisarmos a questão do desenvolvimento local e os impactos da cultura para alavancar essa perspectiva, outros vieses podem ser tomados, para novas interpretações.

Uma das perspectivas que merecem olhares mais aprofundados consiste na influência do turismo cultural sobre o desenvolvimento local, na qual novas formas de organizações, tanto públicas quanto privadas, se estruturam para aprimorar esta atividade. O turismo de base local pode contribuir para uma maior valorização dos saberes/fazeres alimentares, dos artesanatos e das produções orgânicas, além de valorizar o meio ambiente, provocando o que chamamos de desenvolvimento sustentável.

Outra perspectiva que pode ser aprimorada é a questão do imaginário social e sua importância no desenvolvimento de uma localidade de pequeno porte populacional. Ao analisarmos a influência de um artefato, ou saber, que define a identidade de um povo, pode-se compreender as transformações que podem ocorrer na vida cotidiana e também as mudanças específicas em “datas-símbolos”, como é o caso da Festa do Maior Pé de moleque do Mundo, em Piranguinho.

A questão da influência das vias de transportes para o desenvolvimento é uma temática repleta de sentido prático, que ao transitar pela história faz-se compreender sua importância, do rio onde era retirada a subsistência alimentar e comercial à ferrovia, onde o trânsito de pessoas passou a ser um pouco mais intenso, até chegar na atual rodovia, importante pela constante

¹²⁴ Entrevista realizada com J. C. S., no dia 07 de novembro de 2019.

movimentação de automóveis e de pessoas, as vias de transporte têm um impacto direto no desenvolvimento local.

As tecnologias empregadas para a produção consistem da geração de saberes e de transformações devido à exigência gerada pelo aumento de produção. O trabalho, deste ponto de vista, é fundamental para se entender os impactos da memória e do patrimônio no âmbito socioeconômico. Enfim, novos campos de trabalho se formam e merecem atenção, pois um retorno social é interessante, ao tocar no assunto sobre a influência da cultura nos processos de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi construída a partir da colaboração de inúmeros atores sociais. As discussões sobre a perspectiva do desenvolvimento e cultura foram aprimoradas no grupo de estudos NEID, o que colaborou para a sua estruturação. Portanto, por se tratar de um trabalho de cunho interdisciplinar, foram necessárias várias “mãos” para seu desenvolvimento.

A assimilação dos conceitos e a relação entre teoria e prática foram acontecendo no decorrer do processo da dissertação. As leituras teóricas que vieram da graduação auxiliaram como fontes iniciais, mas com o passar das disciplinas, novas lacunas foram sendo formadas e outras foram sendo preenchidas. Textos sobre patrimônios, história, memória e cultura, foram ganhando nova roupagem, pois, naquele momento, eram necessários novos olhares para que a interdisciplinaridade fosse colocada em prática.

Talvez alguns pesquisadores possam acreditar que se fazer uma pesquisa de cunho interdisciplinar seja algo fácil, porém quando colocado em prática, é perceptível o seu grau de dificuldade. Pensar fora da caixa que a disciplina nos limita só é possível com muita persistência. Assim, as orientações periódicas são fundamentais para melhorar essa limitação.

A formação em história auxiliou bastante em relação a contextualizações, porém foi um entrave ao pensar a cultura como uma fonte de renda e o processo de produção por meio dos artefatos presentes, sejam eles humanos ou não.

Em sua parte inicial, o tema sobre desenvolvimento e cultura que foi trabalhado na construção deste trabalho, advém de antes do início no Programa de Mestrado. Na graduação, já começou o interesse pelo assunto em diálogo com a história. Citar a graduação é fundamental para esta reflexão final, pois foi neste processo de formação acadêmica, que ocorreram as primeiras dúvidas e questionamentos que se desenvolveram até aqui.

Como base nos aspectos culturais relacionados ao doce pé de moleque, a pergunta que norteou esta pesquisa foi a seguinte: “As relações entre desenvolvimento, cultura e território, a partir dos processos de produção do doce pé de moleque no município de Piranguinho, influenciam no processo de desenvolvimento local?”

Essa pergunta se desenvolveu durante todo o processo de levantamento e análise de fontes, pois foram necessárias correlacionar teoria e método, pois a dialética nos faz perceber as relações existentes e as controvérsias presentes. Por meio disso, a pesquisa se direcionou com o intuito de compreensão e reflexão sobre o local e todas as formas de desenvolvimento que são transmitidas no território, seja por meio do setor público ou do setor privado.

Em suma, pode-se dizer que o município de Piranguinho recebe influências diretas das práticas culturais voltadas ao doce pé de moleque, tanto na mentalidade dos moradores, quanto na visão do público de fora. Toda essa formação do imaginário se dá por conta do processo de consolidação cultural, pelo qual a prática ganha o apoio da história e da memória local.

A prática centenária da produção e venda do doce pé de moleque, em Piranguinho, só ganhou notoriedade por meio de trabalhos voltados a essa memória, refletida como influenciadora na construção da identidade do município. O imaginário traz o doce pé de moleque como principal fonte de enriquecimento, fato esse que podemos observar a partir da discussão das controvérsias, pois os beneficiados economicamente com este comércio são apenas algumas famílias isoladas, porém, a prática, mesmo indiretamente, beneficia outras áreas comerciais no tocante econômico.

Quando falamos em desenvolvimento, levamos em conta a perspectiva do sustentável a partir do aporte teórico de Ignacy Sachs, que preza pelo todo, não somente pela perspectiva econômica. Por meio dessas discussões, foram desenvolvidas as análises dos dados levantados, nas quais a cultura foi colocada como um fator determinantes na busca por um desenvolvimento pleno.

A cultura não é meramente um instrumento de entretenimento e diversão, mas também é um instrumento utilizado para propagar a memória local e valorizar a história de um povo. O desenvolvimento atrelado à cultura gera o que chamamos de economia da cultura, que são os usos das práticas culturais como fonte de renda econômica e para empreendimentos locais.

Práticas culturais que se consolidam na mentalidade e na prática social se transformam em fatores que, se bem utilizados, contribuem de maneira positiva na organização local. O doce pé de moleque, com o passar do tempo, trouxe novas formas de socialização, como exemplo a própria “Festa do maior Pé de Moleque do mundo”.

Ao citarmos a festividade, devemos compreender as controvérsias presentes em sua formação, pois ela parte da premissa da “aliança” entre o poder público e o privado. Microempresas se beneficiam financeiramente da identidade construída e propagada pelo município, em contrapartida o município recebe investimentos por meio da prática exercida pelas microempresas.

Essa “aliança” entre o público e o privado é um fator importante para se conseguir um desenvolvimento sustentável, na qual os aspectos financeiros não sejam o foco mais importante, mas sim uma consequência de tópicos desenvolvidos. Ao analisarmos essa “aliança” percebemos que essa relação não ocorre de maneira equilibrada, mas tensões são exercidas entre as duas partes. Algumas microempresas não adquirem vínculo com as ações do poder

público, exercendo sua função de forma individual com o objetivo econômico pessoal. Outras dessas microempresas se alinham às ações públicas e ganham maior visibilidade ao pensarmos na divulgação e organização da festa em si.

Como forma de divulgação, no período anterior à festividade, o município se prepara estruturalmente para o evento, com isso a divulgação se intensifica. Programas de televisão, reportagens em sites e em jornais escritos, são alguns dos veículos de comunicação em que o nome de “Piranguinho” começa a aparecer mais vezes. Por meio desta divulgação do evento, as microempresas parceiras do poder público local detêm de uma maior visibilidade, fazendo alavancar a sua própria economia.

Atualmente, com as redes de comunicação social, novos meios de divulgação são implementados aos meios tradicionais: o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter* e o *Youtube* são cada vez mais utilizados de maneira financeira. Essas novas ferramentas transmitem instantaneamente vídeos ou fotografias, fazendo com que a rede cresça e se propague. A questão do desenvolvimento e cultura atrelados com a divulgação cultural por meio das novas redes de comunicação social é um enfoque para futuras pesquisas, pois influencia diretamente no processo de construção da identidade local e no auxílio do crescimento econômico.

A festa do pé de moleque se desenvolve e “lives” de partes da festividade são transmitidas ao vivo nas redes oficiais da prefeitura municipal e das microempresas, fazendo com que aumente o campo de afetação aonde a prática consegue chegar. Essas tecnologias devem ser pensadas de uma maneira que o conceito de desenvolvimento conquistado por meio delas, seja um desenvolvimento endógeno, não apenas um evento visual para poucos envolvidos.

Outro ponto importante para refletirmos é a questão das vias de transportes e o impacto no desenvolvimento local. Ao analisarmos a história veremos que desde o rio, passando pela ferrovia, até chegar à rodovia, essas vias são fundamentais para a organização dos centros urbanos e também dos meios rurais.

O rio Sapucaí é o principal da região e durante a história já foi utilizado como via de troca de mercadorias, com os barcos mascates, como fonte de alimentação e de sustento econômico, principalmente para os pescadores locais, e atualmente é bastante usado como draga de areia, que visivelmente pode-se perceber um uso exagerado em relação a capacidade natural do rio. Muitas dragas extraem areia em um espaço geográfico muito próximo uma das outras, o que pode gerar problemas naturais ao se tratar de períodos de seca, onde os pescadores ficam praticamente sem fonte de renda.

A ferrovia atualmente não existe mais, mas ficaram marcadas alguns pontos onde a história e a memória não deixaram apagar. A estação ferroviária do Piranguinho, onde eram vendidos os primeiros doces de pés de moleque feitos do localidade, ainda está com sua base arquitetônica em pé, porém está completamente desconfigurada em relação a sua arquitetura original. O monumento histórico “Marco Zero”, onde está localizado na região onde foi construído um engenho de serra, para fazer os dormentes da linha férrea. A estação ferroviária de Olegário Maciel onde se encontra com a sua estrutura arquitetônica bastante conservada.

A Rodovia é sem dúvida a principal fonte de trânsito no Brasil. Piranguinho tem seu território, quase que em sua totalidade, transpassado pela BR-459. Esse fato contribuiu para o desenvolvimento das práticas comerciais, não somente as voltadas ao doce pé de moleque. O comércio lojista, mercados e outros tipos de estabelecimentos comerciais se formaram nas regiões a margem da rodovia, devido a facilidade de acesso. Uma pesquisa de cunho econômico poderá ser feita mais futuramente, demonstrando as influências das vias de transporte no desenvolvimento local e na divulgação de atividades culturais e sociais.

Em suma, as redes de relações construídas durante esta pesquisa nos fizeram refletir os aspectos que impactam diretamente em todo processo de formação cultural. Atores humanos e não humanos influenciam na organização da rede gerando relações harmônicas, mas também controvérsias no tocante às questões políticas e sociais. Entender a existência das controvérsias nos faz observar com maior cautela as relações existentes. Para visualizar essas redes de relações e controvérsias utilizamos as cartografias de controvérsias, método utilizado para melhor organizar essas redes, demonstrando os movimentos de afetação entre as atitudes ocorridas.

Cabe ressaltar que inúmeras portas foram abertas durante as atividades formativas desencadeadas no PPG DTecS, o que não foi diferente quanto a pesquisa propriamente dita. Estas portas merecem, no futuro, um conjunto de outras e novas investigações que contribuam para as discussões do campo de interesse que envolvem cultura e desenvolvimento, tais como: (a) gestão de produção e comércio de bens cadeia cultura; (b) segurança alimentar e agricultura familiar; (c) turismo criativo; (d) desenvolvimento sustentado a partir de políticas locais e regionais de geração de renda; (e) aprofundamentos das perspectivas de desenvolvimento que superem a hegemonia do crescimento econômico e do mercado e fortaleçam as propostas de “economia da cultura”.

Importante relatar que esta pesquisa foi desenvolvida em meio a uma das maiores crises sanitárias da história, pela qual a humanidade está sendo assolada pela pandemia da COVID-19, fato esse que dificultou o recolhimento de algumas fontes.

Por fim, acredita-se que os objetivos estipulados no início deste trabalho foram alcançados e que o questionamento que guiou o desenvolvimento da pesquisa, também foi respondida, por meio dos auxílios metodológicos e com a ampliação do campo teórico, na qual novas leituras foram absorvidas.

Espera-se que este trabalho possa servir de apoio para futuros trabalhos relacionados ao desenvolvimento e cultura, também em trabalhos que possam vir a utilizar a metodologia da Cartografia das Controvérsias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. *Para una teoria de los estúdios territoriales*. 2006. Disponível em: <http://www.econ.fea.usp.br/abramovay>.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. 3ª edição, São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____. *Narrativas na história oral* (Proposta de Simpósio Temático apresentada à Associação Nacional de História – ANPUH, com vistas à participação no XXII Simpósio Nacional de História, a se realizar em João Pessoa, PB, 27 jul-01 ago de 2003). Boletim Eletrônico da ABHO – Especial Nº 1, nov. 2002.

ALMEIDA, J. M.; RENÓ, Z. M.; *Estação do Piranguinho: as origens e outros olhares*. 1. ed. Itajubá - MG: Gráfica O Sul de Minas, 2008.

ALVES, Heberton Fabrício Inocêncio. *Turismo e desenvolvimento: a dimensão cultural na Serra da Mantiqueira (MG)*. Santa Maria: UFSM, 2005.

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. *Pouso Alegre (MG): expansão urbana e dinâmicas socioespaciais em uma cidade média*. Tese de doutorado (299 f.). Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2014.

_____; MARQUES NETO, R.; BACHA, R.M.C.; FERREIRA, E. R. *Do turismo das águas minerais ao turismo em áreas rurais: a microrregião de São Lourenço (MG)*. Geo UERJ (2007), v. 16, p. 57-78, 2014.

_____; FERREIRA, Enéas Rente. *Produção familiar, conservação ambiental e turismo no espaço rural da microrregião de Itajubá, Minas Gerais*. Campo e território: revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 8, nº 16, p. 315 – 341, agosto, 2013.

ARANTES, Paulo Tadeu. *Competitividade, competição, complementaridade e cooperação entre cidades: o caso da rota 549*. Pós Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. 12:50. DOI:10.11606/issn.2317-2762.v12i0p50-69. P. 50-69, 2002.

ARRIGHI, Giovanni. *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, coleção Zero à Esquerda. 1997.

AUZIER, Katiuscia da Silva. *O artesanato de Novo Airão: sustentabilidade e identidade cultural na economia criativa*. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 2017.

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BANDEIRA, Pedro. *Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional*. Brasília, DF, IPEA, 1999.

BARBOSA, Jéssica Oliveira. *A representação dos fixos e fluxos no circuito superior e circuito inferior na economia brasileira*. Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos: A AGB e a geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos. Vitória/ES. 10 a 16 de agosto de 2014.

BARRETO, Margarita. *Planejamento e Organização em Turismo*. Campinas: Papirus, 1991.

BARROS, José D'Assunção. *A História Social: seus significados e seus caminhos*. LPH - Revista de História da UFOP. n° 15, 2005.

BERALDO, Ana Maria et al. *Sapucaí, o Caminho das Águas*. Pouso Alegre/MG. 1996.

BERNARDES, Elizabete Aparecida Bitencour. *Desenvolvimento local e sustentabilidade: o caso de Piranguinho – MG*. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Mestrado). Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). 2015.

BERNARDINO, Sharlene da silva. *A feira livre da cidade de Nova Cruz/RN: aspectos culturais e econômicos*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). 2015.

BOTELHO, I. *As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas*. São Paulo em perspectiva, São Paulo: Revista da Fundação SEADE, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *O poder simbólico*. Editora Bertrand Brasil. S. A. Rio de Janeiro. 1989.

BRANDÃO, Carlos. *Território e desenvolvimento – as múltiplas escalas entre o local e global*. Campinas: Unicamp, 2007.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 2010.

CANEDO, Daniele. *“Cultura é o que?” – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos*. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador.

CARVALHO, André Luiz Piva de; NÓBREGA, Zulmira Silva. *Um Caminho Possível: cultura como fator de desenvolvimento no alinhamento do turismo à economia da cultura*. In: *Cultura, Turismo e Desenvolvimento*. Campina Grande, PB, EDUEPB, 2012.

CARVALHO, Edgard de Assis. Cultura e Complexidade: um trajeto antropológico. In: PIMENTA, C.A.M.; MELLO, A.S. (Orgs.). *Encruzilhadas da Cultura: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade*. Taubaté: Cabral Editora, 2013, v. 1, p. 49-70.

_____. *Saberes complexos e educação transdisciplinar*. Revista Educar, Curitiba, nº 32, p.17-27, Editora UFPR, 2008.

CAVALLINI, Marcelo Meirelles. *Agricultura tradicional, composição paisagística e conservação da biodiversidade na região sul mineira: contribuição para o desenvolvimento rural sustentável*. 205 f. Tese (Doutorado em Ciências). UFSCAR, São Carlos, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Editora Vozes. 3ª Edição. Petrópolis. 1998.

_____. *A cultura no plural*. Trad: Enid Abre Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHARTIER. Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER. Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *O mundo como representação. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura política e política cultural*. São Paulo: Estudos Avançados 9 (23), 1995, p.71-84.

COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CORSI, F. L. *Notas Sobre Desenvolvimento e Ecologia*. Estado Novo: Política Externa e Projeto Nacional, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 2007.

COSTA, Ricardo André da. *Determinantes do investimento e produção de cultura nos municípios brasileiros*. Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Federal de Viçosa (UFV). 2016.

CRAVEIRO, Célia; CUNHA, Silva. *Publicidade e alimentação: Mistura explosiva?* Revista Nutrícias, nº07, Associação Portuguesa dos Nutricionistas, Lisboa, 2007.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense. 2000.

DIAS, Marina Cândido. *Inovação, cultura e sustentabilidade: um estudo sobre a economia criativa*. Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). 2014.

DOMINGUES, Andrea Silva; SALLES, Atilio Catosso. *História, Educação e Sociedade*. Pouso Alegre: Univás, 2018.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. *Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

DUL, J.; WEERDMEE STER, B. *Ergonomia prática*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. ENGTRAB – Engenharia e segurança no trabalho, 2005. Disponível em: http://www.engtrab.com.br/riscos_ergonomicos.htm. Acesso em: 17 out. 2019.

EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FALKEMBAC, Elza Maria F. *Diário de campo: um instrumento de reflexão*. In: Contexto e educação. Ijuí, RS Vol. 2, n. 7 (jul./set. 1987), p. 19-24.

FARIA, Helena Mendonça. *Alto e Médio Sapucaí: cenários para o planejamento ambiental*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo (USP). 2007.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez; ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. *Interdisciplinaridade: tempos, espaços, proposições*. Revista e-Curriculum, São Paulo, n.11 v.03 set./dez. 2013.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas “Estado da Arte”*. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº. 79, agosto, 2002.

FICI, Ricardo Petrillo. *As ferrovias brasileiras e a expansão recente para o centro-oeste*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Geografia humana. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). 2007.

FILHO, L. C. P. Fluxos Econômicos e Cadeias Setoriais. 1993. In: REIS, A. C. F; Marco, K. (Orgs). *Economia da cultura: ideias e vivências*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p.71-86. Disponível em: Acesso em: 20 de junho de 2017.

FRANCO, Iara Cordeiro de Melo. *Cartografia das controvérsias: o uso da metodologia para o estudo de conflitos na EaD*. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/269.pdf>.

FREITAS, Marcelo Pinto de; MINETTE, Luciano José. *A importância da ergonomia dentro do ambiente de produção*. IX SAEPRO, Simpósio Acadêmico de Engenharia de Produção. UFV. Viçosa, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais*. Revista do Centro de Educação e Letras. Unioeste, Campus Foz do Iguaçu. V. 10, nº1, p. 41-62, 1º semestre de 2008.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1974.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GIARD, L. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de. (Org). *A invenção do cotidiano - morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GRUZINSKI, Serge. *Acontecimento, bifurcação, acidente e acaso: observações sobre a história a partir das periferias do Ocidente*. In: MORIN, E. (org.) *A religião dos saberes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GUATARRI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34 Ltda. 5ª reimpressão, 2008.

GUSDORF, G. Conhecimento interdisciplinar. In: GUIMARÃES, H, M; POMBO, O; LEVY, T. (Org). *Antologia I*. Lisboa (PO): Mathesis; 1990.

HECK, Marina de Camargo. *Comer como atividade de lazer*. Revista Estudos Históricos, v. 1, n. 33, 2004.

HERBERLE, Melissa; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. *As contribuições de Dick para o estudo da toponímia brasileira*. Revista - ANTARES: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v. 10, n. 21, set./dez. 2018.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IBGE. *Divisão regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões geográficas*. Volume 1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, diretoria de Geociências, departamento de Geografia. Rio de Janeiro, 1990.

IBGE. *Divisão regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias*. Volume 1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, coordenação de geografia. Rio de Janeiro, 2017.

IIDA, Itiro. *Ergonomia: projeto e produção*. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

JUNIOR, Marcos Vinicio Wink. *Ensaio em economia da cultura e da educação*. (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Economia com ênfase em economia aplicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). 2014.

JÚNIOR, Sílvio Barbosa da Silva; FERREIRA, Marcos Antonio Garcia. *Rodovias em áreas urbanizadas e seus impactos na percepção dos pedestres*. Revista: Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (1): 221-237, jun. 2008.

KANG, Thomas H. *Justiça e desenvolvimento no pensamento de Amartya Sen*. Revista de Economia Política, vol. 31, nº 3 (123), pp. 352-369, julho-setembro/2011.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2ª Edição. Ateliê Editorial, São Paulo, 2001.

KRUCKEN, Lia. *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LAGO, Ivann Carlos; ROTTA, Edeimar. *Sobre a relação entre Cultura e Desenvolvimento: alguns apontamentos em defesa do conceito antropológico de cultura*. Redes, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 353-366, setembro-dezembro, 2018.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LATOURETTE, Bruno. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução: Jamille Pinheiros Dias. São Paulo. Editora 34. 1ª edição. 2016.

_____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 24, 4ª edição, 2019.

_____. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru. São Paulo: EDUSC, 2012.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: FONSECA, Thaís N. L. (orgs.). *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

LIMA, Douglas dos Santos Lemos. *Entre atos, rastros e marcas: Cartografia das Controvérsias sobre Design e Artesanato*. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Mestrado). Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). 2016.

LIMA, Vasco de Castro. *A Estrada de Ferro Sul de Minas (1884-1934)*. São Paulo: Copas, 1934.

LISSOVSKY, Maurício. A Fotografia Como Documento Histórico. In: *Fotografia; Ciclo de Palestras sobre fotografias*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983.

LUCENA, Célia Toledo. *Comida e Sociabilidade em festejo sul-mineiro*. Cuiabá, EduDMT, nº 11, 2005.

MARQUES, Cyntia Tavares. *Potencialidades e limitações da aplicação simultânea de aromas e de pigmentos sensíveis ao calor e à luz em artigos de moda praia*. Dissertação de mestrado

em Design e Marketing – opção têxtil, submetida à Universidade do Minho, Portugal, Guimarães, 2004.

MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias – A evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da cultura cafeeira*. Campinas: Pontes, 4ª edição. 1990.

MILANI, Carlos. Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas. In: MILANI, Carlos. *Capital Social, Participação Política e Desenvolvimento Local: atores da sociedade civil e políticas de desenvolvimento local na Bahia*. Salvador, BA, Escola de Administração da UFBA (NPGA/NEPOL/PDGS), 2005.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA, Eduardo; PEREIRA, Rafael Henrique Morais, (Et.al). *O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil*. Cad. Metrop. São Paulo, v. 12, n. 24, pp. 395-415, jul/dez, 2010.

OLIVEIRA, Silas Dorival de. *Dimensões locais do desenvolvimento: elementos para se pensar a cidade de Itajubá, MG*. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Mestrado). Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11 ed. Campinas: Pontes, 2013.

ORTIZ, Renato. A procura de uma Sociologia da prática. In: BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PERIN, Zeferino (organizador). *Desenvolvimento regional: um novo paradigma em construção*. Erechim: EdiFAPES, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. In. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15, nº 29. p. 9-27. 1995.

PETITINGA, C. S. *Mais Definições em Trânsito*. Desenvolvimento Local. Bahia, Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006.

PHILIPPI JR, A. & SILVA NETO, A. J. (Org.) *Interdisciplinaridade em Ciência Tecnologia & Inovação*. 1ªed. Barueri: Manole, 2011.

PIMENTA, C. A. M. *Indicativos de Desenvolvimento do Município de Itajubá, MG: investimentos públicos e privados*. Relatório de Pesquisa. Belo Horizontes, MG, FAPEMIG (Edital Demanda Universal da FAPEMIG / 2013), 2018.

_____. *Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade*. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 10, n. 3. 2014.

_____ ; MELLO, A. S. Para falarmos de cultura. In: PIMENTA, C. A. M; MELLO, A. S (Org). *Encruzilhadas da Cultura*. Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. Taubaté - SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2013. p. 9–24.

_____ ; PEREIRA, Samanta Borges. (Org.) *Turismo e Desenvolvimento: outros caminhos*. 1ª Ed. Volume 1. Porto Alegre: Cirkula, 2017.

PORTA, Paula. *Economia da cultura: um setor estratégico para o país*. Disponível em <http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2008/04/texto-sobre-o-prodec-paula-porta.pdf>.

PRAUDE, Carlos C. *Teoria Ator-Rede e arte*. In: VENTURELLI, S; ROCHA, C. (Orgs.) Anais do 15º Encontro Internacional de arte e tecnologia. Brasília, UnB. 2016.

QUEIROZ, Amadeu. *Memória dos 7 aos 77*. Oficina Gráfica da Ed. Cupolo Ltda, São Paulo, 1956.

RANGEL, Sheila. *A contribuição do turismo para o desenvolvimento de pequenas localidades*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2000.

REIS, A. C. F. *Economia da Cultura e Desenvolvimento: Estratégias nacionais e panorama global*. In: REIS, A. C. F.; MARCO, K. (Orgs) *Economia da Cultura: ideias e vivências*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

RENÓ, Zaluar M.; LIMA, Rosana Meire de; PASSARO, Rosemeyre Maria dos Santos. *Piranguinho: tempos e lugares de cidadania*. Vol. II. Itajubá – MG, Diagrarte editora, 2011.

RIBEIRO JUNIOR, J. *O que é o positivismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

RODRIGUES, Lucas Inácio. *A festa mais doce do Brasil: Piranguinho e o maior pé de moleque do mundo*. In: DOMINGUES, Andrea Silva; SALLES, Atilio Castosso (Org.). *História, Educação e Sociedade*. Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí, 2018, p. 149-163.

_____. *Cidade e memória: o doce “Pé de Moleque” como patrimônio cultural em Piranguinho-MG*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí, 2016.

RORIZ, Priscilla Carvalho de Oliveira. *O trabalho do artesão e suas interfaces culturais - econômicas*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Universidade de Brasília (UnB). 2010.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro, Garamond. 2002.

_____. *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro, Garamond. 2004.

_____. *Espaços, Tempos e Estratégias do Desenvolvimento*. São Paulo, Vértice. 1986.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura da mídia à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Alexandre Augusto Moreira. *Planos municipais e regionais de saneamento básico dos municípios antes do consórcio CIMASA*. CIMASA, Consórcio Intermunicipal dos Municípios da Microrregião do Alto Sapucaí para Aterro Sanitário, Itajubá, 2016.

SANTOS, Luiz Felipe Brizzi. *Controle Social sob a óptica constitucional e os sistemas de vigilância na prevenção e elucidações de delitos*. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Mestrado). Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). 2020.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Rosângela Vieira dos. *Indústria cultural: a mercantilização da arte e da cultura? Mestrado em economia política*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). 2014.

SARAIVA, Camila Nemitz de Oliveira. *Gastronomia, cultura e desenvolvimento: um estudo no município de São Borja*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). 2015.

SAUSEN, Jorge Oneide. *Gestão estratégica, competitividade e desenvolvimento: um olhar a partir das suas inter-relações*. In: SIEDENBERG, Dieter Rugard (org.). *Desenvolvimento sob múltiplos olhares*. Ijuí: Unijuí, 2012. Cap. 5, p. 207 – 267.

SCHIAVINATTO, Mônica. *Desenvolvimento Territorial: inovação ou imposição? Um olhar sobre as abordagens territoriais do desenvolvimento rural na América Latina*. Tese de Doutorado. Brasília, Universidade de Brasília – UnB / Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS, 2013.

SEGATA, Jean. *Resenhas: LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Ilha, v. 14, n. 2, p. 238-243, jul./dez. 2012.

SEN, A.; KLIKSBERG, B. *As pessoas em primeiro lugar: A ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERBENA, Carlos Augusto. *Imaginário, ideologia e representação social*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Nº 52, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dezembro de 2003.

SHATFORD, S. *Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach*. Cataloging & Classification, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SIEDENBERG, Dieter Rugard. *Desenvolvimento sob múltiplos olhares*. Ijuí: Unijuí, 2012.

SILVA, Melissa Zonzon. *Economia Solidária da cultura: estratégias de gestão para a sustentabilidade de grupos culturais*. Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social. Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2017.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: SMIT, J. W. (Org.) *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1989.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. Volume I. São Paulo: Ed. Nova Cultural. Coleção: Os Economistas. 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SOUZA, Natacia Lamoglia de. *Desenvolvimento e cultura: implicações das políticas culturais públicas na dimensão socioprodutiva da microrregião de Itajubá*. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Mestrado). Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). 2018.

TELLES, Antônio A. Q. *Tombamento e seu regime jurídico*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1992.

THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária inglesa*. Editora Paz e Terra. 2ª Edição. Rio de Janeiro. 1988.

_____. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

TOSI, Pedro Geraldo; FALEIROS, Rogério Naques. *Domínios do café: ferrovias, exportação e mercado interno em São Paulo (1888-1917)*. Revista Economia e Sociedade, Campinas, v. 20, nº 2, p. 417 – 442, agosto de 2011.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive Culture*. Inglaterra: Gordon Press, 1871.

VALIM, M. das D. C. A.; BONINI, L. M. de M. (2016). Patrimônio cultural material e imaterial: as rezadeiras da festa do divino em mogi das cruzeiras (São Paulo). *Revista Trama*

Interdisciplinar. Disponível em:
<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9324>.

VEIGA, Camila Loricchio. *Design, Teoria Ator-rede e Artesanato: Estudo da inserção de designers em um contexto artesanal utilizando a Cartografia de Controvérsias*. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Mestrado). Universidade Federal de Itajubá, (UNIFEI). 2016.

VEIGA, José Eli da. *Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

VELHO, G.; VIVEIROS, E. B. C. *O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica*. Artefato: Jornal de Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, Jan. 1978.

VENTURINI, T. *Building on faults: how to represent controversies with digital methods*. Public Understanding of Science, 21(7), p. 796 – 812, 2012.

_____. *Diving in magma: how to explore controversies with actor network theory*. Public Understanding of Science, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

_____; LATOUR, B. *The Social Fabric: Digital Traces and Qualiquantitative Methods*. In Proceedings of Future En Seine 2009. Cap Digital, 2010.

WACQUANT, Loïc. *Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes*. Novos estudos nº 96, julho 2013.

WANDERLEY, Maria Nazareth Braudel. *A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural*. In: GIARRACCA, Norma (org). ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. pp. 31 – 44.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YÁZIGI, Eduardo. *Civilização urbana, planejamento e turismo*. São Paulo: ed. Contexto, 2003.

ANEXOS

01 – RECEITA DO DOCE PÉ DE MOLEQUE

A receita básica¹²⁵ do doce de pé de moleque de Piranguinho/MG, segundo o processo de patrimonialização do saber/fazer, segue as seguintes diretrizes:

INGREDIENTES:

2,5 kg de rapadura

1,5 kg de amendoim torrado e sem casca

300 ml de água

PREPARO:

A rapadura picada é colocada no tacho. Acrescenta-se a água. Neste momento, o fogo é regulado de forma mediana, entre o fogo alto e o baixo. Neste momento, a rapadura em conjunto com a água é constantemente mexida, com o objetivo de dissolver a rapadura.

A partir do início do derretimento da rapadura, são contados cerca de cinco minutos até que seja atingido o ponto ideal. A mistura é fervida por cerca de 20 minutos. Neste momento, a calda deve ser coada e ainda quente para não endurecer. Com a calda devidamente quente, o amendoim já beneficiado (torrado e descascado) é acrescentado. A mistura então é mexida para que o amendoim se espalhe de forma homogênea com a calda.

A mistura é então espalhada sobre uma pedra forrada com plástico, onde descansa por cerca de 15 a 20 minutos. Após este processo, o doce está pronto para ser cortado em pedaços e embalado. Para fazer o pé de moleque com amendoim moído o processo é o mesmo. Para isso, basta aumentar a quantidade de água de 300 ml para cada meio litro de calda.

¹²⁵ Os dados da receita básica para se fazer o doce foram encontrados no “Relatório de Registro do Patrimônio Imaterial”, no quadro de “Salvaguarda e Promoção”. Esse relatório foi cedido por C. M. C.

ANEXOS

02 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este estudo está sendo realizado por Lucas Inácio Rodrigues, mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), juntamente com o professor orientador Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta e o professor coorientador Dr. Adilson da Silva Mello. A pesquisa é intitulada: “Desenvolvimento, cultura e território: o doce pé de moleque em Piranguinho/MG – entre os saberes e o artefato.”

O objetivo geral foi o de compreender as concepções de desenvolvimento associadas às dimensões do local e da sustentabilidade que norteiam as formas organizativas socioculturais e político-econômicas no município de Piranguinho e suas influências na construção da identidade local, levando em conta os saberes presentes para o desenvolvimento do artefato “pé de moleque”.

Especificamente os objetivos traçados são:

1. Refletir as ações direcionadas pelo poder público local e os agentes privados para o desenvolvimento de Piranguinho. Nesse ponto, propusemos analisar como o poder público local e os agentes privados, que são no caso os empresários donos dos empreendimentos, visualizam suas atitudes para geração de desenvolvimento.
2. Compreender o processo de construção do imaginário social dos moradores sobre o lugar. Aqui, pretendemos refletir sobre o sentimento de pertencimento e identificar quais perspectivas sobre o local são compreendidas pelos próprios moradores. A identidade cultural local foi compreendida por meio de aspectos históricos, não podemos desvincular a história da identidade local.
3. Compreender a construção do campo denominado “Economia da Cultura”, a partir da análise dos saberes e fazeres presentes no processo de produção do doce e com isso construir redes de relações presentes em todo o processo por meio das Cartografias de Controvérsias.

Sobre o (a) participante da pesquisa, considera-se o seguinte:

A) a participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) participante pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento, o que garante sua autonomia;

- B) sua participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista com perguntas semiestruturadas;
- C) os dados coletados nas entrevistas semiestruturadas serão utilizados apenas dentro do contexto desta pesquisa e os resultados poderão ser divulgados em eventos ou revistas científicas;
- D) os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa e ficarão arquivados com o pesquisador responsável.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento que comprova a sua permissão. Será necessária a sua assinatura para oficializar o seu consentimento. Ele encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida para o (a) participante.

Ressalta-se que a sua valiosa colaboração é muito importante e, a seguir, será apresentada uma Declaração e, se o (a) participante estiver de acordo com o conteúdo da mesma, deverá assiná-la, conforme já lhe foi explicado anteriormente.

DECLARAÇÃO

Declaro estar ciente do inteiro conteúdo deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

NOME COMPLETO DO (A) PARTICIPANTE:

ASSINATURA DO (A) PARTICIPANTE:

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Piranguinho, _____ de _____ de _____

Para possíveis informações ou esclarecimentos a respeito da pesquisa, você poderá contatar: Lucas Inácio Rodrigues, mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade na Universidade Federal de Itajubá pelo e-mail: lucaas.inacoo12@gmail.com

ANEXOS

03 – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO – BARRACAS – PRODUTORES

1. Qual o histórico da sua produção?
2. Qual o processo de produção do pé de moleque?
3. Quais materiais são utilizados? De onde vêm os materiais? Se não são de oriundos de Piranguinho, por que não são produzidos localmente?
4. Você utiliza alguma inovação? Explicar.
5. Quantas e quais pessoas participam do processo de produção?
6. Como a fábrica é organizada?
7. Qual o escoamento da produção?
8. Qual a importância da produção para o desenvolvimento de Piranguinho? O que é desenvolvimento para você?
9. Há alguma dificuldade no processo de produção?
10. Há alguma relação/associação entre os produtores de pé de moleque?

04 – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO – POLÍTICOS/GESTORES/ESTUDIOSOS

1. Qual o histórico da produção do pé de moleque em Piranguinho?
2. Qual a importância da produção do pé de moleque para o desenvolvimento de Piranguinho? O que é desenvolvimento para você?
3. Há alguma relação/associação entre os produtores de pé de moleque?
4. Como foi a oficialização do processo artesanal de fabricação do pé de moleque como patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais?
5. Quais são as políticas públicas relacionadas ao pé de moleque?

ANEXOS

05 – PARTICIPANTES DO CIRCUITO TURÍSTICO CAMINHOS DA MANTIQUEIRA (CTCM)

Cidade	Características
<i>Brazópolis</i>	Além da importância científica por conta do Observatório Nacional de Astrofísica, detém de vários aspectos culturais ímpares como a produção de banana e de artesanatos a partir desta cultura. O distrito de Luminosa faz parte do roteiro turístico do “Circuito Caminhos da Fé”.
<i>Cristina</i>	Destaca suas belezas naturais, com matas nativas e cachoeiras, e arquitetônicas, reveladas em seus casarões imperiais, praças e monumentos tombados. O café é seu principal produto pelo qual nasceu o “Festival Café com Música”, evento realizado anualmente no feriado de Corpus Christi.
<i>Delfim Moreira</i>	Está localizada no alto da Serra da Mantiqueira, ofertando aos visitantes paisagens deslumbrantes, cachoeiras, picos e bosques naturais de Mata Atlântica e de araucárias centenárias.
<i>Itajubá</i>	O Turismo Tecnológico e do Conhecimento são impulsionados pelas instituições qualificadas nos domínios de novas tecnologias e da educação, destacando o município no desenvolvimento tecnológico e na construção do saber.
<i>Maria da Fé</i>	É conhecida por conta da sua produção de batata e mais recentemente a produção de oliveira para a confecção do azeite, além das atividades artesanais reconhecidas na região e o frio que atraem turistas em fases específicas do ano.
<i>Marmelópolis</i>	Destaca-se com o cultivo do marmelo, pêra, pêsego e ameixa e a criação de trutas, chegando a registrar baixas temperaturas. Também se destaca a prática do Turismo de Aventura.
<i>Piranguçu</i>	Destaca-se em sua beleza natural, de cavalgadas, cachoeiras e trilhas, além dos doces confeccionados de forma artesanal.
<i>Piranguinho</i>	A cidade do ‘Pé de Moleque’, doce produzido artesanalmente há mais de 80 anos, reconhecido como Patrimônio Imaterial de Minas Gerais e Produto Âncora de Identidade Gastronômica do Circuito Turístico Caminhos do Sul de Minas, uma iguaria típica e única que confere fama internacional ao município.
<i>Virgínia</i>	Destaca-se pelo cultivo de frutas, e tem como atração especial a Exposição Agropecuária, festa anual com torneio leiteiro, mostras de artesanato e desfiles de cavaleiros. As cachoeiras dos Padres, do Caeté, do Mingu e a Cachoeira Grande, são aportes turísticos da cidade.

Fonte: Circuito Turístico Caminhos da Mantiqueira, organização em tabela pelos autores. (2020)

ANEXOS

06 – CIRCUITOS TURÍSTICOS - CAMINHOS DA FÉ (CTCF) E SERRAS VERDES DO SUL DE MINAS (CTSV)

Cidade	Características
<i>Consolação</i>	Participa do “Circuito Turístico Caminhos da Fé”, devido sua localização geográfica e também sua histórica religiosidade. Também participa do “Circuito Turístico Serras Verdes do Sul de Minas” sendo a menor cidade do circuito, com destaque para cachoeiras selvagens e matas fechadas, mantém as tradições culturais típicas.
<i>Paraisópolis</i>	Também participa dos dois circuitos turísticos citados acima, destacando a diversidade paisagística e a figura de Amílcar de Castro, artista plástico reconhecido e prestigiado no mundo todo.

Fonte: Circuitos Turísticos Caminhos da Fé e Serras Verdes do Sul de Minas, organização em tabela pelos autores. (2020)

07 – ESTRADA REAL (CTER)

Cidade	Características
<i>Dom Viçoso</i>	Destaca-se nas atividades voltadas ao ecoturismo devido à sua exuberante natureza. A manifestação cultural da cidade é marcada principalmente por festas religiosas.
<i>Wenceslau Braz</i>	Com pouco menos de três mil habitantes, as atrações turísticas da cidade giram em torno de passeios naturais com reservas ecológicas recheadas de trilhas e cachoeiras.

Fonte: Circuitos Turísticos Estrada Real, organização em tabela pelos autores. (2020)